

JULIANA CRISTINA DA FONSECA BAPTISTINI

**COMENTÁRIOS DE BLOGS SOBRE**  
**SEXUALIDADE E GÊNERO:** um estudo das  
subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no  
ciberespaço



ARARAQUARA – S.P.  
2017

JULIANA CRISTINA DA FONSECA BAPTISTINI

**COMENTÁRIOS DE BLOGS SOBRE  
SEXUALIDADE E GÊNERO:** um estudo das  
subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no  
ciberespaço

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

**Orientadora:** Débora Raquel da Costa Milani

ARARAQUARA – S.P.  
2017

Baptistini, Juliana Cristina da Fonseca  
Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero:  
um estudo das subjetividades acerca das relações de  
gênero desveladas no ciberespaço / Juliana Cristina  
da Fonseca Baptistini – 2017  
191 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação  
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras  
(Campus Araraquara)

Orientador: Débora Raquel da Costa Milani

1. Blogs. 2. Ciberespaço. 3. Relações de Gênero. 4.  
Relações de Poder. 5. Subjetividade. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Nesta dissertação se utiliza as regras da APA – American Psychological Association  
(Associação Americana de Psicologia).

JULIANA CRISTINA DA FONSECA BAPTISTINI

# **COMENTÁRIOS DE BLOGS SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO:** um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

**Orientadora:** Débora Raquel da Costa Milani

Data da defesa: 07/12/2017

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora:** **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora Raquel da Costa Milani**  
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP.

---

**Membro Titular:** **Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Fábio Tadeu Reina**  
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP.

---

**Membro Titular:** **Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Paulo Cesar Cedran**  
Centro Universitário Moura Lacerda

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico aos amores da minha vida*

*Mãe*

*Pai*

*Irmã*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha querida orientadora Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani, por todo o apoio prestado. Minha eterna admiração e carinho.

A Deus e à Maria que, imbuídos de amor, estão sempre presentes em minha vida.

Ao meu pai Affonso e à minha mãe Lázara que me concederam todo o alicerce e incentivo regado de inefável amor.

À minha irmã Amanda, grande parceira, ser repleto de luz que caminha sempre ao meu lado, minha fonte de inspiração.

Ao meu avô Professor Affonso Baptistini Filho que, em sua passagem na terra, me ensinou muito, sobretudo, a importância do amor pela leitura e pelo conhecimento.

Aos docentes que tão gentilmente compuseram a banca, Professor Dr. Paulo Cesar Cedran e Professor Dr. Fábio Tadeu Reina, agradeço profundamente às valiosas contribuições.

À Professora Dra. Andreza Marques de Castro Leão, ser humano incrível e cativante, toda a minha gratidão pela inestimável amizade.

Agradeço os valiosos conhecimentos compartilhados pelo Professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, sobretudo, pelo suporte sensível e afável.

Aos professores e professoras que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

À Rita de Cássia Vieira Borges, pela parceria construída e amizade dedicada.

Ao amigo Ernesto Didone Neto, por toda orientação tecnológica.

Às amigas do coração, Nayara Ramos, Regiane Rossi, Andreia Saccharo, Fabiana Prenhaca, Stephanie Gonçalves e Priscila Martins.

A todos/as que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação, meus sinceros agradecimentos.

*“A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente.”*

Chimamanda Ngozi Adichie (2015, p.28).

BAPTISTINI, J.C.F. **Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero: um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço.** 2017. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017.

## RESUMO

Os blogs como fenômeno contemporâneo disponibilizam recursos para o registro de expressões a bel-prazer; modos de pensar apresentados podem ser conhecidos a partir de discursos textuais publicados em espaços reservados aos comentários. Neste contexto, sob o prisma dos resquícios históricos das desigualdades de direitos, o presente estudo tem por objetivo analisar comentários publicados em blogs que tratam de assuntos de sexualidade e gênero, buscando investigar subjetividades acerca dos papéis sociais que permeiam as relações de gênero difundidas no ciberespaço, bem como as construções de significados socioculturais, visando compreender as percepções acerca das relações sociais rumo à construção de uma sociedade mais equânime entre homens e mulheres. Para compor o *corpus* da pesquisa foram analisados 61 comentários publicados em blogs populares delimitados pelo recorte das relações feminino-masculino, os quais tratam de significações relativas às representatividades sociais de gênero demarcadas pelas subjetividades fundadas que denotam os conceitos de diferença, igualdade, desigualdade e equidade. A partir do método de análise de conteúdo de Laurence Bardin, os dados digitais coletados foram organizados em quatro categorias: representação social, percepções das relações de gênero, motivações das desigualdades e perspectivas de equidade entre homens e mulheres. Os resultados desvelaram padrões sociais alicerçados numa perspectiva binária revelando sentimentos de insatisfação diante da imposição de modelos socioculturais de feminilidade e masculinidade. Pôde-se observar que as subjetividades carregam resquícios históricos fundados pelo patriarcado e pautados nas relações de poder. Descortinam-se sob o padrão heteronormativo subjetividades hegemônicas que exacerbam valores provenientes de ideologias que disseminam percepções

definidas como verdades absolutas, compreendidas a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Entendendo o blog como recurso propiciador de ideários e das possibilidades que o ciberespaço oferece no tocante à propagação de saberes, esta pesquisa busca contribuir com possíveis transformações sociais. Com a produção do e-book intitulado “Blogs para a equidade de gênero: possibilidades em democratizar reflexões”, conduzido por uma linguagem objetiva e entusiasta é proposto a ampliação de reflexões no ciberespaço cuja intenção é provocar iniciativas que estimulem debates frutíferos para a desconstrução de hierarquizações e distinções baseadas e sedimentadas no sexo biológico.

**Palavras-chave:** Blogs. Ciberespaço. Relações de Gênero. Relações de Poder. Subjetividade.

BAPTISTINI, J.C.F. **Comments on blogs about sexuality and gender: a study of subjectivities about gender relations unveiled in cyberspace.**2017. 191f. Dissertation (MA in Sexual Education) – UNESP, Sciences and letters University, Araraquara, 2017.

### ABSTRACT

Blogs as a contemporary phenomenon provide resources for registering expressions at will; presented ways of thinking can be known from textual discourses published in spaces reserved for comments. In this context, under the prism of the historical vestige of inequalities of rights, the present study has the object to analyze comments published on blogs dealing with sexuality and gender issues, seeking to investigate subjectivities about the social roles that permeate the gender relations propagated on cyberspace, as well as the constructions of sociocultural meanings, aiming to understand the perceptions about social relations towards the construction of a more equitable society between men and women. To compose the *corpus* of the research, 61 comments that were published in popular blogs were analyzed delimited by the cut of the female-male relations, which deal with meanings related to the social representations of gender demarcated by established subjectivities that denote the concepts of difference, equality, inequality and equity. From Laurence Bardin's method of content analysis, digital data collected were organized into four categories: social representation, perceptions of gender relations, motivations of inequalities and perspectives of equity between men and women. The results show social patterns grounded on a binary perspective revealing feelings of dissatisfaction against the imposition of sociocultural models of femininity and masculinity. It could be observed that subjectivities carry historical vestige founded by patriarchy and based on power relations. Under the heteronormative pattern it is evidenced hegemonic subjectivities that exacerbate values derived from ideologies that disseminate perceptions defined as absolute truths, understood from the biological differences between men and women. Understanding the blog as a propitiator

resource of ideas and the possibilities that cyberspace offers with regard to the propagation of knowledge, this research seeks to contribute with possible social transformations. With the production of the e-book titled "Blogs for Gender Equity: possibilities in democratizing reflections", conducted by an objective and enthusiastic language, it is proposed the magnification of reflections in cyberspace in which intention is to provoke initiatives that stimulate fruitful debates for the deconstruction of hierarchy and distinctions based and sedimented on the biological sex.

**Keywords:** Blogs. Cyberspace. Gender Relations. Power Relations. Subjectivity.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Blogs selecionados	43
<b>Quadro 2</b>	Categorias/Subcategorias	46

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Diagrama do método de análise	44
-----------------	-------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>TD</b>	Tecnologias Digitais
<b>TDIC</b>	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
<b>TIC</b>	Tecnologias da Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Blogs: alguns conceitos .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Blogs de sexualidade e gênero: algumas interfaces.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 Historiografia acerca do papel social instituído ao homem e à mulher: dos primórdios até a contemporaneidade.....</b>	<b>20</b>
<b>1.4 Relações de gênero: construção social.....</b>	<b>30</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 Objetivo geral.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>40</b>
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>41</b>
<b>3.1 Objeto de estudo.....</b>	<b>42</b>
<b>3.1.1 Blogs .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 Procedimentos de análise .....</b>	<b>44</b>
<b>3.3 Categorias .....</b>	<b>45</b>
<b>4. CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: comentários dos blogs.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>4.1.1 Padrão social normativo.....</b>	<b>49</b>
<b>4.1.2 Estereótipos: figura feminina e figura masculina .....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.3 Imposições comportamentais .....</b>	<b>60</b>
<b>4.2 PERCEPÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>63</b>
<b>4.2.1 Relações com o gênero oposto .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2.2 A mulher .....</b>	<b>67</b>
<b>4.2.3 O homem.....</b>	<b>70</b>
<b>4.2.4 Constructo social.....</b>	<b>73</b>
<b>4.2.5 Relações contemporâneas.....</b>	<b>78</b>
<b>4.2.6 Conflitos das relações .....</b>	<b>84</b>

<b>4.3 MOTIVAÇÕES DAS DESIGUALDADES .....</b>	<b>87</b>
<b>4.3.1 Sociedade patriarcal .....</b>	<b>87</b>
<b>4.3.2 Fatores biológicos.....</b>	<b>93</b>
<b>4.3.3 Feminismo.....</b>	<b>99</b>
<b>4.4 EQUIDADE DE DIREITOS.....</b>	<b>103</b>
<b>4.4.1 Estudos de gênero .....</b>	<b>104</b>
<b>4.4.2 Escola .....</b>	<b>108</b>
<b>4.4.3 Equidade .....</b>	<b>109</b>
<b>5. COMPILANDO REFLEXÕES: possíveis entrelaçamentos.....</b>	<b>114</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE A – (E-BOOK) BLOGS PARA A EQUIDADE DE GÊNERO: possibilidades em democratizar reflexões.....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>168</b>
<b>ANEXO A – COMENTÁRIOS: blog da Regina Navarro .....</b>	<b>169</b>
<b>ANEXO B – COMENTÁRIOS: blog da Jarrid Arraes .....</b>	<b>185</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas disposições transitórias, as vicissitudes cada vez mais desenfreadas na vida das pessoas corroboram as transformações sociais e culturais, postulando modos de pensar e agir, sobretudo, nas formas de ser e estar no mundo.

Diante do arcabouço de transformações socioculturais, podemos destacar as tecnologias digitais<sup>1</sup> que vêm desde seu surgimento projetando novas tendências, novas formas de expressão, de comunicação, de entretenimento e de formação, dentre outras vertentes inerentes à vida das pessoas.

De acordo com Vieira (2002), os sistemas digitais podem ser compreendidos como tecnologias indispensáveis para compartilhar, distribuir e reunir informações, possibilitando a comunicação entre pessoas intermediadas pelo uso de computadores interconectados via internet.

Nesse sentido, a facilidade de acesso à internet possibilitou a proliferação das redes e mídias sociais, fenômeno pela qual contribuiu para a popularização dos blogs. Observa-se hodiernamente que os blogs proporcionam à/ao usuária/o dessa tecnologia espaço para registrar o que lhe for de desejo expressar. Cada vez mais pessoas estão utilizando esse recurso tanto para fins de cunho pessoal quanto profissional.

Esse contexto nos despertou pela busca de subjetividades acerca dos papéis sociais que permeiam as relações entre gêneros difundidas no ciberespaço. Esse último termo faz referência “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (Lévy, 1999, p.17).

---

<sup>1</sup>Empregamos a terminologia tecnologias digitais (TD), mas esta confere mesmo sentido aos termos tecnologias da informação e comunicação (TIC) e tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC).

Nessa busca discorreremos sobre as relações que abarcam homens e mulheres, para tanto, adotamos o conceito proposto por Scott (1990), segundo o qual gênero constitui uma construção histórica e social, baseada nas características biológicas dos seres humanos nascidos como machos e fêmeas, fundando a organização da sociedade que naturaliza as relações de dominação das mulheres pelos homens, sustentando as desigualdades sociais.

Temos como pressupostos, que é histórico e cultural, as relações de desigualdades sociais entre homens e mulheres, no entanto, a reflexão sobre o assunto contribui para as transformações de atitudes e comportamentos sociais que atenuem as disparidades de direitos e deveres das pessoas em função do gênero ao qual pertencem. (Leão, 2009).

Concordamos com Rossi (2010) ao exaltar a importância da reflexão e compreensão das relações de gênero, ligadas a preconceitos, exclusões e violência velada, fortemente veiculadas pelas tecnologias.

A partir das perspectivas supracitadas, nos propomos a analisar, com base em aportes teóricos pós-estruturalista<sup>2</sup>, comentários publicados em blogs que contenham características peculiares, singulares, sobretudo, de opinião pessoal dos/as comentaristas fundadas por suas subjetividades acerca de gênero. Para tanto, delimitamos o estudo a partir do recorte das relações feminino-masculino.

Para tal, selecionamos comentários que tratam de assuntos acerca das relações de gênero e sexualidade para tentarmos compreender como as relações das diferenças e das hierarquizações são propagadas nas redes digitais.

Por conseguinte, investigamos as significações de ser homem e de ser mulher em detrimento das relações disponíveis pelas tecnologias digitais, pois: “[...] na medida em que o conceito [gênero] afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o

---

<sup>2</sup>A perspectiva pós-estruturalista não abarca generalizações e afirmações universais, mas compreende as singularidades e pluralidades. (Louro, 2007).

empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando.” (Louro, 1997, p. 23).

Ao nos debruçarmos na literatura com o desenvolvimento deste estudo, revisitamos a historiografia dos papéis sociais instituídos ao homem e à mulher ao longo do tempo, os estudos de gênero e as intrínsecas relações de poder para discorrermos acerca dos processos constitutivos das relações entre gêneros. Consideramos que: “[...] cada sociedade, em cada momento histórico, atribui sentido e significado para as diferenças biológicas entre homens e mulheres, definindo o que é ser homem e o que é ser mulher.” (Carradore & Ribeiro, 2004, p.4). Desse modo, analisar o caráter relacional das categorias de gênero torna-se imprescindível para compreendermos a percepção do feminino em relação ao masculino e vice-versa, e, também, a dimensão da sexualidade humana com base na conscientização das influências sociais e culturais, já que somos seres mutáveis e plurais.

Lembramo-nos da possibilidade do anonimato oferecido por muitos blogs, o qual pode possibilitar sinceridades, que talvez, sem ele não haveria. Viabiliza, desse modo, discursos de intimidades e arguições sem a necessidade de identificação. Sentimentos, segredos não encontram dificuldades de serem expostos, pois não passam pelo constrangimento das relações face a face e pelo medo da rejeição. Logo, o pseudo distanciamento atenua tais sentimentos. (Schittine, 2004).

Imersos numa era em que “tudo”, compulsoriamente, deve ser publicado, como uma necessidade primária e de inclusão social, pesquisamos blogs populares demasiadamente comentados que tratam de assuntos de sexualidade e gênero, buscando identificar as pluralidades entre os polos feminino e masculino que permeiam e são propagados pelas tecnologias digitais.

O estudo se movimenta em direção ao seguinte questionamento norteador da pesquisa proposta: as vozes que ecoam a partir dos comentários sugerem que seguimos rumo à

construção de uma sociedade mais equânime entre gêneros — seres diferentes gozando dos mesmos direitos — ou à exacerbação de valores proeminentes influenciados por ideologias e resquícios culturais propagando compreensões hegemônicas e definidas. Buscaremos, portanto, ao longo deste estudo, subjetividades que indiquem no cerne do recorte proposto, aproximações no tocante à equidade entre homens e mulheres.

### **1.1 BLOGS: alguns conceitos**

De acordo com Schittine (2004) blog é um meio de comunicação e de interação entre escritor/a e leitor/a, ao passo que, “o escrito íntimo vai ser vinculado através da rede por um autor e terá um grupo de leitores que contribui ou opina diretamente no texto.” (p.13).

Além das características mencionadas, pode-se haver também uma pseudo-interação, pois muitas vezes, utilizam-se desse recurso tecnológico para externalizar sentimentos, provocar e até mesmo desabafar como principal propósito.

O blog constitui a representação de um de diário íntimo, ao disponibilizar espaço de expressão aos/às blogueiros/as [como são denominados/as], fomentam discursos textuais de extensões irrestritas, ultrapassando as barreiras geográficas e ampliando as redes de contatos. Na atual conjuntura, “o diário deixa de fazer parte da esfera íntima e se abre para a esfera pública.” (Schittine, 2004, p.31).

Partindo-se desse viés, a autora supracitada esclarece que o blog permite ao/à blogueiro/a conhecer a opinião do/a seu/sua leitor/a, pois “a intimidade é compartilhada, mas entre o diarista [blogueiro/a] e seu público existe um vidro que não é permeável: a opaca tela do computador. Por trás dela está cada observador, cada indivíduo isolado no seu ambiente.” (p.47).

Em relação aos benefícios, os blogs possuem interfaces muito mais dinâmicas que os sites, além disso, apresentam fácil usabilidade para a criação e manutenção, além de

possuírem baixo custo (na maioria das vezes, não há custo algum, pois muitas plataformas de hospedagens não cobram os serviços). (Friederichs, 2008).

Com base nos registros de blogs, podemos conhecer visões de mundo, concepções, subjetividades, pois estamos interconectados, há aproximação das pessoas “embora na vida real continue mantendo o afastamento do estranho, no campo virtual a aproximação acontece apoiada na segurança da distância.” (Schittine, 2004, p. 97).

Proferir modos de pensar, discursar opiniões e concepções se torna cada vez mais comum no ambiente virtual devido à simplificação do contato e da abrangente acessibilidade.

Como recurso tecnológico, podem abarcar infindáveis temáticas. Segundo Gomes (2005), os blogs abrangem diversas abordagens, das específicas às mais gerais, pois são criados com objetivos de naturezas distintas. Além do mais, esse recurso possibilita a inclusão de comentários, possibilidade esta que muito nos interessa, já que se trata do universo de estudo que propomos analisar.

Araújo (2014) assegura que:

Os blogs podem possuir particularidades diversas, mas em grande parte das situações existe a oportunidade da relação entre os criadores e usuários por meio do link comentários, que é um forte causador do sucesso e reconhecimento dos blogs. Ao ser acionado o link comentários, mostra uma opção onde os usuários têm a possibilidade de se expor, gerando opiniões, julgamentos ou propostas sobre as mensagens lidas. (p. 28).

Como exposto, compreendemos o blog como um espaço de interação que permite aos/às seguidores/as e aos/às leitores/as, pronunciamentos, trocas de ideias e, sobretudo, pujantes posicionamentos de percepções e subjetividades.

Essa interação “gera um relacionamento em via dupla entre um autor disposto a contar sua vida íntima a um público desconhecido e um público que se propõe a ler sobre ela e a comentá-la.” (Schittine, 2004, p.16).

Podemos, portanto, aferir que, por meio da internet e de suas tecnologias, “as pessoas podem trocar ideias e opiniões sem serem vistas.” (Schittine, p.31). Desse modo, os comentários podem conter conteúdos no sentido a apoiar ou criticar as postagens acerca do debate dado na seção reservada para essa finalidade.

É nesse sentido que adentramos aos universos dos blogs, os quais abordam temáticas de sexualidade e gênero buscando por paradigmas que permeiam tais temáticas.

## **1.2 BLOGS DE SEXUALIDADE E GÊNERO: algumas interfaces**

Nas palavras de Friederichs (2008), os blogs permitem demonstrar as relações e representações, do corpo, da sexualidade e de gênero, pois expressam valores, significados culturais e sociais.

Logo, os blogs de sexualidade e gênero podem deixar mais aparente,

as relações de poder e os procedimentos para dar significado que orientam os indivíduos sobre as classes sociais a serem exercidas, as maneiras de ser e vivenciar seus corpos. Visitar um site e acessar um blog é o suficiente para entender o seu funcionamento enquanto elemento cultural que mostra maneiras de enxergar a vida e a sua posição no mundo, como o indivíduo compreende seu corpo carregado de significados e as posições sociais por meio de figuras, representações, documentos e comentários. (Araújo, 2014, p.30).

Para tanto, admitimos que:

A rede digital é uma tecnologia de poder sobre o corpo, é um instrumento com ação discursiva forte o suficiente para deslocar e inserir o sujeito em enunciações paradigmáticas (relativo a modelos) que se movem por redes de informação de origem diversa e que por serem externas ao sujeito produzem efeitos de sentido e patrocinam a elaboração de determinadas subjetividades, ou sujeitos, com funções determinadas para campos de enunciação específicos. (Santos, 2014, p.65).

Segundo Santos (2014), a interação do leitor com um texto possibilita ao discurso textual manuseio a seu bel-prazer, podendo expressar desejos pessoais e percepções singulares.

É importante salientar as influências exercidas pela sociedade e pela cultura, aos discursos textuais, muitas vezes, encontrados no ciberespaço imperando subjetividades, as quais apresentam “[...] condição de produção, o próprio pensamento, a dinamicidade da rede e a influência histórica e ideológica produzida pelos membros que circulam no mundo virtual.” (Santos, 2014, p.76).

A constatação do autor supracitado tangencia reconhecer que as subjetividades na contemporaneidade dependem, cada vez mais, das diversas tecnologias que permeiam a sociedade, portanto, “nenhuma relação de produção humana: a opinião, o pensamento, os afetos podem ter a pretensão de escapar à influência invasiva da ‘assistência do computador’.” (Santos, 2014, p.77), servindo, assim, como “[...] uma ferramenta apenas para expressão das vontades e desejos pessoais, uma via de expressão das fantasias, uma válvula de um querer e desejar anárquica quase sempre.” (Santos, 2014, p.81). Em detrimento desse contexto, aspectos acerca de gênero e sexualidade, comumente, são expostos sem critérios de produção e postagens, muitas vezes, de forma banalizada.

### **1.3 HISTORIOGRAFIA ACERCA DO PAPEL SOCIAL INSTITUÍDO AO HOMEM E À MULHER: dos primórdios até a contemporaneidade**

O papel social do homem e da mulher não é dado, tampouco natural, mas social e culturalmente construído. Além do mais, o papel social do homem e da mulher não é o mesmo desde os primórdios da humanidade, mas é, historicamente, construído num sentido temporal. No decorrer do processo histórico, os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher se modificaram, adquiriram ressignificações e permanências enraizadas.

Nesse sentido, pontuamos que a construção dos papéis sociais masculinos e femininos é pautada no aspecto relacional, ou seja, ambos se influenciam, mutuamente, em sua constituição. Cada sociedade, com suas particularidades, institui papéis sociais masculinos e femininos parametrizados à sua cultura. Para Louro (1997), “[...] as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constrói sobre os sexos.” (p.21).

Alambert (2004) afirma que não havia, na pré-história, uma clara distinção entre os papéis sociais masculinos e femininos. Segundo a autora, não é possível afirmar que existiam desigualdades entre homens e mulheres na época em que viviam em pequenas hordas e tribos.

Nesse período, o meio ambiente se configurava de forma hostil, de modo que a solidariedade e a estreita união se faziam necessárias para a defesa de perigos da natureza, pois o sujeito delegado à margem acabava perecendo, não havia, até então, uma superioridade declarada entre homens e mulheres. (Alambert, 2004).

De acordo com Blanc (2013), na época dos primatas, homens e mulheres viviam em comunhão, se ajudavam e defendiam uns aos outros, ambos lutando pelo próprio sustento. As crianças pertenciam a todos, não existia o conceito de pai e mãe, todos cuidavam da prole. No decorrer do tempo, os seres foram se agrupando e formando a sociedade. Conseqüentemente,

as diferenças de opiniões e os diversos pontos de vistas foram se rearranjando, desse modo, as primeiras manifestações sociais começaram a se apresentar. (Blanc, 2013).

Alambert (2004) assevera que a divisão social dos papéis femininos e masculinos foi originada pela evolução da humanidade para a formação das comunidades, as genes comunitárias consistiam na integração de grandes grupos humanos ligados por meio do parentesco dividindo-se em clãs.

Nessa modalidade de organização, a mulher trabalhava a terra, domesticava os animais, cuidava das crianças, dos velhos e doentes, utilizava o fogo para preparar unguentos, enquanto o homem partia à caça de alimentos. (Alambert, 2004).

Na religião primitiva, segundo Blanc (2013), o papel principal cabia às deusas, estas representavam a fertilidade e eram veneradas pelo poder da procriação.

Nesse sentido, o papel social das mulheres na sociedade primitiva possuía certo destaque, apesar de não haver uma assimetria de poder, a maternidade concedia à mulher o dom de gerar a vida, era símbolo da fertilidade. (Blanc, 2013).

Nas palavras do autor supramencionado, as sociedades tidas como igualitárias, no período pré-histórico, são pouco conhecidas, devido à disparidade da produção historiográfica centrada nas relações de gênero. O homem dominou a construção dos discursos sobre os gêneros, sobretudo, a respeito da mulher, a construção histórica dos discursos foi, arbitrariamente, “esquecida”, marginalizada, delegada ao segundo plano.

Em conformidade com os apontamentos de Stearns (2010), nos primórdios da humanidade, homens e mulheres viviam da caça e da coleta, organizando-se em pequenos e dispersos grupos, cenário modificado com a introdução da agricultura como base da economia, imprimindo novas necessidades e oportunidades econômicas que incidiram, significativamente, sobre a organização social advindas da nova forma de produção.

Segundo Saffioti (2004), o conceito que se tem hoje de patriarcado surgiu com as mudanças das ferramentas produtivas da agricultura, com a criação do arado, recurso pelo qual facilitou o processo produtivo nesse período, portanto, a exploração e a dominação dos homens sobre as mulheres deu seu início. (Saffioti, 2004).

Dada a complexidade de abarcarmos a totalidade das sociedades e, conseqüentemente, dos papéis sociais de homens e mulheres, devido à vastidão dos povos existentes, propomos um delineamento para a compreensão dos papéis sociais na Idade Antiga. Dessa forma, nos restringimos aos papéis sociais do Egito, Grécia e Roma Antiga.

Segundo Balthazar (2011), o Egito Antigo pode ser classificado como uma sociedade patriarcal, pois havia supremacia do masculino sobre o feminino. Mas, antes de discorrermos acerca dos papéis sociais no Egito Antigo, é preciso compreender a rígida hierarquia que compunha a sociedade egípcia da época. No topo da pirâmide social, estavam os deuses, pertencentes à esfera divina, no que diz respeito à esfera humana, abaixo dos deuses, estavam os faraós, “mediadores” entre os deuses e os homens. A família real se encontrava no topo da pirâmide. Logo abaixo, situavam todos os cargos burocráticos do governo faraônico. Mais abaixo estavam os artesãos, artistas e outras profissões consideradas menores. A porção final da pirâmide era composta pelos camponeses e, mais abaixo, os escravos. (Balthazar, 2011).

De acordo com o mesmo autor, as mulheres não compunham uma camada social distinta, estavam presentes em todas as camadas, desde o topo da pirâmide, como integrante da família real, até a base da pirâmide, inseridas entre os camponeses.

Quanto aos faraós, estes eram detentores de um poder divino, delegado pelos deuses, a mulher rainha, em consequência, por extensão desse poder, não era concebida como mera mortal, mas dotada de atributos divinos, e complementava o papel do rei. (Balthazar, 2011).

Essa ideia de complementaridade dos papéis sociais entre homem e mulher na posição social da realeza era marcada por conta do papel destinado à deusa Ísis na cosmogonia

egípcia. Isso dava à mulher, sobretudo por ser mãe e esposa de um faraó, considerado de certa forma divino, um caráter divino também. A briga entre os deuses Osíris e Seth somente conseguiu obter uma vitória legítima após a ação de Ísis. Nesse sentido, os papéis da mulher e do homem se complementavam. (Balthazar, 2011).

O autor anteriormente mencionado declara que a herança do trono egípcio era assegurada pela matrilinearidade, ou seja, pela linhagem feminina. Aliás, essa regra não se aplicava, somente, à família real egípcia, mas também a todas às famílias do Egito Antigo. A propriedade familiar era passada de mãe para filho, cedia à mulher, de certa forma, o poder de exercer influências dentro e fora da esfera privada.

A especialista em Egito Antigo, Lesko (1996), afirma que homens e mulheres possuíam o mesmo *status* dentro da lei, em virtude da mulher egípcia adquirir, ter e dispor dos seus bens, seja por meio das vendas ou do testamento.

Em contrapartida, Robins (1995) contesta afirmações de que havia igualdade entre homens e mulheres no Egito Antigo. Para a autora, são poucas fontes sobre o período e insuficientes para afirmar a igualdade entre os gêneros na sociedade egípcia.

Robins (1996) complementa que apesar de haver uma igualdade legal, não é possível comprovar que essa igualdade existia na prática. O fato do papel social da mulher estar atrelado à função de esposa e mãe revela desigualdade entre os gêneros, por evidenciar restrições acerca dos papéis sociais. A mulher egípcia tem seu papel social restringido às atividades da casa e da família; o diferencial está no fato de que esta podia circular, livremente, nos espaços públicos e privados.

Caballero (1995) contextualiza no que tange à sociedade Grega da Antiguidade, papéis sociais ainda mais hierarquizados, evidenciando a assimetria e desigualdade entre os gêneros. O povo grego antigo é visto, em um senso comum, como uma civilização culta, inteligente, o berço de muitos dos conhecimentos que utilizamos até a contemporaneidade,

como democracia, república, entre outros. No entanto, a sociedade grega era uma sociedade tipicamente patriarcal e misógina.

A autora supracitada acrescenta que a Grécia situa-se em uma região onde o relevo é desigual e bastante montanhoso e, portanto, cada cidade-estado grega possuía suas particularidades. A historiografia tradicional costuma colocar Atenas e Esparta como duas das principais cidades e colocá-las como exemplo de formas relativamente diferentes entre si sobre os papéis sociais do homem e da mulher na sociedade grega.

O conceito de cidadania na Grécia Antiga cedia àqueles que eram considerados cidadãos a plena igualdade de direitos e deveres, assim como voz e poder na sociedade, fenômeno pelo qual não abarcava todo o conjunto da sociedade grega, A maior parte da sociedade grega era composta não cidadãos. Para ser considerado cidadão, o sujeito deveria ser nativo, filhos de pais nascidos naquela região, livres e homens. (Caballero, 1995).

Em outras palavras, a mulher grega não era considerada cidadã. Ela não tinha nenhum direito político, não podia participar da política e agir de forma ativa na sociedade grega. Ela estava, juntamente aos escravos, estrangeiros, velhos e crianças, no grupo dos não cidadãos, enquanto os homens detinham os plenos direitos de participação na sociedade, a mulher era subjugada, imposta em uma condição de submissão e passividade. (Caballero, 1995).

Para a autora supramencionada, a mulher ficava restrita a um cômodo específico da casa, no qual devia exercer atividades domésticas e cuidar dos filhos. Ela, assim como os filhos, devia obediência ao pater famílias. O homem tinha todo o poder e controle sobre a família e, portanto, ele era considerado o responsável pela manutenção da subsistência. Além disso, a mulher não podia participar de diversos cultos religiosos na polis. Sua participação era admitida somente em alguns e em tantos outros apenas podia participar com a presença do marido. Quando a mulher grega casava, era obrigada a abandonar qualquer vínculo com a família de seu pai, ficava sob a tutela exclusiva do marido. (Caballero, 1995).

A mulher na sociedade grega tinha o papel de filha, esposa e mãe, devendo cuidar da casa e era responsável pela educação dos cidadãos até certa idade. Posteriormente, ficava a cargo do pai ou da cidade-estado. Os homens eram responsáveis pela economia e pela política, além de cuidar do sustento da casa. (Caballero, 1995).

No caso da sociedade da Roma Antiga, as condições eram consideravelmente diferentes em comparação com a Grécia. A mulher tinha uma condição legal desfavorável, possuía menos direitos que o homem e não participava de forma oficial da política. Entretanto, ela exercia influências em acontecimentos políticos, nos “bastidores” e podia circular livremente pela cidade em si e pela sociedade. (Caballero, 1995).

De acordo com Mennitti (2015), a divisão sexual entre homens e mulheres na Roma Antiga era justificada com base no que se acreditavam como diferenças “naturais.” Toda a divisão social, política, econômica e cultural era oriunda de atributos essenciais aos homens e às mulheres. Roma era uma sociedade essencialmente patriarcal, falocêntrica, em que a dominação masculina era flagrante.

A mulher podia participar e participava de forma ativa nos mais variados segmentos da sociedade romana, exercia uma série de funções, efetuava uma série de atividades e influenciava a política, por mais que os homens romanos negassem, seu papel de destaque e relevância. (Mennitti, 2015).

Em relação aos homens romanos, esperava-se virilidade, quando fugiam dos padrões da masculinidade romana, eram rechaçados e comparados com as mulheres, ou seja, a mulher era vista como inferior e ter atributos considerados femininos era concebido como ofensivo. (Mennitti, 2015).

O homem romano era o pai, chefe da família e da sociedade, e o único que, efetivamente, tinha chance de votar e de participar, ativamente, da política.

A mulher romana realizava diversas atividades e, muitas vezes, administrava atividades econômicas da família. No entanto, ela, ainda, era obrigada a cumprir o papel de mãe e esposa. Aliás, em determinada altura, quando atingisse certa quantidade de filhos e após ter cumprido com seu papel de mãe e esposa, alcançava o *status* de matrona<sup>3</sup>. Todavia, a mulher ainda era colocada sob o julgo masculino. (Mennitti, 2015).

No que concerne à Idade Média, a posição social da mulher e do homem atravessaram o crivo da religião cristã e da Igreja Católica, que era a instituição mais preponderante nesse período. No início da Idade Média, a mulher e o homem representavam papéis sociais diferentes daqueles de meados ao final dessa era histórica. No início da Idade Média, ainda havia instabilidade, em virtude da transição social e econômica, e das chamadas Invasões Bárbaras. Desse modo, para a compreensão genérica dos papéis sociais do período, nos restringimos ao período do feudalismo.

Para Nascimento (1997):

a sociedade feudal foi, sem dúvida, patriarcal e, para muitos autores, estaríamos falando de uma época histórica na qual as mulheres estavam obrigadas a circular exclusivamente na esfera privada. E, ainda assim, estaríamos falando de uma circulação somente permitida dentro dos limites da casa paterna, da casa marital ou do convento. (p.85).

A mulher, na Idade Média, estava restrita ao círculo privado, doméstico, realizando funções como limpando a casa, cuidado dos filhos e cuidando do marido. No caso das mulheres camponesas, estas podiam participar das atividades agrícolas, circulavam pelo

---

<sup>3</sup>Na antiguidade Romana, o termo matrona referia-se à mulher casada responsável pela casa.

feudo, diferentemente das mulheres da nobreza, que estavam destinadas a certas atividades domésticas e familiares. (Nascimento, 1997).

O homem da Idade Média possuía maior liberdade, mas sua conduta, também, passava pelo crivo da Igreja Católica. Os homens desfrutavam de liberdade para exercer diversas atividades. Eles podiam ser os dirigentes da Igreja Católica, enquanto as mulheres podiam, no máximo, se colocarem como freiras. (Nascimento, 1997).

A mulher, na Idade Média, tinha sua figura “profundamente afetada pela imagem negativa que a tradição judaica criou em torno à primeira mulher: Eva.” (Nascimento, 1997, p. 85).

De acordo com Durães (2009) na Idade Média houve também o culto à “Mariologia”, “o culto da Virgem Maria” em que se exaltava a virgem, mãe de Jesus, concebida sem pecado, idealizando a maternidade ao mesmo tempo em que se concebia a repressão do papel feminino, suprimindo a imagem da mulher “pecadora”.

Nesse período, o homem detinha mais direitos e liberdade legal na sociedade feudal como um todo. Contudo, é preciso pontuar que existem alguns recortes. A mulher nobre possuía mais poder que um homem camponês, por exemplo.

Nascimento (1997) aponta que:

O protagonismo e a autonomia alcançada por estas comunidades de religiosas nos séculos XII e XIII não deve ser entendida como uma atitude de simples rebeldia diante da dominação masculina, mas como resultado da própria conjuntura. O florescimento da vida econômica, social, política e cultural do século XII, depois de um grande período de dificuldades, permite que a sociedade se desenvolva num ambiente mais relaxado, com reflexos em todos os âmbitos. Dentro desse contexto, é normal que os laços hierárquicos se tenham afrouxado e que comprovemos uma

maior flexibilidade nas relações homem-mulher, favorecendo particularmente as mulheres que ocupavam postos de comando, como é o caso das abadessas. Algumas mulheres nobres souberam aproveitar o momento histórico e construíram seus paraísos particulares. Mas não se tratava de isolar-se do mundo, com o objetivo de evadir a tutela masculina. Tratava-se de viver no mundo, exercendo o poder que estava reservado aos homens. (Nascimento, 1997, p.90).

As monjas usufruíam de maior liberdade, porém, não evitaram a dominação masculina imposta sobre elas nos mosteiros evidenciando que apenas os homens podiam se tornar padres, bispos, arcebispos, cardeais e papa. Educação formal, por assim dizer, também ficava delegada aos homens. (Nascimento, 1997).

No que tange à Idade Moderna,

independente da sua classe social, a menina, quando fruto de um casamento legítimo, assim que nascia estaria sob a tutela de um homem. Primeiro seria o seu pai, que teria por função sustentar a sua filha até o casamento, e depois o marido, que seria responsável pelo bem-estar da esposa. Esse modelo se aplicava, sobretudo, às classes médias e altas da sociedade entre o período que se enquadra o Renascimento e a Idade Moderna. (Lopes, 2008, p.4).

A mulher, na Idade Moderna, hipoteticamente, gozava de uma liberdade maior que àquela que vivia na Idade Média. As transformações econômicas e sociais nesse período demandavam uma participação feminina uma pouco maior em certos aspectos, sobretudo, aquelas pertencentes à burguesia e, de certa forma, as mulheres mais pobres. No entanto, essa liberdade estava condicionada e limitada. Uma mulher pobre podia sair da casa de seus pais e

dirigir-se em busca de trabalho. (Lopes, 2008). Não obstante, sua independência não era plena, caso fosse solteira era abrigada pelo patrão ou então voltava para a casa dos pais.

Na Idade Moderna a mulher ainda era vista como pecadora, sedutora e enganadora. Diversas mulheres foram torturadas e mortas pela Inquisição, sob a acusação de bruxaria e afins. (Lopes, 2008).

Os homens, na Idade Moderna, eram dominantes e, apesar da castidade e do pudor recair sobre toda a sociedade, as mulheres eram muito mais cobradas e subjugadas no que tange à sexualidade. (Lopes, 2008).

De acordo com Lopes (2008), mesmo com valores rigidamente cobrados e impostos, havia certa permissividade com relação a determinados comportamentos sexuais masculinos, como por exemplo, o ato de frequentar prostíbulos. Ainda que a castidade e o pudor fossem a palavra de ordem, a sexualidade masculina e seu respectivo desejo sexual eram vistos como naturais e compreensíveis.

Com o advento da primeira Revolução Industrial acrescida às ideias Iluministas, os papéis sociais feminino e masculino tiveram mudanças significativas. A mulher passou a ser mão-de-obra em indústrias e afins. Portanto, seu papel social adquiriu um aspecto de complementaridade e reforço dentro das funções sociais e econômicas, enquanto o homem continuou a ser o dominante, exercendo funções mais importantes, recebendo salários maiores, usufruindo de mais direitos e participando, efetivamente, da sociedade. (Lopes, 2008).

Da Idade Contemporânea, que compreende o período pós-Revolução Industrial até a atualidade, pode se vislumbrar maiores transformações a respeito dos papéis sociais, sobretudo, a partir da década de 60. (Karawejczyk, 2014).

As mulheres, no fim de século XIX e início do século XX, promoveram movimentos de forma mais incisiva em prol dos seus direitos. Houve uma série de reivindicações a

respeito da emancipação feminina, buscando direitos em relação ao trabalho e, liberdade, para sair do ambiente exclusivamente doméstico à participação nos espaços públicos.

No tocante aos homens, os ideais de masculinidade heteronormativa como “o provedor do lar”, “racional”, “emocionalmente forte” ficaram ainda em maior evidência. O homem visto como aquele que detém mais atributos positivos do que a mulher, estaria apto para exercer um conjunto ilimitado de atividades e funções. (Karawejczyk, 2014).

O primeiro momento significativo sobre o papel social da mulher na Idade Contemporânea foi o movimento sufragista. As Suffragettes, como ficaram conhecidas, lutaram, intensamente, pelos direitos das mulheres, como o direito ao voto e, assim, participar da vida política. (Karawejczyk, 2014).

De acordo com Louro (1997), o segundo momento ocorreu, ao final da década de 60, a chamada de segunda onda do feminismo, em que se desdobraram debates de estudiosas e militantes entre críticos/as em relação às problematizações acerca do conceito de gênero.

Nesse contexto, como afirma Pinsky (2009), as mulheres passaram a ocupar diversos âmbitos da sociedade, detentoras de direitos e deveres legais, ocupam cargos políticos e de importância social. No entanto, ainda persistem os pressupostos do patriarcado, bem como da dominação masculina.

#### **1.4 RELAÇÕES DE GÊNERO: construção social**

A partir de um exercício investigativo, o qual pressupõe revisão de aportes teóricos, utilizamos estudos fundamentais para a compreensão acerca das relações de gênero. Para essa finalidade, nos embasamos nas obras de Scott (1990); Butler (2003); Louro (1997); Foucault (1984;1985;1988), dentre outras que subsidiaram os possíveis entendimentos.

Como referência para o estudo, a historiadora estadunidense Scott (1990) relata que o conceito gênero surgiu, primeiramente, entre as feministas americanas, pois se concebia que

as diferenças sexuais possuíam um caráter social. Tal conceito está intrínseco e indissociavelmente ligado às relações sociais. Para tanto, o termo surgiu como um refutar do pensamento constituído pelo determinismo biológico compreendido como “sexo” ou “diferença sexual.” (Scott, 1990).

De acordo com autora supracitada existia, nessa concepção inicial, a ideia de que havia o chamado sexo biológico, composto pelos atributos fenotípicos pertencentes a cada gênero em especial, ou seja, elementos biológicos de diferenciação entre os sexos. Por outro lado, aspectos subjetivos, captados e aplicados a partir das vivências em sociedade eram considerados como elementos construídos socialmente; esse seria o pano de fundo da concepção de gênero.

Além disso, Scott (1990) compreende o gênero através do caráter relacional e das configurações normativas relativas às masculinidades e feminilidades construídas. O conceito está relacionado com a premissa de que há uma relação dialética na construção social dos gêneros como masculino e feminino.

A construção do entendimento da masculinidade, bem como do homem depende da concepção de que se tem de mulher e feminilidade. O poder assimétrico das relações entre homens e mulheres “eram definidos em termos recíprocos.” (Scott, 1990, p.3).

A partir das relações de gênero, é possível compreender as construções das identidades subjetivas de homens e mulheres e de como se dá a representação destes, nos mais diversos meios. A determinação das divisões dos papéis e funções sociais pautaram-se em relações assimétricas e desiguais. O gênero seria, de acordo com essa concepção, “uma categoria social imposta sobre corpos sexuados.” (Scott, 1990, p.7).

Conforme enuncia Scott (1990),

apesar do fato dos (as) pesquisadores (as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes (as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. (p.7).

A partir das tentativas de explicar e evidenciar as desigualdades entre os gêneros, quando se pautavam na diferenciação física, na distinção originada a partir do sexo biológico, não se esclarecia como e por que de fato essa assimetria das relações entre homens e mulheres acontecia. (Scott, 1990).

As discussões a respeito de gênero foram marcadas pelo pensamento de rejeição, de que haveria uma essência masculina ou feminina ou que os papéis sociais eram determinados por conta de diferenças naturais entre os gêneros. (Scott, 1990).

Além disso, o gênero está relacionado com outras categorias sociais, tais como a etnia, idade, classe social, entre outras. Ou seja: o caráter relacional do gênero não se dá apenas, no sentido de relações e influências mútuas estabelecidas entre os gêneros, mas entre as relações dentre outros fatores. Existe, por exemplo, a diferença das relações de gênero, a qual abarca a questão étnica, nesse caso, pode e deve ser inclusa no momento de análise dessas relações.

Scott (1990) salienta que:

as ideias conscientes do masculino e do feminino não são fixas, já que elas variam segundo os usos do contexto. Portanto, existe sempre um conflito entre a necessidade que o sujeito tem de uma aparência de totalidade e a imprecisão da terminologia, a relatividade do seu significado e sua dependência em relação à repressão. Esse tipo de interpretação torna problemáticas as categorias “homem” e

“mulher” sugerindo que o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas (ou fictícias). Essa interpretação implica também que o sujeito se encontra num processo constante de construção e oferece um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente, referindo-se à linguagem como um lugar adequado para a análise. (p. 16)

As significações acerca do masculino e do feminino, portanto, não seriam findas, fechadas. São mutáveis, se transformam, se alteram, de acordo com cada época histórica e cada contexto social e cultural.

O binarismo exacerbado, dada a polarização entre masculino e feminino, é rejeitado por Scott (1990) devido ao caráter fixo e permanente de oposição binária entre os gêneros. Para a autora, é preciso que haja uma desconstrução real dos elementos que compõem a diferença sexual.

O pensamento crítico precisa se valer de uma análise apurada, constante e profunda, munido de ferramentas e fontes que permitam compreender como funcionam nos diferentes contextos o binarismo (masculino-feminino), revertendo e deslocando a construção hierárquica entre os gêneros e o entendimento sobre estes. (Scott, 1990).

Algumas reflexões acerca das relações de gênero, acabaram por assentar ainda mais o pensamento de que a hierarquização entre os gêneros é algo dado como natural, como real. É importante, portanto, que se compreenda essa assimetria como construção masculina, do patriarcado, como forma de perpetuar discursos e práticas, reconhecendo que esses fenômenos existem, pois foram construídos dada as práticas sociais.

Louro (1997), em sua revisão das teorias feministas, acerca do conceito gênero, preconiza um pensamento de caráter plural, múltiplo. A mesma autora analisa as profundidades no tocante às representações sociais dos gêneros, buscando distanciamento dos

pressupostos biológicos e culturais da desigualdade, que acabam por tomar o masculino como ponto de referência. O intuito da autora, ora mencionada, é anular a persistente dicotomia entre feminino/masculino, público/privado, teoria/prática.

Louro (1997) afirma que:

os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades, etc., e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada. (pp.5-6).

A autora considera, portanto, que estabelecer o papel de dominante para o homem e de dominada à mulher é reducionista e simplificado.

Louro (1997), embasada nas obras de Michel Foucault, destaca que há uma vasta rede de poder, a qual atravessa as relações de gênero e salienta também, que essas relações são construídas nas e pelas relações de poder.

Foucault (1988), em suas reflexões sobre a história da sexualidade, levanta a hipótese de que, a partir do século XVII, as questões sexuais passaram a ser vistas com novos olhares pela sociedade, e os discursos sobre sexo atingiram notória proliferação.

O autor reflete que o próprio poder suscitou nas instituições a necessidade de alterar os paradigmas sobre sexualidade. Tais instituições como igreja, família, escola e consultórios médicos se viram diante da importância de controlar o comportamento sexual dos indivíduos e da população como um todo.

Tratou-se, portanto, da instauração da repressão sexual. Nessa fase, o sexo foi limitado à função de reprodução humana, e o casamento tornou-se modelo de conduta social

adequada. A sexualidade que não se encaixasse nesse padrão seria considerada um “amor mal”, e deveria ser evitada, negada e silenciada. No entanto, a sociedade burguesa viu-se forçada a algumas permissões, e reduziu o sexo ilegítimo a lugares específicos, que poderiam gerar lucros. (Foucault, 1988).

Essa fase de repressão sexual foi denominada por Foucault (1988) como hipótese repressiva. Esse evento estaria relacionado à necessidade de poder e à vontade de saber. Assim colocado, o Estado e as demais instituições não visavam impor julgamentos às questões sexuais, mas administrar e disciplinar a sexualidade.

Para Foucault (1988), no período da repressão, a sexualidade foi avaliada e regulada por diversos aspectos, incluindo questões econômicas e políticas, como também as taxas de natalidade, a idade precoce em que as relações sexuais eram iniciadas, a necessidade da instituição matrimonial, a frequência com que os casais mantinham suas relações, a idade do casamento, a fertilidade e questões de esterilidade. Esses elementos apontados transformaram a sexualidade num fator de utilidade econômica social.

As avaliações médicas, psiquiátricas, escolares, familiares e religiosas pareciam ter o objetivo de vigiar e reprimir a sexualidade, reforçando e correlacionando prazer e poder. Prazer em ter o poder de fiscalizar, de espiar, desnudar questões e derrubar tabus, poder e prazer em revelar e escandalizar a intimidade. (Foucault, 1988).

A sexualidade foi também observada como elemento de subjetivação, a partir do qual o homem desvendaria seus próprios conhecimentos e ações morais sobre si mesmo e sobre os outros, constituindo assim, relações de poder.

No segundo volume da obra *História da Sexualidade*, Foucault (1984) discorre sobre a liberdade sexual da antiguidade, em que se concebia o sexo como positivo. Inclusive, a homossexualidade era, absolutamente aceita e a mulher era colocada em *status* inferior aos jovens rapazes. Ao contrário dos gregos antigos, os cristãos associaram o sexo ao mal, e

proibiram uma série de comportamentos sexuais, especialmente a infidelidade, a homossexualidade e a falta de castidade. Em lugar disso, imperou a abstenção sexual, a severidade, a obediência à intervenção da Igreja e do Estado, a submissão aos preceitos cristãos em relação ao sexo.

De acordo com as conceituações de Foucault (1984), pode-se compreender, portanto, que a instauração de disciplinas reguladoras do comportamento sexual seria um meio de dominação e domesticação de condutas divergentes, o que deixa explícita a imposição do poder.

Foucault (1993), em suas concepções sobre poder e dominação, aborda que existem instituições, como hospitais, manicômios, prisões, e até mesmo escolas e igrejas, em que o indivíduo é privado de sua liberdade de conduta e se torna objeto de conhecimento e de dominação, até que seu repertório comportamental seja modificado e disciplinado.

Entretanto, o autor salienta que o exercício do poder nas relações sociais não deve ser observado, somente, como uma ação coercitiva:

Não devemos entender o exercício do poder como pura violência ou coerção estrita. O poder consiste em relações complexas. Essas relações implicam um conjunto de técnicas racionais e a eficiência delas deve-se à sutil integração de tecnologias de coerção e de tecnologias do eu. (Foucault, 1993, p. 207).

As tecnologias do eu, segundo o autor, “nos permitem produzir, transformar e manipular as coisas”, por meio de três tipos de técnicas: de produção, de significação e de dominação. (Foucault, 1993).

Segundo Foucault (1993) a dominação que cada indivíduo exerce sobre o outro deriva de como o sujeito atua sobre si mesmo, trata-se da autocompreensão revertida em ação. O

contato e a manipulação do homem sobre os demais estão intimamente relacionados à forma como ele conduz a si próprio. O autor denomina esse fenômeno de governo.

Nesse sentido, o autor pondera que a formulação da verdade sobre si próprio é de extrema importância para que as relações sociais sejam governadas.

No que engendra o conceito de poder, o autor elucidava que:

não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (Foucault, 1989, p. 183).

Para Valadares e Soalheiro (2015) as teorias e pensamentos de Michel Foucault acerca das relações de poder não se restringiam à força do Estado sobre os indivíduos, mas permeada das relações sociais diárias, isto é, o poder exercido em microlutas, em pequenos focos de enfrentamento que constituem o cotidiano do ser humano. As relações sociais entre homens e mulheres, sobretudo no âmbito matrimonial, são as que mais evidenciam essa afirmativa.

Em suma, o poder está difuso por todas as relações de convívio na sociedade, e não contempla somente uma autoridade central, as relações de poder somente se dão caso exista algum tipo de resistência. Poder e resistência se relacionam e são proporcionais. “E é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanta força, mais astúcia quanto maior for a resistência.” (Foucault, 2010, p. 232).

Foucault (2010) complementa ainda que “em toda parte se está em luta [...] e, a cada instante, se vai da rebelião á dominação, da dominação à rebelião” (p. 232).

Ainda discorrendo sobre as tecnologias do eu e as técnicas de produção, manipulação e transformação, Foucault (1985), em sua terceira obra acerca da História da Sexualidade, faz menção à importância da mulher no cenário das relações sociais e de poder. O autor lembra que a função da mulher era de reproduzir uma prole saudável. Para tanto, os homens deveriam evitar o sexo ilegítimo com rapazes e com prostitutas.

Ademais, o homem casado, em sua posição de chefe de família, deveria saber governar suas relações com a mulher, para atender às determinações das regras de conduta impostas pela nova sociedade. Visto desse modo, percebe-se que as tecnologias de poder e as técnicas do eu convergem no sentido de preservar as relações sociais dentro do parâmetro de disciplina estabelecido, objetivando a conduta adequada de governo sobre si e sobre o outro, mais precisamente sobre a mulher.

Movendo essa temática para a contemporaneidade, Boris (2012) baseando-se nas teorias de Foucault, analisa as relações de poder da convivência entre homens e mulheres tendo em vista o casamento e a família como lugares privilegiados de interação e de construção dos relacionamentos, nos quais o poder perpassa os discursos e as ações cotidianamente, como acontecimentos político-estratégicos das interações dos casais.

Valadares e Soalheiro (2015), refletindo sobre as relações de poder nos relacionamentos conjugais sob a ótica foucaultiana, rememoram o Código Civil de 1916, o qual previa à mulher total submissão e controle do marido. Embora essa relação de dominação e submissão tenha se modificado com o tempo. Nota-se a presença da dominação do homem em contraste com a resistência da mulher e consequente aquisição de poder sobre si mesma.

Essas modificações e reconfigurações nas relações entre homens e mulheres, as quais favoreceram e/ ou foram favorecidas por garantias legais, retratam transformações nas relações de poder no âmbito conjugal. Lembrando que, de acordo com o pensamento foucaultiano, o poder é algo que circula e funciona em cadeia (Valadares & Soalheiro, 2015).

Em conclusão, as relações de poder que perpassam as relações sociais entre homens e mulheres, Boris (2012) destaca que o poder é dinâmico e mutável, percorre relações de gênero e familiares de dimensões socioculturais. As negociações presentes nas relações conjugais descortinam o modo como homens e mulheres conduzem suas relações apoiando-se nas tecnologias do eu, no conhecimento do outro e de si mesmos e nas técnicas de dominação. As estratégias do jogo relacional entre homens e mulheres revelam as relações de poder que entremeiam os relacionamentos tangenciando conflitos e acordos constantemente estabelecidos.

Os referenciais teóricos desenvolvidos nesta seção procuraram apresentar um panorama acerca das temáticas tratadas, bem como dos/as autores/as e obras que sustentam o estudo.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Analisar as subjetividades de comentários publicados em blogs que tratam de assuntos de sexualidade e gênero que apontem como estão (re)construindo as relações sociais entre homens e mulheres.

### **2.2 Objetivos específicos**

1. Identificar e compreender as percepções acerca das relações de gênero imersas no ciberespaço.

2. Buscar características peculiares, particulares, de opinião pessoal dos indivíduos com o intento de encontrar representações de gênero quanto à dominação e submissão.

3. Propiciar uma reflexão crítica sobre o delineamento da construção subjetiva acerca das relações entre homens e mulheres na era da cibercultura.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a presente pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, pois trabalharemos com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, os quais correspondem ao aprofundamento das relações. De acordo com Minayo (2004), tais fenômenos não se reduzem à operacionalização de variáveis e quantidades.

Optamos, portanto, pela pesquisa do tipo documental a fim de nos determos aos detalhamentos dos fenômenos observados. Entende-se por pesquisa documental aquela que investiga, observa criticamente, fontes de informações com o propósito de traduzi-las e interpretá-las. (Gonçalves, 2005).

A pesquisa documental refere-se a “qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação.” (Alves-Mazzotti & Gewandsznadger, 1998, p. 169).

De acordo com Almeida (2011) o termo documento representa às diversas manifestações de registros independentes de seu suporte material, o qual abarca os “digitais exclusivos”, que são documentos produzidos, disponibilizados e arquivados somente em formato digital, propiciando uma existência “virtual” para tal documentação. (p.19).

No tocante aos procedimentos técnicos, segundo Gil (2008) pode se valer de materiais que inicialmente não foram tratados analiticamente e que necessitam de reelaboração para alinhá-los ao objeto de pesquisa.

Nesse sentido, buscamos comentários publicados em blogs (documentos digitais) disponibilizados na internet. Seguindo os preceitos de Chizzotti (2005), propomos desvendar significações das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais.

Em detrimento ao *corpus* do estudo, explicitamos que o referencial teórico foi construído com base nas teorias de Guacira Lopes Louro; Joan Scott; Judith Butler; Michel Foucault; Pierry Lévy dentre outros/as autores/as.

Para melhor vislumbrar os caminhos percorridos nesta pesquisa, estabelecemos as seguintes divisões: objeto de estudo, blogs, procedimentos de análise e categorias de análise.

### **3.1 Objeto de estudo**

A pesquisa tem como objeto de estudo, comentários divulgados em blogs, os quais discorrem temáticas acerca das relações feminino-masculino.

Pelo buscador *Google* encontramos blogs demasiadamente comentados. Para tal, selecionamos 61 comentários (anexo) que discutem significações acerca dos papéis e representatividades sociais de gênero demarcadas pelas subjetividades fundadas que denotam os conceitos de diferença, igualdade, desigualdade e equidade para compor o *corpus* da pesquisa.

Quanto aos critérios definidos, selecionamos dois blogs que tratam especificamente de temáticas relacionadas à sexualidade e gênero direcionados ao público adulto. A coleta foi delimitada com base nas palavras-chave: Relação de Gênero; Papel Social.

#### **3.1.1 Blogs**

Nesta etapa da pesquisa foram selecionados dois blogs (quadro 1) que se destacaram pelos numerosos comentários e pelas observáveis constituições subjetivas. Esses blogs movimentam discussões sobre sexualidade, bem como das relações sociais entre gêneros.

## Quadro 1

*Blogs selecionados*

Blog	Endereço Eletrônico	Descrição
<b>Regina Navarro</b>	<a href="http://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br">http://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br</a>	Trata-se de um blog interativo com o intuito de estimular reflexões sobre as formas de viver o amor e o sexo para transformar mentalidades, pois a autora do blog acredita que, ao se livrarem dos preconceitos, as pessoas vivem com mais satisfação.
<b>Jarid Arraes</b>	<a href="http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero">http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero</a>	O blog propõe reflexões que discorrem acerca das questões de gênero e propõe debates com base nas provocações postadas.

*Fonte:* elaborado pela autora.

O primeiro refere-se ao blog da Regina Navarro que é psicanalista e escritora, autora de onze livros sobre relacionamentos, entre eles, os best seller “A Cama na Varanda” e “O Livro do Amor”, é palestrante e consultora do programa “Amor & Sexo” da TV Globo.

O segundo é o blog da Jarid Arraes. Ela é cordelista, escritora e autora do livro “As Lendas de Dandara.” Criadora do clube da escrita para mulheres. Possui mais de sessenta títulos publicados em Literatura de Cordel.

Salientamos que a escolha se deu pela análise inicial dos comentários postados nos blogs acima citados. Enfocamos a qualidade destes, como clareza de entendimento e, sobretudo, que corroborassem as discussões propostas decorrentes das subjetividades divulgadas, de forma a apresentar elementos que apontem significações de gênero no recorte das relações entre homens e mulheres.

### 3.2 Procedimentos de Análise

Os procedimentos foram fundamentados no método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), pois utilizamos um conjunto de técnicas (figura1) para descortinar fenômenos a partir das palavras à luz dos aportes teóricos anteriormente mencionados. Para Bardin (2011):

Análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável ao campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (p.37).

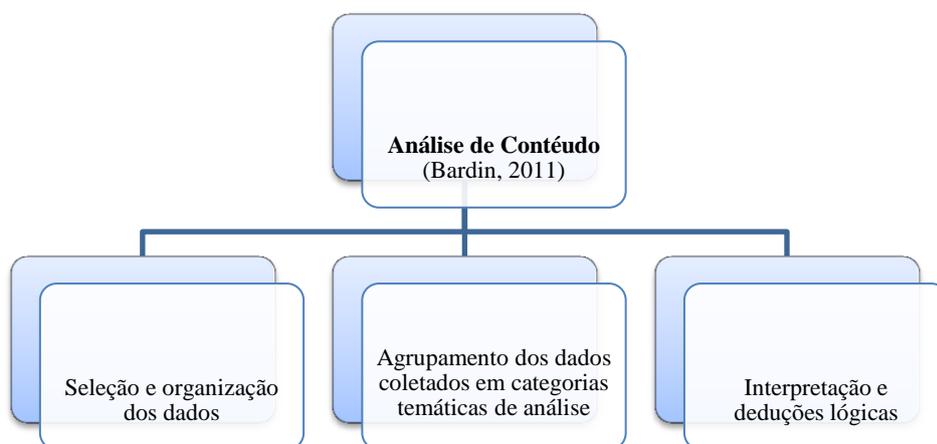


Figura1 – Diagrama do método de análise

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse sentido, realizamos as seguintes etapas embasadas na teoria supracitada (Bardin, 2011):

- Pré-análise: leitura flutuante; definição do *corpus* de análise;

- Exploração do material: codificação (recortes de texto em unidades de registro, repetição de palavras, classificação e agrupamento dos dados em informações utilizando a técnica de categorização temática);
- O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Observamos que, na etapa de exploração do material, referente à codificação, utilizamos o software *Atlas TI*<sup>4</sup> para a execução da tarefa.

Com efeito, os passos aqui trilhados buscaram compreensões que sinalizem como as relações entre homens e mulheres [dentre as pluralidades] estão se (re)construindo, especialmente, nas perspectivas de desigualdade/equidade frente às esferas da cibercultura.

### 3.3 Categorias

De acordo com Bardin (2011), “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento.” (p.147).

Nessas configurações utilizamos a técnica de análise categorial temática, por ser “eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples.” (Bardin, 2011, p. 201).

Apresentamos a seguir os agrupamentos dos comentários em categorias de análise e as subcategorias (quadro 2) responsáveis pelo delineamento das discussões correlacionadas aos referenciais teóricos direcionados aos objetivos da pesquisa.

---

<sup>4</sup>Atlas TI é um software para a análise qualitativa de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo.

## Quadro 2

*Categorias/Subcategorias*

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Representações sociais	Padrão social normativo Estereótipos Imposições comportamentais
Percepções das relações de gênero	Relações com o gênero oposto A mulher O homem Constructo social Relações contemporâneas Conflitos das relações
Motivações das desigualdades	Sociedade Patriarcal Fatores Biológicos Feminismo
Equidade de direitos	Estudos de gênero Escola Equidade

*Fonte:* elaborado pela autora.

Em relação às categorias estabelecidas e às subcategorias elencadas, esclarecemos que foram definidas após as etapas de “pré-análise” e “exploração do material”, conforme foram apresentadas anteriormente.

Essas categorias abarcam elementos constitutivos codificados com base nas subjetividades analisadas, decorrentes dos comentários coletados.

Esses elementos foram agrupados pelas aproximações e similitudes entre estes, formando os agrupamentos.

No exercício da categorização, foram definidas subcategorias culminadas por reagrupamentos, esse processo possibilitou a delimitação dos aprofundamentos temáticos.

#### **4. CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: comentários dos blogs**

Nesta seção, apresentaremos os principais comentários coletados, agrupados em categorias temáticas e, sobretudo, a análise dos fenômenos encontrados. Salientamos que os agrupamentos dos dados, como mencionado na seção anterior, foram embasados na análise categorial de Bardin (2011).

Alinhados aos objetivos da pesquisa, os dados foram organizados em quatro categorias, delimitadas à representação social, percepções das relações de gênero, motivações das desigualdades e, por último, de equivalente importância, perspectivas de equidade entre homens e mulheres. Dentre essas categorias, foram elencadas subcategorias como forma de aprofundamento das temáticas abordadas com base nos comentários coletados.

Optamos por apresentar os *nicknames*, expressão inglesa que significa apelido de identificação, com o intuito de demonstrar a liberdade de autodenominação permitida no ciberespaço, exaltando criatividade e intenções subjetivas. Mesmo se tratando de blogs abertos à esfera pública, aos comentários que continham identificação civil, utilizamos somente as iniciais para apresentar a autoria dos comentários.

Devido à dificuldade de identificar o gênero dos/das comentaristas, focalizamos a percepção da opinião e do debate dado.

##### **4.1 Representações sociais**

Esta categoria tem como premissa desvelar significações que definam os gêneros feminino e masculino. Buscamos, portanto, encontrar representações e expectativas contemporâneas de “ser homem” e de “ser mulher”, descortinando normatizações que configuram as formas de “ser” alicerçadas às categorias de gênero construídas.

Considerando-se uma visão ontológica pertinente à essência humana, partimos das indagações de Ramos (2015) para examinar as subjetividades expressa em comentários: “[...] se estática ou dessacralizada, se ligada a atributos externos, como traços físicos, ou a atributos internos, como o modo de ser, ou a papéis sociais, como as relações de gênero.” (p. 384).

As representações sociais, ao que tange homens e mulheres, possuem implicações tanto de ordem epistemológica quanto de natureza política. Para tanto, Scott (1990) considera imprescindível conhecer a partir de seu prisma histórico as trajetórias percorridas pelas relações sociais as quais fundaram instituições e legislações circunscritas, por exemplo, aos arranjos familiares, conjugais e de trabalho, como forma de legitimar as relações em dado momento.

Torna-se elementar, no tocante às relações sociais: “[...] expor as novas tensões geradas na sociedade, procurando compreender como elas deslocam as questões e permitem potencialmente deslegitimar as regras, normas e representações que apresentam como grupos “naturais” ou grupos sociais constituídos em torno dessas questões.” (Kergoat, 2009, p.73).

Diante desse contexto, reiteramos a busca por percepções acerca dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres, dentre as pluralidades dos sujeitos.

#### **4.1.1 Padrão Social Normativo**

Relativo às regulações sociais, encontramos questionamentos acerca dos padrões impostos aos sujeitos que ao pertencerem, numa perspectiva binária, à categoria feminina ou à categoria masculina, denotam, de algum modo, o sentimento de castração.

Esse sentimento é mencionado no comentário de *Bonequinha Sweet*. Para ela, o padrão social castrador causa sofrimento e incide no gosto pessoal. De modo que os sujeitos cujas suas representações não correspondam às características esperadas ao gênero feminino

ou ao gênero masculino são vítimas de preconceitos desde a infância. Para a mesma, a sociedade, ao esperar da mulher doçura e delicadeza, confere negação da força e agressividade às mulheres e, por outro lado, a negação da sensibilidade aos homens. Como podemos observar:

*Concordo 100% com o texto Regina, mas as mulheres tb sofrem muito, pq não podem apresentar nenhum comportamento considerado "masculino", meninas que gostam de jogar futebol ou gostam de praticar artes marciais, não são bem vistas pela sociedade, e já sofrem preconceito desde da infância, sendo apelidadas de "maria macho" "machona" pq é esperado até hj do comportamento feminino:doçura, delicadeza... então o padrão social é muito castrador tanto para as mulheres, quanto para os homens, as mulheres negam a sua força, sua "agressividade" e os **homens a sua sensibilidade...***

A castração como prerrogativa se mostra, nesse sentido, propulsora de subversão às regras normativas instituídas socialmente. Para Winck (2015) tal castração “remete imediatamente a algo cruel, punitivo e extremamente violento.” (p.92).

As relações de gênero, vislumbradas pela ótica da castração, denotam que “a libertação das mulheres de sua condição secundária e a reivindicação de direitos igualitários reverbera no desnecessário e no supérfluo.” (Winck, 2015, p.95).

À mulher, a castração nega o empoderamento de seus direitos, os quais são substituídos por deveres, como se fossem inerentes à figura feminina, considerados “mais importantes” e, sobretudo, naturais à identidade feminina, tais como manter a união da família a qualquer custo, administrar as necessidades da casa, ou alimentar e maternar aqueles/as sob sua responsabilidade outorgada. (Winck, 2015).

Strey (2002) sustenta que tal pensamento possui o intento de reverter o descontentamento da mulher, já que deveria ocupar-se de preocupações ligadas ao seio familiar, ainda que às custas de sua subjetividade.

Acerca dos interesses distintos entre homens e mulheres proferido pelo comentário de uma mãe, identificada por *S.M.*, revela suas compreensões vivenciadas com a filha. O comentário manifesta angústia ao padrão social que interfere nas formas ser menina desde cedo. Ao passo que a norma incide na distinção até mesmo das brincadeiras como podemos notar em suas indagações.

*Interesses distintos, bom, minha filha estuda em uma sala com mais meninos, ela quer ser menino na cabeça dela, só que o que eu percebo é que ela quer mesmo ter um super herói favorito com poderes como força, rapidez e inteligência, ela quer brincar de bola, torcer pro Corinthians, andar de skate, montar quebra-cabeça, enfim, brincar, mas, desde criança aprende que o mundo é rosa, aí, ela busca o azul, todos brincam de bola, e se ela ganha bonecas, não gosta... enfim, ela é uma menininha tentando entender porque o mundo dela tem que ser rosa com bonecas? Explicar que não é assim requer parceria entre pais e educadores e comunidade. (S.M.).*

O comentário supracitado manifesta angústia ao padrão social, o qual implica as formas ser menina desde tenra idade. Nesse sentido, a norma incide na distinção de brincadeiras.

Comprendemos a angustia dessa mãe, ao entender que a criança não está alheia ao mundo, ao contrário, ela é integrante da sociedade. Assim como exposto anteriormente, a

castração dita como cruel, violenta e punitiva, também acomete a infância. Forçando padrões restritivos às brincadeiras e aos brinquedos. Ao passo que:

[...] as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo. (Benjamin, 2009, p. 94).

Igualmente ao comentário anterior, CKkj retorna aos preceitos da infância para problematizar a educação no seio familiar:

*Quando se preocupa em tornar o filho um motivo de inveja os pais esquecem seus sentimentos, suas necessidades... Vista-se desse jeito, comporte-se dessa maneira, coma esses alimentos... A criança não tem autonomia, não entende seu corpo, suas necessidades, sua criatividade, suas vocações são ignoradas... Ela é um bem, não uma pessoa. Exatamente como o cachorrinho que a dona insiste em carregar dentro da bolsa chique que balança dentro do shopping, existem pais que tem um filho para brincar de casinha, a família, a sociedade exige que um casal precisa ter um "elo" forte, uma forma de provar aos outros casais que eles são mais do que sexo, do que amor... São o futuro... (CKkj).*

Segundo sua visão, a sociedade introjeta na criança o modelo de gênero ao qual se classifica. Essa classificação castra o ser humano ao limitar suas formas de ser e existir. O comentarista crítica a sociedade, sobretudo, a família por reforçar a normatividade à sombra das expectativas sociais ignorando sentimentos e necessidades dos seres humanos.

Podemos entender o processo castratório como fonte de exclusão social dado a quem subverte as normas, este estará fadado a marginalização.

Supomos que o comentário de *CKkj* refere-se ao desvio da norma, ao explicitar que a família, ao preocupar-se na orientação rígida baseada no modelo familiar aceito pela cultura e circunscrita em determinada sociedade, de forma singular, caracteriza as prerrogativas de Devreux (2009):

A família é uma instituição cuja dupla função é a reprodução e a socialização. Essa função se organiza por meio de uma divisão de papéis que repousaria sobre as naturezas masculina e feminina. A família conjugal, dois cônjuges e seus filhos, constituiria a única família “verdadeira” e os outros modelos não seriam mais do que disfunções ou desvios. (p. 97).

Conscientes dos imperativos modelos, a representação social e cultural da masculinidade e da feminilidade designam características exigidas aos homens e às mulheres como meios de inclusão. As relações entre essas categorias são “marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado “normal” – e em geral interpretado como “natural” — para mulheres e homens.” (Molinier & Welzer-Lang, 2009, p.101).

A partir dos comentários discutidos, aferimos que os padrões sociais ditos femininos e os ditos masculinos são confinados, limitam os seres devido à manutenção de padrões regulatórios restritivos, fenômeno que pôde ser encontrado nos comentários apresentados, de modo taxativo, por castração social.

#### 4.1.2 Estereótipos: figura feminina e figura masculina

Observamos, nos comentários de *Batbronha* e *E.E.K.*, o entendimento que homens e mulheres são diferentes, mas se opõem ao pensamento de naturalizações que configuram o ser humano. Percebe-se a seguir, a indignação de *Batbronha* pelo estereótipo da submissão estar atrelada à figura feminina. “*Homens e mulheres são diferentes sim, e uma mulher não precisa ser submissa para ser feminina, isso é uma babaquice!!!!.*” (*Batbronha*).

A crítica de *Batbronha* acerca do modelo de submissão pode ser compreendido com base nas enunciações de Molinier & Welzer-Lang (2009) “sob o pretexto da feminilidade, as mulheres devem escolher uma aparência que assinale sua interiorização dos códigos estéticos pensados pelos homens e, adotar diante deles uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder.” (p.103). Nesse contexto, entendemos os resquícios históricos da imagem de homens dominantes e mulheres dominadas ainda presente.

Em complementação, o próximo comentário considera que:

*Obviamente que homens e mulheres são diferentes biologicamente, mas não é a natureza que determina se uma pessoa vai ser delicada ou rude, fraca ou forte do ponto do vista emocional [...]. (E.E.K.).*

Nesse contexto, *E.E.K.* nega a natureza biológica como determinante do psicológico dos sujeitos e das formas de ser e existir no mundo.

Com o avanço dos debates acerca dos novos papéis sociais estabelecidos pela regulação sexual e moral, fortaleceu-se o reconhecimento da representatividade social da mulher.

Por outro lado, a decorrência dos estudos sobre masculinidades, sobretudo, na Europa e Estados Unidos, reivindicaram: “uma nova qualidade no espaço social”, uma redefinição e

desconstrução de macho inveterado e virilidade intocada, essa reconfiguração, admite a sensibilidade e a fragilidade ligada a condição masculina. (Silva, 2000).

Tais conflitos, originários dos reforços constituídos pelo processo de socialização, desvelam identidades de gênero entrelaçadas. A recente crise da masculinidade, por sua vez, vem desmontando estruturas aparentemente solidificadas pela historicização dos homens por tempos, não corroborando, portanto, a figura masculina hegemônica. (Silva, 2000).

O comentário de *Arkeiro*, inicia suas considerações acerca da feminilidade apresentando-se como homem. Para ele, a sensualidade é um dispositivo, o qual a mulher deve se apropriar. Em sua opinião, ser feminina é ser o oposto do homem. A mulher é entendida, nessa perspectiva, como objeto provocador de sentimentos e desejos.

*Como homem acho que, ser feminina é usar a sensualidade a seu favor. A sensualidade provoca sentimentos e desejos, que aparecem através dos gestos, do jeito de falar, ouvir e de se comportar...e não é copiando o jeito do homem de ser, de uma educação patriarcal que a mulher será mais feminina. Ser feminina não tem nada haver com uma personalidade mais forte ou mais frágil e sim como você provoca sentimentos e desejos no outro ou outras pessoas. (Arkeiro).*

O comentário, supracitado, traz uma passagem notável, ao referir-se à sociedade patriarcal, a qual fomos educados/as. Este julga que a mulher almeja o comportamento masculino e, ao fazê-lo, desapodera sua feminilidade.

Essa subjetividade classifica as categorias de gênero pela ótica singular impondo a homens e mulheres pólos distintos, opostos.

Soares (2015) revela, em seus estudos, que esse pensamento se dá: “historicamente no ocidente a noção de feminino costuma designar o conjunto de características, qualidades e atributos social e culturalmente reconhecidos como parte da natureza da mulher.” (p. 242).

A percepção dicotômica do feminino oposta ao masculino por meio da relação de negação, distingue, o que não caracteriza o masculino é, portanto, feminino.

Noutro comentário, encontramos um questionamento acerca das masculinidades contemporâneas. Este afirma que mulher gosta de “homem de verdade.”

*O que significa esses machões caras musculosos, depilados, que usam mais óleo corporal e creme do que uma mulher? Se preocupam mais com o cabelo do que elas? Isso é ser machão? me poupe. Mulher gosta de homem de verdade. (Fishingman).*

*Fishingman* contesta as similaridades dos cuidados pessoais do homem aos que se pensa ser como via de regra da mulher. A vaidade é entendida por ele, como exclusividade da essência feminina.

A afirmação de que *mulher gosta de homem de verdade* nos remete pensar o estereótipo de homem viril para a manutenção de sucesso social, embora “a adesão dos homens aos critérios da virilidade é interpretada, antes de tudo, como uma defesa contra o sofrimento.” (Molinier & Welzer-Lang, 2009, p.103).

Sufrimento, este, que pode ser oriundo do medo, da dúvida, da fragilidade e do conflito moral, haja vista que esses sentimentos são imputados às mulheres como forma de naturalizar dada inferioridade.

Findamos essa subcategoria com o comentário que clama pela libertação de rotulações sofrida pelas mulheres. Podemos apreender, com base no comentário de S.N., que para elas é esperada a incumbência de resistir às imposições de estereótipos.

*Acho que cabe às próprias mulheres a tarefa de se libertar destes rótulos [...] Quando a mãe, desde o início não se deixa enquadrar, dificilmente não será respeitada em seu estilo de vida. (S.N.).*

Nesse comentário, S.N. expõe o seu modo de conceber a superação das normas coercitivas sofridas pelas mulheres. Para efeito de transgredir rotulações, é preciso legitimar cada identidade, considerando a:

liberdade que autoriza a existência do sujeito pelo poder de dizer eu. A passagem do sujeito submisso a sujeito livre supõe o questionamento das formas do poder que se exerce sobre cada indivíduo. O poder de dizer eu é também uma luta contra as formas de sujeição — contra a submissão da subjetividade — de que as mulheres são especialmente vítimas. Alcançar o estatuto de sujeito livre faz parte da aprendizagem do poder, no respeito por si e pelo outro. (Riot-Sarcey, 2009, p.187).

Para compreendermos as formas de poder tangíveis aos sujeitos cotidianamente, adotamos as prerrogativas de Foucault (1995):

marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois

significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a.” (Foucault, 1995, p.235).

Exemplificando, a mulher, quando pensada de forma não análoga ao homem, reflete o modo de ser singular, fixo, não considerando os seres como plurais e mutáveis. Para tanto, “o singular é subentendido na identidade coletiva.” (Riot-Sarcey, 2009, p.183).

Ponderamos que o comentário de *S.N.* menciona as mulheres como vítimas de estereótipos, mas os homens, também, os são. Os estereótipos permeiam tanto as polaridades masculinas quanto as femininas.

Como afirma *Jessicamg*, mulheres e homens sofrem com os estereótipos. Essa afirmação descreve as exigências estabelecidas, consideradas, por vezes, impossíveis.

*O que os seres humanos, principalmente os brasileiros precisam entender é que é IMPOSSÍVEL sermos tudo o que a sociedade nos exige. Das mulheres se exige que sejam loiras, inteligentes, boas mães, boas esposas, bem educadas, cultas, etc. Dos homens que sejam altos, fortes, destacados socialmente, bonitos, inteligentes, cultos, etc. Ninguém nesse mundo consegue ser tanta coisa [...]. (Jessicamg).*

Os modelos exigidos para a constituição do “ser” evoca o contexto sociocultural das constantes mudanças às condições femininas e masculinas.

Sob a ótica do padrão heteronormativo, Soares (2015) faz referência aos estereótipos femininos atrelados a fragilidade, beleza, verborragia, dependência social, além da nutriz emocional e física de outrem.

Para Beauvoir (1967) tais características empregadas seguem uma lógica, a qual compreende o homem como “um” ser social e a mulher como o “outro.”

Nesse sentido, Scott (1990) denomina essa distinção social como forma primária de divisão de poder, ao passo que reforça espaços de ação, interdições e possibilidades de atuação social sob o viés de ditames regulados às categorias de gênero.

De acordo com Nascimento (2015), a condição de ser homem e de ser mulher ultrapassam os limiares restritos ao sexo e ao gênero.

Em complementação, leva-se também em consideração, o ato intencional e performático no sentido das construções de significados. (Piscitelli, 2004).

Segundo Butler (2003) podemos compreender a performatividade de gênero no sentido de “fabricação” do masculino, bem como, do feminino. O sujeito, no pensamento proposto pela autora, não é uno, indivisível, imutável, permanente; o sujeito é múltiplo, variado, diversificado, em constante processo de mutação, construção e desconstrução de si.

Os comentários discutidos na presente subcategoria denominada estereótipos nos permitiu compreender, dentro do escopo deste estudo, que a análise criteriosa a qual equacione a complexidade, flexibilidade e visão crítica são formas de coibir as construções de modelos taxativos cujas demarcações se conduzam tanto ao campo teórico quanto ao prático social. (Castro, 1999).

Diante dessa perspectiva, em meio a diferentes processos sociais, se faz necessária a democratização das “vozes” plurais desvelando singularidades individuais, no tocante às (re)construções das feminilidades e masculinidades. (Savenhago & Souza, 2015).

Preocupa-se, nesse sentido, com a (re)produção de estereótipos ao induzir aos interlocutores comportamentos carregados por equívocos de estereotipia, demonstrando, ainda, enraizamentos profundo de verdades únicas, e da reafirmação de dogmas e paradigmas.

### 4.1.3 Imposições comportamentais

Os comentários elencados nesta seção apresentam as aceções acerca dos comportamentos impostos ao homem e à mulher. Tanto a sociedade quanto a mídia e a cultura foram citadas pelos comentaristas como produtoras de modelos comportamentais.

A imposição da sociedade, da mídia e da cultura é expressa no comentário de CKkj: “[...] *É o que a sociedade e a imprensa enfia goela abaixo [...] É Cultura...Não tem graça.*”

As preocupações evocadas por Fabiana C. fazem referência à cultura enraizada nas entranhas sociais, a qual determina “como ser” e “como não ser.” Segundo o comentário, os vieses dos sexos, transcendem o âmbito familiar, impõem distinções aos comportamentos construídos socialmente à luz da classificação biológica.

*[...] jamais fiz distinção entre brinquedos de menina e de menino, cores de menina e de menino, atividades de menina e de menino. No entanto, um dia meu filho, de 8 anos, deixou de lanchar porque eu mandara o lanche em um pote cor-de-rosa (os outros iam zombar dele...) Um dia, ele ficou bravo porque não queria limpar a sujeira que tinha feito e disse que queria ter 18 anos pra ir embora de casa. Então eu expliquei que, quando ele morasse sozinho, precisaria limpar e arrumar sua casa. Sabe o que ele respondeu? - Pra que servem as mulheres??? E eu fiquei chocada, porque não educamos nosso filho assim. (Fabiana C.).*

De acordo com Arend (2015), no século XX, os meios de comunicação de massa, em destaque a publicidade, fomentaram a propagação de representações do feminino associada às emoções e à fragilidade, enquanto o masculino esteve coligado à razão e à virilidade tanto ao universo dos adultos quanto ao universo infanto-juvenil. De modo que “em muitos países ocidentais, inclusive no Brasil, desde os anos de 1950, a publicidade associou determinadas

cores — rosa e azul — às representações sociais de feminino e masculino vigentes no mundo infanto-juvenil.” (p. 382). A autora complementa, ainda, que, nas últimas décadas do século XX, o senso comum acerca das representações feminino-masculino, ora mencionado, timidamente, passou a ser alvo de questionamento, fruto da difusão dos estudos feministas.

Ao passo que a atribuição dos papéis sociais a homens e mulheres se dá de forma dividida, distinta e hierarquizada, incuti comportamentos. (Mathieu, 2009, p. 223).

A educação comportamental resultante de preconceitos faz com que crianças imersas na regulação social sistematizem como comportamento absoluto, separado estritamente por dois polos distintos, o feminino e o masculino, uma vez que essa lógica pragmática está “calcada na bipartição do sexo realizada sobre a forma normal e normatizada na heterossexualidade.” (Mathieu, 2009, p. 224).

A aceitação de imposições é refletida no comentário de *Sol*, pois percebe uma acomodação da mulher frente à cultura machista. Esta deixa de lado a hipótese de vitimização pelas mulheres e infere a ratificação por elas dada a cultura.

*[...] O problema é que em grande parte dos casos, a mulher se deixa levar por esse padrão de comportamento ditado pela cultura machista, compactuando com ele, e acaba então parecendo ser vítima dessa cultura, quando na verdade ela aceitou essa imposição desde o início [...] Sou de uma família com um histórico bastante machista e moralista, mas nunca aceitei cumprir o papel que eles esperavam de mim [...] hoje meu filho tem 16 anos, é um ser humano muito bacana e saudável, e minha família toda nos respeita verdadeiramente. A mulher não pode ser passiva e submissa, ela precisa ser ativa na derrubada desta cultura e não se importar tanto com as expectativas que as pessoas têm dela. Apropriar-se da sua vida é um direito que não se pode querer tirar de ninguém. (Sol).*

*Sol* complementa que a mulher precisa transitar da passividade para o rompimento da cultura machista dominante e das expectativas que são formadas sobre ela, para apropriar-se da vida e da liberdade, para que, dessa forma, suas escolhas sejam respeitadas.

No próximo comentário, *Lindy* problematiza os comportamentos estabelecidos com base em papéis sociais fundamentados na distinção dos sexos. *Lindy* menciona a luta de Malala<sup>5</sup> pelo direito à educação para exemplificar seu argumento.

*Os papéis sociais foram impostos pela sociedade e realmente são muito prejudiciais, outra prova para esta afirmação é o caso da Malala, que atiraram nela só porque para o Talebã meninas não podem ir a escola, porque para eles homens devem ir a escola e mulheres não devem ter acesso a educação por causa da biologia delas (só porque nasceram mulher). A maioria das diferenças entre os comportamentos masculinos e femininos são causa da nossa cultura e da nossa sociedade, mas muita gente não percebe isso, porque estão acostumados a serem manipulados pela sociedade e patriarcado. (Lindy).*

Podemos apreender, no comentário de *Lindy*, uma naturalização dos comportamentos ditos masculinos e aos ditos femininos. Além disso, ela denuncia a manipulação da sociedade fundada num sistema patriarcal que nos foi herdado.

Para *E.E.K.*, homens e mulheres são educados a expressar comportamentos definidos pelo sexo biológico. O comentarista, por sua vez, compreende que os papéis sociais são frutos de construções sociais, portanto, “uma invenção social.” Nesse contexto, não possui

---

<sup>5</sup>A paquistanesa Malala Yousafzai é referência na luta ao acesso à educação pelas mulheres de sua cultura.

uma visão naturalizada dos comportamentos, mas arraigada, imposta, como podemos apreciar a seguir:

*[...] Mulheres são adestradas para demonstrar seus sentimentos e os homens para reprimir os seus, mulheres são ensinadas para serem sensíveis e homens para serem fortes e corajosos. Estes papéis são construídos e inventados, não existe nada de natural em uma mulher ser "chorona" e sensível e um homem rude e corajoso. (E.E.K.).*

Com base na construção levantada por *E.E.K.*, verificamos que as construções dos comportamentos são baseadas nos sexos como imperativo social. Logo, as referências culturais baseadas nos sexos são produzidas com base em símbolos, significações e dominações que permeiam os discursos sócio-histórico-culturais. (Soares, 2015).

Em relação a essas proposições, pode-se compreender, como explicita Soares (2015), “as hierarquias de poder e estratégias de dominação e sujeição são partes estruturantes das relações de gênero embasadas em diferenças cujas características são essencializadas, como uma forma de estruturação das práticas sociais.” (p.243).

Aspiramos na presente subcategoria conhecer a amplitude dos papéis sexuais e de simbolismos considerando seu contexto social.

#### **4.2 Percepções das relações de gênero**

Procuramos nesta segunda categoria, compreender como os/as autores/as dos comentários assimilam as relações de gênero com base nas relações que se estabelecem entre grupos sociais, bem como suas transformações, abarcando hierarquizações, valores,

identidades e papéis experienciados e/ou esperados, revelando conformismos e inconformismos, e, sobretudo, as “visões” acerca dessas relações.

Considerando-se as proposições de Ramos (2015) “[...] essas visões envolvem a forma como se pensa a constituição das sociedades humanas, as relações humanas que foram estabelecidas no passado, que se estabelecem no presente, e os tipos de relações que se espera implantar no futuro.” (pp.383-384).

Adiantamos que, ao longo das análises, observamos o caráter heterossexual dos entendimentos que compreendem as relações de gênero, em demasiados comentários, como princípio da humanidade.

#### **4.2.1 Relações com o gênero oposto**

Nesta subcategoria discorreremos o caráter relacional das categorias de gênero, bem como as relações de poder nelas intrínsecas.

O comentário de *Amanda S.* contesta as relações de poder estabelecidas socioculturalmente, como podemos verificar:

*[...] Essa coisa de ser submisso ou dominante independe do sexo, sendo uma questão exclusivamente subjetiva. No entanto, por causa da cultura machista judaico-cristã, é natural grande parte da sociedade achar normal que a mulher seja submissa e o homem dominante, coisa que não tem NADA a ver com natureza ou predestinação. (Amanda S.).*

Em relação à cultura machista judaico-cristã mencionada, podemos compreender, assim como o gênero, as religiões também são socialmente construídas, visto que “as práticas

religiosas, certas expressões da fé, as representações simbólicas e os discursos são reveladores de relações sociais.” (Nunes, 2009, p.213).

Quanto ao poder que toca as relações sociais, Foucault (2008) não considera o poder como algo que as instituições possuem e fazem uso, opressivamente, contra indivíduos e grupos, por outro lado, desloca a análise para além da observação de poder como opressão, pois examina o funcionamento das interações entre pessoas e instituições.

No primeiro volume de “História da Sexualidade” (1988), sustenta que se deva superar compreensões de que o poder é opressão, já que, até na sua forma mais radical, as medidas opressivas não são somente repressão e censura, são, também, produtivos, causando novos comportamentos de emergir.

Para Foucault (2008) o poder é visto como um elemento mais volátil, movediço, que, sempre, pode ser disputado. Portanto, as relações de poder são permanentemente renovadas e reafirmadas.

Prosseguindo, o comentário de *Hugo J.* é permeado de exemplos utilizados para sustentar suas percepções. Este, como outros, remete à infância para vislumbrar um entendimento de essencialismo. Tal entendimento estabelece, a partir do prisma heteronormativo, essências inatas do feminino e do masculino.

*Hugo J.* inicia sua narrativa descrevendo as características de menina e menino, conferindo características pragmáticas ao descrever a menina como “manhosa” e o menino como “grosso.” Podemos, nesse sentido, fazer referência às características de fragilidade concedidas à mulher, e à força e à brutalidade ao homem que, costumeiramente, são atreladas.

*[...] Tenho um filho, um menino lindo e uma sobrinha que vive em casa.*

*Menina tão delicada que chega a ser manhosa, e o menino tão agitado que chega a*

*ser "grosso", enfim dividem brinquedos, sim carrinhos e bonecas, pique esconde, tudo na maior naturalidade. Na hora de limpar a casa, cada um contribui com algo. Na sala de aula também vejo as coisas seguindo seu curso natural. Acredito que a criança irá aos poucos com conhecimento de mundo construindo sua identidade, não concordo com gênero neutro, eles devem aprender juntos, por isso se interagem juntos em salas basicamente lotadas, como Meninos e Meninas!!! E se for para ser diferente com a mudança do mundo não será tão diferente. Ha não quero discussão, é apenas uma opinião. Mesmo porque o preconceito começa quando não aceitamos a opinião dos outros. (Hugo J.).*

O comentário supramencionado concorda que a identidade se constrói com as vivências. Demonstra, também, entender que meninas e meninos devem se relacionar, no entanto, faz a ressalva de que essa interação engendre categorias definidas “como Meninos e Meninas.”

No tocante à perspectiva relacional das categorias homem e mulher, para Costa e Ribeiro (2011), a percepção de sujeito sexual cruza-se com a forma de como nos compreendemos como feminino e masculino.

Partindo para o privado, A.S., em seu comentário, concorda que os homens ajudem as mulheres no trabalho doméstico: “*Até aí eu concordo, nós homem temos que ajudar as mulheres nos fazeres domésticos, e com as crianças.*” (A.S.).

Tal comentário denota, por um lado, caráter colaborativo das relações feminino-masculino. Por outro, em contraponto, o comentário de A.S. incita uma antiga discussão: “*A.S., não é ajudar. É dividir. Ajudar seria se a responsabilidade fosse só dela, mas você fosse bacana e desse uma mãozinha. Se o lar é dos dois, o trabalho é dos dois.*” (V.P.V.).

O comentário de V.P.V. acima reivindica a troca da terminologia “ajuda” pela “dividir.” Entendendo que a responsabilidade recai somente sobre a mulher quando se é abordado o trabalho doméstico e a criação dos/as filhos/as.

Chimamanda (2015) reflete acerca do condicionamento das tarefas domésticas à mulher. Para a autora,

ainda hoje, as mulheres tendem a fazer mais tarefas de casa do que os homens - elas cozinham e limpam a casa. Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a entender que seu papel é cozinhar? Cheguei a pensar que talvez as mulheres de fato houvessem nascido com o tal gene, mas aí lembrei que os cozinheiros mais famosos do mundo - que recebem o título pomposo de “chefe” – são, em sua maioria, homens. (Chimamanda, 2015, p.37).

De certo, os condicionamentos mencionados, implicam a autorrealização dos seres, as diferenças entre as categorias de gênero são exacerbadas pela socialização, influenciando as interações sociais tanto em espaços privados quanto públicos.

Nesse sentido, sob embasamento dos estudos de Louro (1997) compreendemos que as características sexuais não são o ponto de partida para a construção do que é masculino e feminino, mas as representações e valorizações que se dão a essas características circunscritas nas relações entre homens e mulheres.

#### **4.2.2 A mulher**

A presente subcategoria procurou encontrar aspectos compreendidos sobre a mulher que simbolizem o caráter relacional.

A idealização da mulher é observada no comentário de *Luiz.F.P.* Ele elenca características, as quais diz buscar:

*Dane-se a cultura e esses estudos bestas. Eu sempre busquei uma mulher que se comporte do jeito que eu gostaria, chorar quando ficar triste ou brava, e não falar palavrão como os homens (grande parte) fazem, mulher que gosta de cozinhar (eu não gosto), que trabalhe, que estude, mas que, quando tiver precisando de algo, me procure para eu conseguir ajuda-la[...]. (Luiz F.P.).*

Os aspectos apontados no comentário apresentam uma combinação dos conhecidos estigmas de feminilidade, como demonstrações de sentimentos e fragilidade, um sentido comportamental divergente aos dos homens, bem como a menção que faz do ato de proferir “palavrões” como hábito inerente aos homens. Por outro lado, parece reconhecer os direitos conquistados pelas mulheres, como o direito ao trabalho e aos estudos.

Quanto à menção de palavrões, de acordo com Braga (2008), para muitas pessoas, os “palavrões” remetem ao sentido de obscenidades, portanto, expressar uma obscenidade em público não é recomendável às mulheres, por não ser, segundo o comentário, adequado à categoria mulher.

Por sua vez, o comentário de *Junae G.* exalta desconfiança acerca da mulher submissa. Para *Junae G.* a submissão, pode ser utilizada pela mulher como artifício interessado e de conveniência. Como podemos observar,

*O que mais tem por aí é mulher que adora mandar e ser servida. Um lado da relação que elas não querem abrir mão jamais (inclusive muitas que se dizem*

*feministas). Recomendo a leitura do livro "O bem, o mal e mais além", onde o autor coloca que o bonzinho e submisso da relação nem sempre é tão bonzinho assim....No fundo, ele sabe que, se não se curvar aos desejos do outro, será abandonado e/ou substituído, tamanha a dependência econômica e/ou afetiva a que ele se submete. Normalmente pessoas com baixa estima se curvam à beleza física e ao poder econômico do outro, além da dependência psicológica. Fazem de tudo para segurar o parceiro e a relação e se sentem humilhados ao término, por terem se doado tanto. Quem aí nunca viveu ou já presenciou uma relação assim? Quem nunca ouviu: Aí amiga, homem merece se lascar mesmo, a gente faz de tudo e não dão valor!!! Clichê de quem não percebe que fez uma má escolha. Posa de vítima e não vê que a culpa é sua. (Junae G.).*

A passagem “*Quem nunca ouviu: Aí amiga, homem merece se lascar mesmo, a gente faz de tudo e não dão valor [...]*”, pode ser interpretada pelo denominado discurso de ódio, tal qual pode incitar uma desvalorização generalizada da mulher, ao considerá-la oponente do homem.

Quanto à sujeição mencionada, tratando-se de poder, podemos observar que as relações entre sujeitos e/ou grupos demarcam posições de “sujeição e servidão àquele(a) que se submete.” (Apfelbaum, 2009, p.76).

Para a mesma autora, a introdução de uma dissimetria estrutural em que, de um lado, está o grupo dominante, o representante da totalidade e das normas sociais impostas como universais, por outro lado, estão os/as designados/as. A estes/as é exercido controle constante, fixando limites e direitos.

De um modo geral, os comentários analisados concebem a mulher sob o prisma de poder, inferindo “a dominação de gênero, a materialidade da apropriação da classe das

mulheres pela classe dos homens.” (Apfelbaum, 2009, p.77). Observamos, portanto, a generalização dada à categoria mulher sob o ponto de vista masculino.

### 4.2.3 O homem

Com a mesma intenção da subcategoria anterior, nesta, continuamos a busca por compreensões que nos traduzam as percepções, dessa vez, sobre os homens, encontradas nos comentários coletados.

*Nelson* postula que os homens classificados como submissos se beneficiam da condição rotulada.

*Mesmo com tantas filosofias sobre o assunto, eu percebo que a maioria dos homens "submissos" são na realidade um baita dos vivos, que ajem assim para se livrarem de responsabilidades e deixam tudo para as "coitadas" das esposas resolverem. Isso é com ela meu negócio é cerveja e futebol. (Nelson).*

Compreende-se que o gênero não é fixo, imutável ou homogêneo, mas múltiplo, plural, passível de transformações e, até mesmo de contradições. (Louro, 1997).

Desse modo, entendemos que o “homem”, como descrito no comentário de *Nelson*, anseia as prerrogativas de outrora, o homem, como dominante, no entanto, ao não encontrar esse papel atrelado a figura masculina, interpreta tal fenômeno, como fuga de responsabilidades sociais.

No que tange às identidades de gênero, Louro (1997) enuncia que:

[...] estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os

sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desaranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe. (p. 28).

Nesse sentido, a dicotomia que permeia os gêneros acaba por afirmar o masculino como ponto de referência das relações polarizadas.

Outro comentário encontrado cogita a segurança e a proteção atrelada ao papel do homem. *LizaBrasil* cita tais características como ideais, mas acredita não ser fácil encontrar em seu tempo. Notamos uma aproximação que esta faz da percepção de homem à imagem paterna. Ao mesmo tempo, legitima a submissão feminina, bem como a dominação masculina.

*Adoraria que os homens fossem como meu Pai era... que adoravam cuidar e proteger a amada... fortes, que passassem segurança, quando meu Pai estava em casa me sentia segura e protegida, adorava o cheiro dele.. ele era sempre prestativo e ajudava a minha mãe nos afazeres mais pesados ... rsrs ... não conheci nenhum assim ate hoje no meu tempo ... eu seria submissa e adoraria ter um homem assim rsrs acho que os homens de hoje querem que assumamos o seu papel pra eles ficarem de boa. (LizaBrasil).*

Percebemos a apropriação dos papéis distintos aos homens e às mulheres. Essa apropriação toma corpo nas/pelas relações entre homens e mulheres enquanto categorias de

gênero que, embora consideradas distintas, impactam uma categoria a outra, pois são pautadas a partir de como se dá essa relação.

Compreender as relações de gênero, como considera Scott (1990), é particularmente útil para a compreensão das desigualdades e experiências sociais radicalmente distintas aos gêneros.

Ademais, a autora supracitada reitera que:

o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. (Scott, 1990, p.7).

Sendo assim, com base nas relações de gênero, podemos desvelar como se dão as diferenças que configuram os papéis sociais de homens e mulheres, podendo, portanto, compreender o persistente desejo masculino enquanto categoria em perpetuar dominação e controle.

Adiante, *Roger* levanta a concepção de homens inseguros, para tal sentimento, é estabelecido superioridade como forma de conservar as relações imbricadas ao oposto.

*Não sei por que tem tantos carinhas aqui com tanta insegurança querendo ditar seus pré-conceitos do que são mulheres, do que elas pensam ou sentem. E dizer que "mulher é emocional, homem é racional" é de uma bobagem enorme e mostrar que não sabe nada sobre mulheres [...]. (Roger).*

Quanto à insegurança mencionada, segundo Chimamanda (2015), considerando-se as formas de criação, o homem pode sentir a autoestima reduzida, quando não estiver dominando as situações.

Além disso, *Roger* demonstra revolta com a insistente definição: "*mulher é emocional e homem é racional.*"

De acordo com Negreiros e Carneiro (2004): "a dicotomia sexual homem-mulher com características e peculiaridades próprias e mutuamente exclusivas — assumida por pais, familiares, escola, meios de comunicação e sociedade em geral, é incorporada como uma forte formação, através do desenvolvimento humano." (p.35).

Para Parsons (1964), culturalmente, espera-se meninos fortes, independentes, agressivos, competentes e dominantes; enquanto às meninas, as expectativas circundam que sejam dependentes, sensíveis e, principalmente, que suprimam seus impulsos agressivos e sexuais, para que, de algum modo, formem conjuntos de disposições diferenciais a serem adotados.

Em dias atuais, ainda perduram-se os ideais de masculinidades mais rígidos, fechados, heteronormativos, diversos comentários referem-se ao homem como o "macho", conferem atributos de superioridade.

#### **4.2.4 Constructo social**

A subcategoria em questão busca encontrar elementos que desvelem relações de gênero percebidas como constructos sociais.

Nesse sentido, o comentário de *Ckkj* compreende que as relações são construídas socialmente ao sinalizar que a "*diferença é resultado da cultura de um povo*" e, complementa ainda que:

*[...] Não é uma questão de usar rosa e azul, comprimento de cabelos ou outros conceitos superficiais... Não é questão de tempo... Independente de qualquer evolução, novos nomes surgirão e se classificarão... Pegue um grupo de crianças e analise suas habilidades manuais... Independente da anatomia e conceitos... O grupo se subdivirá em subgrupos onde as atividades serão mais rudes ou delicadas, independente da anatomia, é a predisposição genética, esportes, violência, trabalhos manuais, atividades intelectuais... Os grupos se dividirão e os indivíduos se aproximam por suas semelhanças... Enfim, o que o futuro reserva não será diferente. (Ckkj).*

Esse comentário entende que há preponderância de origem social, cultural e histórica sobre as relações. Segundo Louro (1997), as justificativas para as desigualdades entre homens e mulheres não estão relacionadas aos aspectos biológicos, mas às condições históricas e sociais. Para a mesma autora, o conceito de gênero, a partir de seu caráter relacional, não se reduz à compreensão dos papéis sociais, mas busca apreender o gênero como algo que constitui a identidade dos sujeitos. Desse modo, “os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero.” (Louro, 1997, p.26).

Os comentários de *Strombeck* e *Rapha* possuem percepções análogas ao comentário analisado anteriormente, pois compreendem que os conceitos feminino e masculino são construídos socialmente, destoando o imperativo ligado ao sexo biológico.

Para *Strombeck*:

*Tem algumas mulheres que nasceram pra dominar, e tem alguns homens que nasceram pra ser submissos, é óbvio! Não é um órgão sexual que vai determinar uma*

*"personalidade submissa, ou dominante." As pessoas têm que entender que não é porque você tem uma vagina ou um pênis é que você vai gostar de rosa ou verde, de ter um poder de liderança ou não, de ter um talento ou não, de ser melhor em uma profissão ou não. Tem mulheres que são melhores em serviços mecânicos e tem homens que são melhores cozinheiros, etc. (Strombeck).*

A partir do comentário de *Strombeck*, destacamos a distinção descrita, de um lado, posiciona o sexo biológico ligado aos órgãos genitais e, de outro, o gênero, este sob a perspectiva da construção das identidades.

De acordo com Louro (1997), o conceito de gênero é concebido de forma distinta do conceito de sexo, ao passo que sexo está alinhado a elementos empíricos, biológicos, enquanto gênero se detém aos aspectos sociais e culturais que diferenciam homens e mulheres. Em outras palavras, o sexo, do ponto de vista biológico, é concebido pela genitália como definição. Ao mesmo tempo em que o termo gênero exprime características atreladas às subjetividades sociais.

Em complementação, o comentário de *Rapha* considera que:

*[...] a cultura influência diretamente na construção dos sujeitos e das suas subjetividades e os conceitos de feminino e masculino são construídos socialmente. Se entendemos que o corpo-sujeito é masculino ou feminino significa que ainda temos conceitos arraigados das subjetividades das pessoas e que isso atrapalha diretamente nas relações amorosas, pois ama-se a idealização de uma pessoa, quando isto pode ser uma mera ilusão, homens e mulheres podem ser femininos e masculinos, em maior ou em menor grau, dependendo das diferentes situações. E até os corpos podem ser desviantes desse conceito engessado. Há homens com corpos femininos e*

*mulheres com corpos masculinos. o estudo da sociedade não é uma fórmula de física.*

*A coisa é + complexa. (Rapha).*

Retomando o comentário de *Rapha*, podemos apreender as intersecções acerca da sexualidade, o corpo e subjetividades constituídas, por vezes, por um pensamento dual designando um caráter inter-relacional homem-mulher.

Para Foucault, a sexualidade constitui um:

[...] dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros [...]. (Foucault, 1988, p.100).

A sexualidade como “invenção social”, aludida pelo autor supracitado, faz referência aos discursos, normas e instituições produzidas no sentido histórico temporal. Nesse sentido, a sexualidade é controlada ao longo da história social.

Em outro comentário, *Danilo*, em sua narrativa, percebe mudanças comportamentais dos adolescentes que outrora foi negada. A vaidade dos meninos é mencionada a partir das relações transitáveis entre os polos masculinos e femininos, produto das transformações sociais.

*[...] masculino e feminino nunca deixarão de existir. Acho que as questões são terminologias. Masculino e Feminino como papéis sociais podem sim deixar de existir e já estão. Convivo com adolescentes na escola onde trabalho e hoje os*

*meninos são às vezes até mais vaidosos que as meninas. Fazem cortes de cabelos modernos, passam pomada no cabelo, tratam da pele etc. Até bem pouco tempo isso era considerado coisa de menina e de mariquinha. Graças a Deus já mudou. Então Masculino e Feminino são constructos históricos e sociais. Agora para mim Homem e Mulher sempre existirão, porque para usar um discurso religioso é a criação de Deus. Mas que pode mudar! (Danilo).*

Quanto à percepção das (re)construções de gênero, segundo Coutinho (2006), pode-se conceptualizar o sujeito pós-moderno, pela ausência de uma “identidade fixa, essencial ou permanente.”

Continuamente, Hall (2005) denomina essa transmutação identitária como "celebração móvel", pois é formada e transformada perenemente abarcada pelas representações definidas à luz dos sistemas culturais que circundam a sociedade.

Tal mudança se dá “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.” (Hall, 2005, p.13).

Discorremos, para tanto, sob embasamento de Scott (1990), que os processos constitutivos relacionais de gênero são construções históricas e sociais assentadas nas características biológicas dos seres humanos nascidos como machos e fêmeas, fundando, portanto, a organização da sociedade que naturaliza as relações de dominação das mulheres pelos homens, sustentando as desigualdades sociais, cuja análise exige considerar outras questões, como classe e etnia.

De acordo com Nascimento (2015), novas perspectivas surgiram a fim de problematizar pensamentos arraigados a partir de uma noção biológica binária tanto em referência ao gênero, quanto ao sexo.

Butler (2003) contesta o caráter imutável do “sexo” dado que “talvez o próprio constructo chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (p. 25).

Nesse sentido, apreendemos que o sexo, também, pode ser entendido como construção sociocultural.

#### **4.2.5 Relações contemporâneas**

Tecemos na presente subcategoria, pensamentos que discorrem acerca dos elementos percebidos entre relações contemporâneas no que tange o feminino-masculino.

A celebração pela conquista de direitos, que antigamente não se detinha, pode ser averiguada:

*Eu acho que sou bastante eu. Quando me casei não adotei o nome de meu marido. No meu trabalho, batalhei muito, mas recebia tanto ou mais que colegas homens. Hoje aposentada, viúva, vivo independente. Nada a reclamar dos homens. (Xbn9dvo722ot).*

Primeiramente, observamos a legitimação do “eu”, interpretada pelo reconhecimento de sua identidade.

Louro (1997) elucida que “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (p. 27). Logo, para a mesma autora, se faz necessário desconfiar do que é concebido como “natural.”

Quanto a não adoção do sobrenome do marido, ora mencionado, Prenhaca (2015) esclarece que tal direito foi possível em consequência ao marco legal, o qual instituiu o direito da decisão, adicionar ou não o sobrenome do marido, a legislação cedeu, também, o direito ao homem em acrescer o sobrenome da esposa se assim desejar. A comentarista, portanto, usufruiu desse direito ao poder decidir em não adotar o sobrenome de seu esposo.

Em relação ao direito do trabalho conquistado pelas mulheres, segundo a assertiva de Spindola e Santos (2003), o ingresso das mulheres no mercado de trabalho foi resultado de muitas lutas, pois “[...] mudou o curso da história, numa caminhada longa e árdua.” (p.595).

Ao refletir sobre o processo histórico-cultural da constituição do ideário regulador das relações sociais contemporâneas, RAGO (2006) esclarece ter sido o início da industrialização brasileira o palco em que:

foram definidos códigos sociais e morais, noções de certo e de errado, assim como a legislação trabalhista que deveria reger por muitas décadas as relações de trabalho com consequências nos lares e na vida social. [ ] O espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, [ ] desempenhando funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos. [ ] As autoridades e os homens da ciência do período consideravam a participação da mulher na vida pública incompatível com a sua constituição biológica (p. 603).

Pode-se observar, portanto, que a divisão sexual do trabalho foi-se constituindo ao longo da história da humanidade, sedimentando as relações desiguais entre homens e mulheres, presentes na contemporaneidade.

Destacamos, ainda, quanto ao comentário de *Xbn9dvo722ot*, a viuvez pensada como identidade pode assumir “[...] significados e práticas distintas quanto as relações de gênero ao diferenciar os comportamentos femininos e masculinos diante da morte.” (Possas, 2015, p. 660). Nesse sentido, a viuvez como rito de passagem institui e reforça características e comportamentos determinados nas e pelas convivências sociais.

A seguir apresentamos as considerações pertinentes ao comentário de *NO TUBO*, as quais sintetizam sua percepção do mundo contemporâneo, como pode ser apreciada:

*Hoje em dia mulheres são muito mais independentes, trabalham tanto quanto homens em diversas funções e em muitos cargos ganham igual, e com as Leis Internacionais esta situação só melhora para a emancipação das mulheres. É um mundo novo pras mulheres de algumas décadas pra cá, então vejam o lado bom e evolução. (NO TUBO).*

Assim, como a comentarista anterior, *NO TUBO* enfatiza o trabalho contemporâneo, vislumbrando a equiparação salarial entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

Em contrapartida, ainda hoje, atributos envolvendo qualificação e elevados níveis de ensino não são suficientes para atenuar a segregação ocupacional e garantir equiparação remuneratória entre homens e mulheres, pois “[...] a condição de gênero sobrepõe-se à sua qualificação para determinar seus ganhos.” (Perez, 2001, p.51).

A despeito das adversidades, pode-se constatar que houve evolução na atual condição socioeconômica das mulheres, pois no cenário recente, diferentemente de outrora,

há mulheres que ocupam cargos de responsabilidade e prestígio, os quais eram ocupados exclusivamente por homens, portanto, atualmente são reconhecidas por seu trabalho.

Diante do exposto, depreende-se que a evolução do trabalho, especialmente às mulheres, trouxe novas configurações sociais e econômicas, possibilitando-lhe certa autonomia e independência financeira e, por conseguinte, tornou-se meio de subsistência de muitas famílias. Assim, Cortazzo (2000) assegura que o ingresso da mulher no processo produtivo tem sido cada vez mais frequente, não como complemento da renda familiar, mas imprescindível e, muitas vezes, como o principal rendimento da família.

Para o autor citado, a exploração da força de trabalho, fruto do sistema capitalista, é, intensa para as mulheres, muitas vezes, devido às jornadas de trabalho que abarcam o âmbito profissional e doméstico.

Quanto aos marcos legais de emancipação da mulher concernente à realidade brasileira, Perez (2001) destaca a Constituição Federal de 1988 como um marco inerente aos direitos das mulheres, assegurando-lhes conquistas fundamentais rumo à equidade entre homens e mulheres, tais como: “[...] proteção contra a violência, direito ao planejamento familiar, licença-maternidade, licença — paternidade, proteção ao mercado de trabalho da mulher, creches e pré-escolas para seus filhos” (p. 51).

Diante do exposto, consideramos que superar as desigualdades de gênero estabelecida no campo do trabalho é um desafio a ser abraçado pela sociedade civil e poder público, uma vez que os fatores que as perpetuam encontram-se presentes tanto no espaço público quanto no privado.

De acordo com Chimamanda (2015), a sociedade evoluiu, mas ainda é preciso (re)construir e transformar concepções internalizadas.

No comentário de Leninha, a ênfase está nas vantagens *versus* desvantagens voltadas às mulheres contemporâneas, elencando da seguinte forma:

*Ganha-se e perde dos dois lados. As mulheres ganharam a liberdade de não ficar só em casa parindo, lavando e cozinhando, mais são cada vez mais responsáveis por sustentar a família e raramente encontra um parceiro que queira estar ao seu lado. Os homens não são mais obrigados a ir trabalhar pra sustentar a família, e perde a mulher que se vendo independente, não aceita mais qualquer condição que lhe empurrem. (Leninha).*

Nesse sentido, Beauvoir (1967), estudiosa da condição feminina, constata resquícios do passado ainda pujante, como a supremacia masculina, pois

somente depois de feito o balanço dessa pesada herança do passado, poderá a mulher forjar um outro futuro, uma outra sociedade em que o ganha- -pão, a segurança econômica, o prestígio ou desprestígio social nada tenham a ver com o comércio sexual. É a proposta de uma libertação necessária não só para a mulher como para o homem. (p.7).

A autora evidencia que, em épocas de transição de sentimentos e costumes, é indispensável a autenticidade tangenciada na condição feminina, mas, da mesma forma, a masculina.

Paradoxalmente, o comentário de *Jessicamg* simplifica o debate acerca dos papéis sociais entre homens e mulheres dentre outros aspectos relacionados à sexualidade. Em seu ponto de vista, a sexualidade, hodiernamente, se resume à liberdade.

*[...] A coisa mais imbecil para ser feita é discutir papel social de homem e mulher a essa altura do campeonato. Criminalizar ou não a homofobia, casamento gay, são assuntos que visam distrair o leitor das matérias mais importantes e que vão melhorar a sociedade de fato. Esse papo de criar a filha pra ser princesa e o filho pra ser machão e pegador, esbarra numa questão simples: a sexualidade hoje é livre para homens e mulheres, o casamento não é mais obrigação, a mulher não é mais obrigada a fazer sexo com o marido, ninguém é mais obrigado a permanecer casado etc. [...] Vamos nos preocupar com a educação e segurança pública que é o que realmente importa. (Jessicamg).*

O comentário ora mencionado reduz a relevância do debate no tocante às relações de gênero e suas implicações sociais, segundo o comentário, há preocupações mais importantes e emergentes para a sociedade se mobilizar.

Winck (2015) ressalta que, ainda que o movimento feminista tenha alcançado grandiosas conquistas, a cultura, às vezes, de forma velada, institui a segregação dos sujeitos com o intuito de classificá-los.

Desse modo,

enquanto a militância pelas equidades de gênero for confundida apenas como uma rebeldia vazia de uma causa é ilegítima, não somente as mulheres, mas também a multiplicidade de gêneros que existem além da dicotomia masculino-feminino estarão marginalizadas subestimadas. Ainda nos carece uma visão crítica sobre gênero, para desconstrução de ditames históricos à identidade feminina [...]. Enquanto pessoas, independentemente do(s) gênero(s), não forem destituídas de papéis castratórios e de relações de poder não-igualitárias, será necessária a conscientização de que está na

própria noção de “normalidade” um dos pontos cruciais que ela própria se nega a enxergar. (Winck, 2015, p.96).

Do mesmo modo, nas palavras de Rubin (2003), para algumas pessoas, assuntos acerca da sexualidade:

“[...] pode parecer um tópico sem importância, um desvio frívolo de problemas mais críticos como a pobreza, guerra, doença, racismo, fome ou aniquilação nuclear. Mas é em tempos como esse, quando vivemos com a possibilidade de destruição sem precedentes, que as pessoas são mais propensas a se tornarem perigosamente malucas sobre a sexualidade.” (p. 1).

A desvalorização do debate acerca das condições contemporâneas de gênero proferida no comentário de *Jessicamg* é contestada mediante as argumentações supracitadas, as quais conjecturam a importância de tal debate para a sociedade.

#### **4.2.6 Conflitos das relações**

Nesta subcategoria buscamos acepções delineadas sob o prisma dos conflitos relacionais.

A guerra dos sexos, por conseguinte, é declarada — comentário de *Erika*:

*[...] E porque os homens continuam sendo servidos (em todos os aspectos) pelas mulheres? É justo as meninas e mulheres fazerem todo o enfadonho trabalho doméstico, enquanto os meninos só ficam com a parte boa do desfrute da casa limpa e arrumada, refeições nas quais sequer lavam a louça. (Erika).*

O comentário de *Erika* demonstra aversão sob uma perspectiva de justiça, ao indagar o trabalho doméstico como obrigação, apenas, da mulher.

Diante desse contexto, as indagações de Rubin (2003) clarificam que a sexualidade, em sua esfera, apresenta uma política interna travando desigualdades e opressão, de modo que: “as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais.” (p.1).

Nesses conflitos que permeiam as relações de gênero, observamos que o trabalho doméstico é fortemente ligado à ideia de função exclusiva da mulher.

*Sethsp* expõe em seu comentário, pensamentos ligados às relações de poder, travando, de certo modo, reiteradamente, uma percepção de guerra entre gêneros.

*Penso que as mulheres não apenas querem os mesmos direitos dos homens (o que acho justíssimo)... O que parece é que elas querem o próprio homem...querem se impor usando o "politicamente correto", para desconstruir e desqualificar o gênero masculino...os homens estão cada vez mais cientes disso e estão também cada vez mais arisco....isso acaba por ser um tiro no pé que as próprias feministas estão dando em si mesmas, pois faz recrudescer ainda mais o machismo criando ainda mais antagonismo entre os gêneros! (Sethsp).*

O comentarista faz referência ao “politicamente correto” como fator de caprichos desnecessários, cuja intenção segundo *Sethsp* é “desconstruir e desqualificar o gênero masculino.” O mesmo finaliza seu comentário, advertindo que a feministas exacerbam, intensamente, os conflitos entre os gêneros.

Winck (2015) retrata o pensamento do comentarista, ao exaltar possíveis interesses inferidos à mulher. Segundo o autor, as mulheres são percebidas como seres que desejam o poder legítimo da natureza masculina e, tomadas pelo sentimento da inveja, tentam destituir os homens de seus papéis sociais.

Por outro lado, Trevisan (1998) argumenta que a “crise da masculinidade” enfrentada por muitos homens dada a destituição da supremacia masculina, desestrutura uma posição confortável de dominação.

O conflito se dá ao entender que as mulheres possam ocupar a posição até então ocupada por homens. Desse modo, tal crise se desdobra pela não aceitação da representação masculina imbricada a sujeição. (Winck & Strey, 2008).

O pensamento que infere ao movimento feminista representação de “ameaça” à categoria dos homens, também, é enfatizada no comentário de *Bonequinha Sweet* acrescido das relações desiguais de poder.

*Eu acredito que ainda exista, a guerra entre os sexos, por haver uma desigualdade de poder e liberdade entre os homens e mulheres, exatamente o que o movimento feminista deseja igualar, mas os homens enxergam as feministas, como uma ameaça, o que vai acontecer é que cada vez mais, as mulheres vão se livrar das regras e valores do sistema patriarcal, e os homens vão continuar "aprisionados" pelas ideias do patriarcado [...]. (Bonequinha Sweet).*

Esse descompasso entre mulheres reivindicando igualdade de direitos e a resistência masculina em superar paradigmas, conforme comentado anteriormente, nos leva a refletir acerca da resistência social, tendo em vista que é associada ao poder e a opressão, desvelando

significações de forças e ações “que se opõem ao exercício do poder na sociedade ou à opressão social.” (Wolff, 2015, pp. 582-583).

É nesse sentido, que se desdobra entre as categorias de gênero relações de conflitos coletivos e individuais desencadeando práticas, por vezes, extremistas de oposição e legitimação da dominação e opressão de gênero.

### **4.3 Motivações das desigualdades**

Na categoria intitulada “motivações das desigualdades”, procuramos justificativas inferidas às desigualdades entre homens e mulheres, a fim de encontrar resquícios, pelos quais são percebidos os fenômenos que agregam hierarquizações com base nas definições subjetivas das diferenças.

Conforme explanações de Soares (2015), as relações desiguais ligadas às disputas de poder são decorrentes da diferenciação sexual binária de forma essencializada.

#### **4.3.1 Sociedade patriarcal**

Entendemos que a sociedade foi fundada sob moldes de um sistema patriarcal, nesse contexto, encontramos a exaltação da maternidade, como podemos observar no comentário a seguir:

*maternidade é sagrado. ponto. toda mulher deveria sentir o máximo de orgulho do mundo por isso. a mulher deveria ter um auxílio-salário-maternidade de no mínimo 1 ano e meio e não deveria, jamais, trabalhar nesse período. A casa de todos os bebês e crianças deveria ser a mais limpa e higienizada possível. nada há de maior nesta vida para uma mulher do que o sorriso de seu filho.*

*Se isso é "exploração machista e cultural" para algumas mulheres, só tenho a te dizer: - bullshit! Estão todas caindo num baita engodo de infelicidade. acredite! a mulher que dá à luz e fica com seu filho é extremamente feliz! por fim: quem não sabe o que é divisão justa de tarefas, jamais entenderá a diferença entre pagar as contas e alimentar um bebê. (Ma Theus).*

Para *Ma Theus* a “maternidade é sagrado”, sua narrativa relaciona a maternidade à felicidade da mulher. Identificamos, também, que sua percepção delimita a divisão de atribuições, considerada pelo comentarista de divisão “justa de tarefas.” À mulher são resguardados os cuidados da casa e a criação do bebê. Obscuramente, podemos entender que ao pai cabe trabalhar para “*pagar as contas*”, portanto, prover o sustento da família. Esse comentário clarifica a definição de felicidade determinada à mulher e não por ela definida.

Face à maternidade, apreendemos tensões que atravessam a evolução das relações entre homens e mulheres no tocante aos papéis e aos direitos definidos socialmente, na dimensão familiar, como pai e mãe da criança. Para tanto, encontramos nesse discurso uma especificidade feminina e muito valorizada, a de originar vidas, como principal função social, operando de tal forma divisões entre a figura materna e paterna.

Referente às dimensões, social e política de reprodução, as experiências da maternidade tendem a ser elaboradas em novos contextos sociais. Para Collin e Laborie (2009) tal lógica imprime às mulheres “[...] a de viver-para-si-e-com-as-crianças, implicando não somente uma verdadeira repartição do trabalho e das responsabilidades domésticas entre pai e mãe, mas também a possibilidade de se afastar do caráter opressor da geração biológica, acedendo simultaneamente à geração simbólica.” (p.137).

De acordo com as autoras, essa nova lógica social permite às mulheres a liberdade de escolher seus modos de experienciar a maternidade e, sobretudo, a liberdade de “falar” por si

mesma. Porquanto, apreendemos no tocante às transformações sociais, o poder de escolha cedido à mulher contemporânea.

Badinter (1980), em sua obra, interroga se seria mesmo o amor materno um instinto, tal qual uma tendência feminina inata, ou dependente dos papéis sociais determinados e variáveis a cada época e a cada cultura, em suas investigações, a autora conclui que o instinto materno é um mito, haja vista que não há um comportamento materno universal, mas uma pujante variabilidade na expressão do amor, para tanto, o amor materno é um sentimento humano como qualquer outro e do mesmo modo incerto e frágil, contrariando a crença generalizada que o sentimento materno está arraigado à natureza da mulher. Para a estudiosa, não é um sentimento ancorado ao determinismo, pois tal sentimento se adquire, se constrói.

Quanto à divisão de tarefas suscitada no comentário analisado, Devreux (2009) explica que:

a contribuição das mulheres para a produção econômica e sua presença no mercado de trabalho constituem precisamente desvios em relação à norma da repartição entre o papel “instrumental” masculino do pai, provedor da renda da família e encarregado das relações desta com a sociedade, e o papel “expressivo” feminino da esposa-mãe que se consagra à vida doméstica e aos cuidados das pessoas, exercendo sua função afetiva no âmbito da família. (Devreux, 2009, p.97).

Nesse sentido, podemos compreender que a subjetividade de *Ma Theus* está sedimentada no pensamento patriarcal, por muito tempo definido, ser exclusivo do homem o papel de prover à família.

Em análise, encontramos também, discursos arraigados de machismo tangenciando as mulheres como igualmente reprodutoras destes.

*Isso ocorre, mas acho que ainda vai demorar para mudar totalmente, viemos de uma sociedade machista, queremos mudar mas as vezes fico estupefata com as minhas próprias falas,tenho meninos e uma menina, mas não gosto que ela faça tudo o que eles fazem,acho que a educação que recebemos foi machista e infelizmente as próprias mulheres mesmo inconscientes, acabam colaborando para a não mudança. (Luzinete L.).*

*Luzinete L.* reconhece a sociedade patriarcal como responsável pelo machismo e, ao mesmo tempo, acredita nas dificuldades de mudança. Haja vista que ao refletir, percebe a naturalização da educação machista fortemente exercida pela sociedade.

A autora Apfelbaum (2009) esclarece que o consentimento das mulheres (dominadas) aos ditames masculinos é decisivo à dominação. Pondera, portanto, que:

a controvérsia suscitada por essa posição advém do fato de que ela supõe uma relação simétrica, entre iguais, em que cada um teria o conhecimento ou uma completa consciência das condições estabelecidas no contrato, e uma total liberdade de escolha [...]. No entanto, opressores e oprimidos não estão no contexto de um contrato entre iguais. (p.77).

Desse modo, a autora considera não pretender que exista consentimento das dominadas às condições definidas pelos dominantes, pois não estão em pé de igualdade.

Foucault (2008) explicita pressupostos que as relações de poder se dissipam por todas as estruturas relacionadas à sociedade. Para o autor, o poder é exercido e disputado, sua análise está centrada no ser humano como sujeito ativo, não como mero objeto do poder.

Habitualmente, o poder é entendido como a capacidade de um agente impor a sua vontade sobre a vontade do outro, ou a capacidade de forçá-lo a fazer o que não deseja. Nesse sentido, o poder é entendido como posse, como algo possuído por aqueles que estão no poder. Para o pensador, o poder não é algo que possa ser possuído, atua e se manifesta, é mais estratégico do que posse: o poder deve ser analisado como algo que circula, ou como algo que funciona na forma de cadeia.

Para Foucault (2008) o poder é empregado e exercido por meio de uma organização semelhante a uma rede, os indivíduos são os transportes do poder, não os seus pontos de aplicação. Esse modo de entender o esquema de poder denota duas características principais: o poder é um sistema, uma rede de relações que abrangem a sociedade inteira, em vez de uma relação entre o oprimido e o opressor; os indivíduos não são, somente, os objetos do poder, mas eles são o lugar onde o poder e a resistência estão inseridos.

Kelly (2009) concebe que essas características podem ser novas nuances do poder. Em sua opinião, na visão do pensador francês o poder é produtivo — causa efeitos positivos — é ubíquo, pode ser encontrado em qualquer tipo da relação entre os membros da sociedade, sendo uma condição de possibilidade de qualquer relação.

Conceber o poder como estratégia e não como posse significa pensar nele como algo que é exercido e não simplesmente adquirido, não é localizado, exclusivamente, em certas instituições ou indivíduos, mas num conjunto de relações dispersas em todas as partes da sociedade.

No comentário de *Ercampo*, a supremacia masculina pôde ser identificada. Outro aspecto encontrado refere-se ao ditado popular mencionado à mulher: apenas duas opções, para “cria” ou para “carreira.”

*Trata-se de uma "composição humana", milenar. Difícil mudar. A própria biologia de homem e de mulher apontam caminhos diversos. Entre os animais, não é diferente. A supremacia masculina persiste. Além de que a sociedade masculina, na região de campanha, do RGSul, possui um ditado popular cita que o gênero feminino pode tomar duas opções de vida: - para cria (filhos + família) ou para carreira (liberdade + independência). parece que isso permanece, em toda sociedade, ou não ? a conferir... (Ercampo).*

Ao longo do tempo, a supremacia masculina se manteve, segundo Winck (2009) aos homens foi definida uma hegemonia social, reconhecendo-os como cidadãos, portadores da condição masculina as quais davam jus à reserva de direitos, enquanto às mulheres, os deveres.

O patriarcado, em sua origem social e histórica, de acordo com Lima & Souza (2015), desvelou desigualdades de poder entre homens e mulheres, no entanto, a interpretação das relações desiguais, como fruto das diferenças naturais entre os sexos, despertou o pensamento crítico, configurando, o pensamento feminista, a partir do conceito de gênero. Para os autores, “esse processo contribuiu para a desnaturalização do patriarcado como forma de organização familiar e social, ao dar visibilidade aos aspectos culturais nela inseridos e ao apontar o seu caráter histórico.” (p. 517).

Lima & Souza (2015) elucida que a família patriarcal não rege um modelo único de organização familiar devido às variações no decorrer do tempo, a característica mantida está na superioridade e no poder do patriarca.

O patriarcado, no pensamento de Butler (2003) não é universal, único, pois isso não abarcaria a diversidade de vivências, expressões e identidades em diferentes culturas e sociedades.

Observamos, portanto, nessa subcategoria a ênfase aos pressupostos do patriarcado profundamente arraigados.

#### **4.3.2 Fatores biológicos**

Procuramos nesta subcategoria evidências que apontem perspectivas biologizantes para justificar as diferenças entre homens e mulheres.

No tocante às desigualdades, os subsídios de Soares (2015) clarificam que “a representação das diferenças estaria inscrita no corpo e a valência diferencial dos sexos se concretizaria a partir de uma série de códigos morais que balizam as condutas sociais.” (p.242).

De acordo com Costa e Ribeiro (2011), os discursos acerca das relações de gênero e da sexualidade nos permitem observar aspectos considerados inerentes, os quais são admitidos ao homem e à mulher calcados nas diferenças biológicas.

Para reconhecer os fatores que sustentam as desigualdades, apresentamos algumas subjetividades que partem de uma ótica biologista condutora de corpos e comportamentos.

Como podemos notar nos comentários a seguir:

*Homem e mulher são diferentes e não se trata apenas de questões culturais. Temos que entender que apesar de ser racionais somos animais. E como animais que somos, homens e mulheres tem reações diferentes, instintos diferentes, reações químicas diferentes, vontades diferentes e várias outras coisas em termo de corpo e as reações que ele produz [...]. (CDMMG).*

*Como todo bom texto feminista, a culpa é sempre da sociedade machista patriarcal. A autora do texto ignora duas questões fundamentais: A sociedade mudou*

*bastante hoje em dia, e nós ainda somos guiados por instintos. Em sociedades primitivas era mais vantajoso para a mulher ficar sob a proteção de um "macho alpha", mesmo que ele tivesse muitas outras mulheres. Ela garantiria descendentes melhores e teria a proteção do "macho", já ele em troca de proteger todas essas mulheres, teria várias opções de procriação. Essas decisões não eram tomadas de forma racional, mas sim totalmente instintivas, instinto esse que foi moldado ao longo de milhões de anos de evolução. Hoje em dia esses comportamentos ainda aparecem, e muitas mulheres simplesmente não sabem explicar porque elas gostam dos "canalhas", mesmo sabendo que eles tem várias outras mulheres. A explicação é simples: os "canalhas" de hoje são os "machos alphas" de ontem. (Felipe).*

*Diferenças biológicas (incluindo as hormonais) geram, naturalmente, diferenças comportamentais. Vê-se, hoje, uma tentativa, sem sentido, de eliminar essas diferenças. (Guima27).*

Analisamos os comentários em detrimento das defesas utilizadas para legitimar as diferenças a partir de pressupostos biológicos, os quais apresentam subjetividades machistas fundadas no patriarcalismo, essas subjetividades corroboram as desigualdades entre homens e mulheres.

Segundo Costa & Ribeiro (2011), a construção das desigualdades pelos aparatos da biologia desperta a crença que já se nasce dotado de características imutáveis as quais definem, desde então, ser feminino ou masculino.

Quanto ao nascer mulher, esse pensamento contraria a máxima de Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”

Nesse sentido, os comentários, de modo geral, bradam uma assertiva sob as peculiaridades biológicas. Em relação às diferenças desencadeantes das desigualdades entre homens e mulheres, podemos assim dizer, análogas às descrições de Chimamanda (2015): “temos hormônios em quantidades diferentes, órgãos sexuais diferentes e atributos biológicos diferentes — as mulheres podem ter filhos, os homens não. Os homens têm mais testosterona e em geral são fisicamente mais fortes do que as mulheres.” (pp. 19-20).

Em outros comentários, além dos fatores biológicos, encontramos justificativas que engendram sistemas desiguais a partir das diferenças provindas da natureza, como podemos notar:

*As diferenças entre homens e mulheres não são totalmente arbitrárias. O fator biológico influi na percepção e no comportamento do indivíduo e é determinado pela Natureza e não pela sociedade. A biologia supera a ideologia relativista. (Emerson).*

*Somos seres biológicos, não culturais! (Verite)*

*A diferença só é anatômica? E qual o órgão que "forma" a nossa anatomia? É o cérebro! Ou seja, os homens e mulheres são diferentes porque são biologicamente diferentes. A cultura exerce influência no comportamento, mas não explica tudo. Por exemplo, na Noruega, que é o país com maior igualdade entre os sexos, há profissões preferidas pelas mulheres e outras preferidas pelos homens. Forçar uma igualdade que não existe é que não pode. Nem melhor, nem pior. Homens e mulheres são diferentes e sempre serão [...]. (J\_Maurotr).*

*[...] Não se pode mudar a natureza, não se pode alterar os papéis nem dizer de que o gênero não deve influenciar na vida do indivíduo. Homem é homem, mulher é mulher, que fora agraciada por Deus com a dádiva de gerar a vida. Logo sempre será frágil precisando sim de uma figura mais forte para proteger a todos. (Juquinha).*

*Eu já acho (na verdade não acho eu sei) que não é assim. A cultura tem um papel mínimo no comportamento humano. Nós somos apenas animais, sim somos racionais, falamos, vamos para a escola etc., porém quando se trata de comer, sexo, sobrevivência somos animais como outro qualquer e nosso comportamento é ditado pelos genes. (bbb\_010).*

A partir dos estudos de Mathieu (2009), podemos compreender que é comum uma valorização exacerbada da diferenciação entre homens e mulheres a partir do prisma biológico a qual atribui funções distintas de forma generalizada.

O sexo ligado ao que é biológico opõe-se à perspectiva social de gênero, ao passo que a distinção é dada pela diferença. Para Mathieu (2009) a diferenciação alicerçada no biológico traduz a “aquisição de propriedades *funcionais* diferentes por células semelhantes.” (p. 222).

Segundo a autora supracitada, a assimetria entre fêmeas e machos, revelada em estudos acerca das sociedades dos primatas, destacou níveis de diferenças referentes às características comportamentais e sexuais que “asseguram a reprodução, a criação dos filhotes e a obtenção de alimentos.” (Mathieu, p. 223).

Nesse viés, a humanidade integrante das espécies de reprodução sexuada é compreendida como detentora de sua principal função, a de perpetuação da espécie.

Os autores Botton, Strey, Romani e Palma (2015) enfatizam que a diferenciação entre homens e mulheres advindas do reino animal e da natureza é fundada, compulsoriamente, no binarismo macho e fêmea, pois “é determinado exclusivamente pela anatomia e fisiologia do corpo humano — pelos caracteres sexuais primários e secundários.” (p. 601).

Nesse sentido, para os autores, o pensamento dual e biológico, ainda, é predominante, essa visão não concebe o caráter transitório do corpo e suas variações.

Os comentários observados a seguir, apresentam de modo antagonista e excludente, o masculino e o feminino como as únicas possibilidades de existência.

*Homem e mulher são diferentes e não se trata apenas de questões culturais. Temos que entender que apesar de ser racionais somos animais. E como animais que somos, homens e mulheres tem reações diferentes, instintos diferentes, reações químicas diferentes, vontades diferentes e várias outras coisas em termo de corpo e as reações que ele produz. O mundo moderno quer que as mulheres sejam iguais ao homens, não vejo problema disto, porém para tudo tem se um preço, e hoje em dia as estatísticas mostram que o número de infarto em mulheres aumento muito, além de problemas com a depressão e ansiedade. O homem e a mulher são muito mas muito diferentes, quem é casado sabe muito bem disto, o resto é balela. (Cdmmg)*

*Nunca se vendeu tantos "tarjas-pretas" como hoje. E a grande consumidor é o sexo feminino. Muitas descobrem tardiamente que ir contra sua natureza faz mal ao corpo e à mente. (Ravenlord).*

Para os comentários de *Cdmmg* e *Ravenlord*, a subversão da natureza feminina causa consequências à saúde das mulheres, o primeiro cita o infarto, o segundo menciona a necessidade do uso de medicamentos tarja preta.

De acordo com Louro, Felipe e Goellner (2010) vivencia-se o fenômeno do *upgrade* do corpo no universo das tecnologias, o qual consiste na condição de busca, de atualização constante e contínuo aperfeiçoamento. Ao passo que o ser humano na cibercultura “é aquele que transgride, se programa, se constrói, reelabora múltiplas versões do seu *design* corporal e se enquadra conforme os modelos e as exigências do pós-humano” (p. 185), para tanto, em incessante transformação.

Em outro comentário, é perceptível, uma confusão entre os conceitos sexo e gênero expresso por *Tati* em “*o gênero existe ainda que não queremos vê-los, ta ali embaixo da calcinha, da cueca*”, podemos observar o comentário na íntegra:

*Eu penso que não é uma imposição da sociedade de que a menina seja mais protegida, dedicada aos afazeres domésticos e o menino não... Acho que ja vem da natureza da mulher ser assim e do homem de ser o protetor, o provedor. O gênero existe ainda que não queremos vê-los, ta ali embaixo da calcinha, da cueca... Não existe como distorcer isso [...]. (Tati).*

Soares (2015) elucida que o *status* de verdade das noções naturalizadas, no tocante binarismo feminino-masculino, ao ser desestabilizado, gera confusões subjetivas que comumente podem ser observadas a partir de uma “defesa acalorada das características e determinações binárias como sendo o padrão da normalidade.” (p. 244).

Grosso modo, observamos a dificuldade de entendimento entre as terminologias de igualdade e diferença. Rejeita-se o termo igualdade entre homens e mulheres cujas

argumentações discorrem reiteradamente a partir de teorias biologizantes sedimentadas no patriarcalismo.

Nesse contexto, Rago (1998) considera ser fundamental novos olhares para as diferenças com o intento de superar lógicas absolutas arraigadas para que se possa lograr (re)construções das relações entre homens e mulheres.

### 4.3.3 Feminismo

Esta categoria apresenta comentários, os quais consideram o feminismo como incitador das desigualdades entre homens e mulheres. Culpabilizam os movimentos feministas, por entendê-los como reforçadores do machismo, sem, ao menos, considerar as lutas e conquistas de movimentos importantes para a história das mulheres, sobretudo, para a humanidade.

*Esse feminismo todo está mudando muito, hoje conheço vários amigos que querem se casar, mas dizem quem as mulheres estão parecendo homens, querendo ficar "bombadas", ir pra balada e ficar com 20 homens, beber todas e pagar mico. Da nisso, muitas mulheres solteiras, além de ser maioria, os homens estão preferindo ficar sozinhos ou estão mais seletivos. Só gostaria de dizer uma coisa: "MULHERES, CONTINUEM SENDO FEMININAS, POIS ASSIM VOCÊS SÃO LINDAS, CONCORDO QUE TRABALHEM, QUE ESTUDEM, QUE TENHAM INDEPENDÊNCIA FINANCEIRAS, PORÉM SEJAM FEMININAS" [...]. (Luiz.F.P.).*

O comentário de Luiz F. P. nos remete ao androcentrismo por:

[...] considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo [...]. (Moreno, 1999, p.23).

Para o autor mencionado, tal pensamento masculino, também, pode ser perpetuado pelas mulheres mesmo que de forma inconsciente, mas permissiva.

Enquanto, em outros comentários, podemos verificar críticas:

*[...] Atualmente existe uma necessidade alucinada de quererem se impor com o famigerado "empoderamento." Hoje tudo que vai contra essa obsessão neurótica é visto como machismo. Agora, pior que feministas são os "feministas" empunhando bandeiras para ficarem bem na fita. (Verdug0)*

*É uma pena também vemos muitas mulheres imitando este modelo tão doentio do "homem forte."..E não nos esqueçamos do misógino, psicopata, que pode apresentar-se submisso por um tempo e depois passa a agredir a sua parceira, podendo até mesmo a matá-la, por conta do chamado "feminismo de mídia", que, embora bem intencionado pois visa promover (embora de maneira irresponsável e burra) a igualdade entre os sexos, desconsidera o fato de que o patriarcado já conta quase sete mil anos e não acabará da noite pro dia. As mulheres correm risco de morte nestes dias de transição de hábitos e tradições. As feministas deveriam deixar suas vaidades de lado e rever as suas estratégias de promoção de igualdade dos sexos. (John C.).*

Com base nos comentários, podemos desvelar, portanto, culpabilização velada à mulher que, ao exigir direitos, se coloca em vulnerabilidade.

*O feminismo parece ser anticientífico. Mas, mais do que isso, ele faz mal para homens e mulheres porque atrapalha milhares de anos de seleção natural de comportamentos nos quais homens e mulheres se reconhecem. A "crítica ao macho" contamina as relações porque, apesar de se falar muito hoje em dia sobre homens serem mais sensíveis, as mulheres (que não suportam os fracos) só aguentam a sensibilidade masculina até a página três. A teoria de gênero tenta embaralhar, falsamente, os "papéis" masculinos e femininos é péssimo para ambos. Isso nada tem a ver com "negar" a vida profissional das mulheres, mas com lembrarmos de mulheres são mulheres, e homens são homens. Claro que a o impacto social nos seus comportamentos, mas dizer que não há nada no homem e na mulher que tenha a ver com sua herança biológica é como negar a lei da gravidade dizendo que os corpos caem apenas porque a ideologia opressora persegue os corpos de menor massa. (Inferno 2.0).*

Notamos que a desconstrução das ideologias arraigadas promovida pelo movimento feminista provoca e incomoda.

Em Paradoxo, o comentário de Inferno 2.0 desqualifica a causa como “*praga politicamente correta.*” Este faz uma leitura dos estudos de gênero a partir do prisma biologizante.

*Esse tema é um dos preferidos da praga politicamente correta. Para eles, nem temos sexo, mas gênero. O que é gênero, nesse caso? A teoria do gênero afirma que*

*nossa sexualidade é socialmente construída. Nada há nela de biológica. Assim sendo, as sociedades constroem os gêneros (leia-se, os sexos) na dependência do poder das classes sociais ou dos grupos malvados da vez. Claro, ao final, quem paga o pato é sempre o homem heterossexual. Essa discussão incide diretamente sobre questões caras ao politicamente correto, desde as mais gerais até as mais específicas, como o patriarcalismo, para algumas feministas o culpado pela poluição e pelos erros desde o Big Bang cósmico. Claro que a sociedade impacta a sexualidade e seus modos de ação mas dizer que não há nada no homem e na mulher que tenha a ver com sua herança biológica é como negar a lei da gravidade dizendo que os corpos caem apenas porque a ideologia opressora persegue os corpos de menor massa. (Inferno 2.0).*

Compreendemos o feminismo de modo divergente aos comentários supracitados. Consideramos o radicalismo como negativo, tendo em vista o limiar extremo de interesses.

Segundo Chimamanda (2015), o feminismo representa ameaça especialmente aos homens, pois em suas vivências aprenderam a dominar, para tanto a desestruturação dessa norma podem abalar a autoestima destes.

Quanto à opinião de que o feminismo pode reforçar as desigualdades das categorias homem e mulher. De acordo com os estudos de Pedro (2011) tenta-se desmobilizar o movimento inferindo afirmações que este corrobora a universalização das diferenças, todavia, o movimento propõe o inverso.

Além disso, Chimamanda (2015) esclarece que a palavra “feminista” não é bem-aceita, pois carrega negativas compreensões, como por exemplo: “feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela

não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante.” (pp.14-15).

A autora amplia a discussão ao enveredar tal problemática, haja vista que “não é fácil conversar sobre a questão de gênero” (p.42), muitas pessoas não se sentem confortáveis, partindo, às vezes, para rispidez e violência, consideram o assunto como problema, tornando a discussão penosa, pois “nem homens nem mulheres gostam de falar sobre o assunto, contornam rapidamente o problema.” (p.42).

Uma análise geral dos comentários demonstrou que não há compreensões claras quanto aos objetivos das lutas do feminismo, ser feminista abrange “homem ou mulher” que entenda as desigualdades entre os gêneros como uma dificuldade social que limita a humanidade de viver plenamente.

#### **4.4 Equidade de direitos**

Nesta última categoria, apuramos as possibilidades de equidade de direitos. Direitos iguais entre diferentes, pois somos todos diferentes, logo, somos plurais.

Assim como explicita Araújo (2005), há tempos as ciências sociais e a antropologia estudam a “diferença sexual” numa:

perspectiva de análise inaugurada pelas teóricas feministas, ou seja, uma perspectiva crítica que aponta para novas formas de interrogar e priorizar a questão da diferença e da igualdade não só entre homens e mulheres, mas entre mulheres e entre homens, categorias que não são em si universais.” (p.42).

Pensamos na legítima equivalência de direitos, essa categoria busca resgatar as percepções acerca dos processos de transformação das relações de gênero dentre o recorte homens e mulheres.

#### 4.4.1 Estudos de gênero

Encontramos um único comentário que mostra reconhecer nos estudos de gênero solidificações de suma importância para a (re)construção das relações de gênero pautadas na equidade. O comentário de Larissa compreende saberes acadêmicos e pragmáticos produzidos a partir dos estudos de gênero especialmente àqueles que desmistificam as relações de gênero.

*Larissa* concebe que:

*[...] os estudos de gênero apontam é que não existe essa suposta "natureza" que você acredita, que seria inato essas qualidades de homens e mulheres que você citou. Elas são construções sociais e históricas e passam por um longo processo, assim com o passar do tempo elas tendem a serem percebidas como algo "natural", mas, que não é. Gênero é diferente de sexo, que por sua vez é diferente de sexualidade. Talvez você não tenha percebido, mesmo você vivenciando uma violência, como o caso do preconceito contra sua irmã, você está sendo machista. O machismo mata cada dia milhares de mulheres pelo mundo. Não podemos limitar as mulheres, os homens, trans... a uma única coisa. Sugiro que você leia alguns artigos sobre a categoria gênero [...]. (Larissa).*

Os estudos de gênero representam uma área do conhecimento de relevância social pela produção de literatura, a qual abarca a história das mulheres, o gênero como categoria de análise e, mais recentemente, os estudos acerca das masculinidades.

As primeiras temáticas sobre gênero e feminismo foram iniciadas nos Estados Unidos e Europa, as quais passaram tomar corpo em debates intra e extra-acadêmicos.

De acordo com Scott (1990), os movimentos feministas, dentre outros, em seus debates e manifestações, buscaram criar novos entendimentos sobre sexualidade, identidades minoritárias, bem como, sobre os papéis sociais masculinos e femininos.

O conceito de gênero surgiu entre as feministas americanas, cujo intuito era ressaltar as diferenças pautadas no sexo, na identidade a partir do caráter, essencialmente, social, além do mais, o termo gênero traz, em seu bojo, uma rejeição profunda ao determinismo biológico, pois compreendem as identidades femininas e masculinas socialmente construídas. (Scott, 1990). Nesse sentido, as normatividades igualmente são construídas por meio das relações e influências mútuas entre homens e mulheres. (Scott, 1990).

Os estudos de gênero são frutos de um contexto social empírico, vivido, sobretudo pelas mulheres. Esses estudos abordavam, em seu início, as condições de vida e de trabalho das mulheres até então silenciadas. Estudar gênero era quase um unívoco sobre as compreensões da condição feminina. No decorrer das transformações dos estudos de gênero, novas questões e abordagens passaram a ser utilizadas, sobretudo no tocante caráter relacional inerente ao conceito de gênero. (Scott, 1990).

De acordo com Scott (1990) haviam três temáticas consideradas gerais dos estudos de gênero, as quais eram:

A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no seio de uma tradição marxista e procura um

compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (p.9).

Os estudos de gênero representaram, para as diferentes áreas do saber e, também, para as práticas sociais, avanço por corroborarem a desconstrução de diversas ideias acerca dos papéis sociais, bem como da superação de paradigmas acerca das regulações envolvendo as identidades e expressões de gênero, e sexualidade. (Pinsky, 2009).

Butler (2003), em sua obra intitulada “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” desconstrói o conceito de gênero sob o qual estão calcados os estudos feministas. O conceito de gênero das teorias feministas se baseavam na divisão entre sexo e gênero, a qual parte de um pressuposto que sexo é considerado natural e, em contrapartida, gênero, socialmente construído.

As teorias feministas ditas “tradicionais” concebiam o gênero como essência, o sentido, o cerne da identidade da mulher e das relações de gênero. No entanto, Butler (2003) desconstrói o binarismo sexo/gênero, desmontando o pensamento que esses dois conceitos significavam fenômenos distintos. A ideia de mulher enquanto categoria definida foi refletida e desconstruída pela teoria *queer*<sup>6</sup>. Não existe uma categoria de mulher ou de homem definida, determinada, fechada, imutável, não há uma essência masculina ou feminina. (Butler, 2003).

Nesse contexto, podemos compreender as significativas contribuições para reflexões do passado, presente e futuro da sociedade, no tocante à divisão social entre os gêneros.

---

<sup>6</sup>No campo acadêmico, a Teoria “Queer” remete as muitas formas de viver às masculinidades e às feminilidades construídas socioculturalmente e elaboradas por discursos. (Louro, 2001).

O gênero, enquanto categoria de análise, provoca percepções e entendimentos acerca das diferenças sexuais que permeiam não somente as relações sociais, mas tudo o que pode ser vivido na sociedade.

As relações sociais não somente contribuem para a construção de discursos ora mais abertos ou fechados sobre os gêneros, mas também são espaços de poder por onde discursos são difundidos.

Quanto aos objetos de estudos, corpo e sexualidade são, comumente, pesquisados. Estes não constituem, nessa perspectiva, mero dispositivo biológico. Ainda que não se negue a materialidade desses corpos, o que os estudos de gênero afirmam é o entendimento sobre os mesmos como as práticas que se fazem sobre e com eles, são transpassados por significações, representações e concepções oriundas das diferenças sexuais. (Foucault, 2008).

Os estudos de gênero, desde a sua origem, foram adquirindo novas ferramentas analíticas e reelaborações de diferentes perguntas e respostas (Albano, 2016). Essas mudanças não são frutos, apenas, dos questionamentos intra-acadêmicos e dos movimentos sociais, mas recebe, do mesmo modo, a influência direta do contexto social e cultural ao qual está integrado. São as mudanças da sociedade os principais motores para a elaboração de novas concepções dos estudos de gênero (Albano, 2016).

Conforme mudam as condições de vida de uma sociedade, alteram-se os desejos e as necessidades, para tanto, as concepções dos estudos de gêneros, também, se alteram, trazendo novas questões e abordagens.

Dessa forma, apreendemos que os debates sobre gênero estiveram presentes no decorrer da história, consequência dos estudos acadêmicos e, sobretudo, das discussões feministas que fomentaram caminhos para uma sociedade mais equânime.

#### 4.4.2 Escola

A escola como agente de transformação é mencionada no comentário a seguir: “*existe uma cultura que precisa ser quebrada e a escola pode ajudar nesse processo.*” (Fabiana C.).

Do mesmo modo, a subjetividade de *Camila* destaca a relevância do debate no âmbito escolar acerca da intolerância, desrespeito e violência.

*Corretíssimo! Imprescindível debate nas escolas, ajuda a desconstruir muita bobagem que aprendemos e que só gera intolerância, desrespeito e violência. Só mesmo o senso comum e o preconceito não vê a grandeza desse debate!* (Camila.)

Igualmente, ao comentário anterior, *Anete e Lukács* consideram a escola como elemento fundamental ao processo de transformação social.

*Fundamental discutir gênero na escola [...] Sem esse debate estaremos fomentando o machismo, e sexismo e a homofobia, mesmo que inconscientemente [...].*(Anete).

*Excelente matéria! Como professor, concordo plenamente que este é um tema que deve ser discutido na escola de forma séria e responsável, sem ideologização barata. Ademais, um aviso aos neandertais de plantão: os tempos mudam e vão suplantando a ignorância de outrora [...].* (Lukács).

Os comentários compreendem a escola como espaço para reflexão crítica e de caminhos para a equidade de gênero, aspirando, portanto, a escola como essencial para a transformação da sociedade por meio da educação.

Embora, Louro (1997) reconheça a própria escola como produtora de diferenças, distinções, desigualdades, pois muitas vezes, há a ocultação e silenciamento de assuntos que envolvem a sexualidade e relações de gênero. A formação continuada reflexiva e de possibilidades aos profissionais da escola justifica-se pela imperativa inclusão social. Uma inclusão sem distinções que aspire as pluralidades da criança ao adulto, excluindo-se, portanto, generalizações, regulações e padronizações, as quais produziram e continuam produzindo, distinções, desigualdades e exclusão social, sobretudo, na escola.

É importante enfatizar que a escola é um ambiente que “[...] se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir.” (Louro, 1997, p. 61).

Felipe (2007) concebe as escolas como espaços de suma relevância para a: “convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais.” (p.79).

Nesse sentido, entendemos que a escola, bem como todos os/as envolvidos/as de forma emancipatória, possam promover a desconstrução social das naturalizações face à sexualidade, gênero e relações de poder, dada a importância de diálogos e fomento de projetos que estimulem questionamentos de tudo o que parece natural, muitas vezes concebidas como “verdades” absolutas, sobretudo para a erradicação de preconceitos e desrespeitos.

#### **4.4.3 Equidade**

Nesta subcategoria, desvelamos percepções acerca da igualdade de direitos entre seres plurais. Trilhar desdobramentos de caráter político implica muito trabalho, cujo intento é desestruturar subjetividades arraigadas e tidas como verdades absolutas.

Na visão de *Regina F.*, essa equalização: “*vai demorar um pouco, mas a gente chega lá. Igualdade nas diferenças.*” (*Regina F.*).

As expectativas circundam numa sociedade que garanta direitos iguais entre todos/as, como são apresentadas nos comentários abaixo:

*Feliz todo dia a todas às mães, que sejam dias construídos no respeito à dignidade e direitos de todas nós. (Robelania).*

*[...] O que se deve eliminar é, na verdade, a desigualdade de “direitos” sociais. Obviamente, não me refiro aos direitos enquanto cidadãos, pois esses já estão equiparados pelas leis do estado, mas à aceitação social, eliminando o moralismo machista. (Guima27).*

*[...] considero importante aprendermos a reconhecer e compreender que se estamos onde estamos foi porque escolhemos estar e se permanecemos no mesmo lugar também é escolha nossa. Mas fico aqui pensando que eu entender a situação não me ajuda muito a resolver o problema em questão, pois o sucesso ou o fracasso não depende do que me acontece, mas do que eu faço com o que me acontece, ou seja, como esse cara irá lançar mão de seus recursos internos na tentativa de desenvolver novas estratégias de enfrentamento? (Marcelo H. S.).*

*Homem diferente de Mulher? Não somos todos diferentes? Ufa ainda bem. Querer graduar essa diferença é complicado. Fiquei maravilhado quando cheguei ao Nepal. No formulário da migração em sexo tinham as seguintes opções: masculino, feminino e outros. Adorei, se qualifique como preferir ou se sentir. (Caorefice.)*

Os olhares subjetivos expostos nessa subcategoria nos apresentam compreensões das diferenças, desvelando que homens e mulheres são diferentes, mulheres entre mulheres também são, entre os homens da mesma forma.

Reiteramos, portanto, que somos seres plurais e mutáveis, para tanto, elucidamos, o que se pleiteia há séculos é a “igualdade de direitos e deveres” e não a equivalência de corpos, que equivocadamente pode ser entendida quando discutida as relações de gênero.

Segundo Louro (1997), a desconstrução da oposição binária assenta-se na compreensão das variadas formas de masculinidades e feminilidades construídas socialmente.

Em outras palavras, não há uma única concepção de masculino e feminino ou mesmo de homem e mulher, mas distintas concepções. Persistir nesse pensamento acaba provocando a exclusão social de sujeitos que não se encaixam nos mencionados padrões.

De um modo geral, os comentários clamam direções rumo às transformações socioculturais que a passos largos e contínuos possam libertar todas/dos de imensuráveis preconceitos, bem como de hierarquizações, sobretudo, das amarras de um sistema patriarcal que tanto limita e reprime o ser humano.

No que tange, o pleite pela igualdade de direitos alicerçada na cidadania, Pereira (2009) considera que:

a noção de cidadania envolve em geral três sentidos a cidadania é um estatuto um conjunto de direitos e deveres e também uma identidade um sentimento de pertencer a uma comunidade política definida pela nacionalidade e por um determinado território e finalmente é uma prática exercida pela representação e pela participação política, estas últimas traduzem a capacidade do indivíduo para interferir no espaço público emitindo um julgamento crítico sobre as escolhas da sociedade e reclamando o direito de ter direitos. (p.36).

Nesse contexto, superar o dilema da igualdade versus a diferença, nos parece ainda não estar claro, devido às obscuridades e confusões conceituais como observamos na subcategoria “Fatores Biológicos.”

De acordo com Pereira (2009), nos anos 90, autores cujos estudos abarcavam cidadania e relações sociais de gênero tentaram superar tal dilema valorizando a compreensão “de uma cidadania democrática que reconhece a diversidade e o pluralismo.” (p.37).

O desafio pautava-se em articular o social, a política e a cidadania, devido a entraves atrelados ao “poder” e as “lutas” para o reconhecimento dos sujeitos e de suas reivindicações legítimas, além do mais, a cidadania também liga-se “a uma prática consensual de participação e representação bem como de formação das políticas públicas.” (Pereira, 2009, p.39).

Varikas (2009) esclarece que a igualdade é o “princípio fundador de sistemas políticos universalistas” [ ] “uma das promessas mais inacabadas da modernidade.” (p.116). A referida autora enfatiza que o primeiro artigo da Declaração dos Direitos Humanos expressa que “os homens nascem e permanecem livres e iguais em seus direitos”, compreender esta passagem concomitantemente ao seu caráter declarativo, o qual remete o entendimento político e, ao caráter descritivo concernente a herança natural da humanidade.

Declarar igualdade fazendo menção exclusivamente ao termo “homem” pretendendo abarcar as categorias de gênero, acaba instaurando o poder masculino sobre os/as demais.

Visto que:

se os direitos iguais precisam ser declarados, é porque não existem fora da vontade humana que os declara: a igualdade não é uma realidade empírica, mas pode vir a sê-lo, devido a uma ordem política instituída pelos cidadãos e cidadãs que se

comprometem a substituir os privilégios de nascimento pelo princípio de uma lei geral para todos/as, conhecida por todos e elaborada por todos/as. (Varikas, 2009, p. 116).

Ussel (1980) em suas palavras, defende que uma tangível revolução sexual pressupõe profundas transformações sociais e econômicas, sobretudo, alinhadas às agendas políticas pelas quais objetivem a emancipação da humanidade atravessadas pela clamada transformação social.

Reconhecendo a complexidade dos fatores que sustentam as desigualdades entre homens e mulheres, reivindica-se a garantia de direitos e à construção da equidade calcada no respeito, dignidade, aceitação social, ruptura de tabus, movendo transformações e estratégias de enfrentamento, caracterizadas pela liberdade e pelo respeito às diferenças.

## 5. COMPILANDO REFLEXÕES: possíveis entrelaçamentos

No tocante às subjetividades circunscritas no ciberespaço, o cenário influenciado pela informática e pelas tecnologias digitais (TD) apresentou impacto não somente aos aspectos objetivos e materiais da vida em sociedade, mas também aos aspectos imateriais, simbólicos e subjetivos.

Em outras palavras, o modo como as relações se constroem, os valores, as percepções, se modificam também por influência da Era digital. O advento da Internet corroborou para as séries de transformações pela qual perpassa a sociedade.

Nesse sentido, o ciberespaço é um espaço digital, virtual, em que se constroem discursos, se elaboram e se difundem enunciados.

Para Santos (2001) ao sujeito que percorre o ciberespaço construindo e reconstruindo sua imagem, ainda que parcialmente, no espaço-tempo que se esvai, é dotado de efemeridade podendo provocar impactos ao sujeito.

É considerável que o ciberespaço influencia as subjetividades contemporâneas, o presentismo, o imediatismo, a mutação constante, de algum modo, incide sobre a construção das subjetividades dado o cenário atual, logo, as subjetividades são fluidas, instáveis, em transformação, por vezes, sem lugar fixo. (Marzochi, 2016).

Na área de ciências da informação, o campo específico da informação e tecnologia, se dispõe averiguar os mecanismos de otimização dos ambientes informacionais digitais, utilizando-se dos paradigmas recentes de espaço-tempo da informação, nesse panorama estão situados estudos dos elementos sociais e culturais das tecnologias, como por exemplo: “empoderamento informacional, inclusão infodigital e inteligência coletiva.” (Bembem & Santos, 2013, p.140).

Com o foco neste último elemento, Lévy (2003) esclarece que a inteligência coletiva é uma inteligência que se encontra difundida, presente, parte integrante entre todos os sujeitos. O conhecimento pertence à humanidade, assim todos/as podem fornecer conhecimento. O autor reconhece e valoriza a inteligência coletiva, o saber de uma pessoa, pode ser considerado relevante para o desenvolvimento de um contingente de pessoas agrupadas por meio da mediação tecnológica.

A Inteligência Coletiva tem por objetivo perceber e reconhecer as habilidades que se distribuem entre os indivíduos, com o intuito de organizá-las para serem utilizadas em benefício da coletividade. Pressupõe o estabelecimento de uma sinergia entre diversos fatores, como competências, recursos e projetos, para disponibilização num ambiente de colaboração mútua. (Lévy, 1999).

Com auxílio das tecnologias, os conhecimentos dos indivíduos podem convergir, entrar em sintonia. A coordenação dos conhecimentos no ciberespaço, não é caracterizada somente pelas tecnologias e instrumentos de infraestrutura, mas também é constituído pelos conhecimentos e pelos indivíduos que os possuem dentre as diversidades. (Lévy, 1999).

A direção apontada por Lévy (2003) é a construção de uma relação social baseada no saber. O que integraria os sujeitos, não seria o pertencimento a um local ou a uma ideologia em específico, mas as capacidades de compartilhar os saberes que cada um tem, já que as identidades tornar-se-iam as identidades do saber. O saber citado aqui não é o saber formal, científico, acadêmico, mas o saber ligado à vida. (Lévy, 2003).

De acordo com Bembem e Santos (2013) a inteligência coletiva:

[...] é uma forma de valorização das capacidades individuais, a qual se propõe a colocar em sinergia os indivíduos por meio da utilização das tecnologias, a fim de reuni-los para que compartilhem aquilo que de mais precioso possuem — a

inteligência. A organização de uma sociedade mais democrática e inclusiva, na qual as identidades dos indivíduos são construídas no saber, permitirá o encaminhamento a uma real democratização da informação. (pp.140-141).

O desejo de apurarmos neste estudo, perspectivas voltadas à equidade no que tangem as relações de gênero está calcado na necessidade de se promover elucidações acerca do empoderamento feminino, violências e igualdade de direitos entre as categorias de gênero, através de um projeto de desconstrução de elementos que estão relacionados aos conceitos, valores, princípios, práticas e representações da sociedade patriarcal machista.

Os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher dentre suas relações, no tocante às desigualdades se constituem em objetos de discursos sociais. Muitos desses discursos propagados no ciberespaço, desvelam, comportamentos e práticas de caráter machista que culminam em situações de violência, das aclaradas às veladas. De maneira inegável, as práticas machistas e misóginas são reafirmadas e legitimadas pela sociedade, já que são entendidas, na maioria das vezes, como algo natural, normalizada. (Teles & Melo, 2002).

Lévy (1999) entusiasta do saber difundido no ciberespaço assegura que a partir das tecnologias o conhecimento é compartilhado, fato que acaba por favorecer o progresso da inteligência coletiva. Para o autor supramencionado a inteligência coletiva é um dos principais motores da cibercultura.

Por outro lado, são compartilhados discursos e subjetividades, de demasiados aspectos e intencionalidades, podendo incutir senso comum, desrespeitos, preconceitos, inverdades e discursos de ódio, ponderamos, portanto o uso inadequado da internet e de seus recursos tecnológicos.

Valoriza-se a consolidação do meio digital, o qual propicia a universalidade, o acesso à informação, a criação de comunidades e ambientes voltados especialmente para a interação e comunicação.

Para Milani (2012) o engajamento entre sujeito e o universo das informações concedido pela inovação tecnológica, ampliou a acessibilidade, bem como favoreceu a interação social.

Nesse contexto, o blog, como ambiente virtual, mobiliza a inteligência coletiva de forma profícua, nesses ambientes, podem-se prover reflexões críticas, espaços para pensamentos, para debates, a fim de se propiciar transformações e (re)construções sociais.

Para tanto, discutir a desconstrução de discursos e práticas sociais arraigadas, nesse contexto, é imprescindível para possibilitar aos sujeitos reflexões acerca das práticas subjetivas e sociais, as quais refletem condutas e ações que potencializam as desigualdades de direitos entre homens e mulheres, bem como da sociedade como um todo.

Desse modo, a partir do ciberespaço como vitrine social é possível entender o funcionamento da inteligência coletiva no tocante aos saberes acerca das relações de gênero difundidas, pois assim como suscita Louro (1997) estamos continuamente nos (re)construindo nos espaços sociais.

Lévy (1999) afirma que a inteligência coletiva é, simultaneamente, o veneno e o remédio, dentro da sociedade. Podemos apreender, que o termo veneno utilizado pelo autor procura adjetivar à inteligência coletiva um sentido pessimista.

No contexto da cibercultura, dependendo de uma série de fatores e razões, o ciberespaço pode sedimentar um terreno onde elementos negativos ganham maior força e se alastram de forma perigosa.

As mídias sociais acabaram gerando, de certa forma, bombardeios e sobrecargas de informações, e conhecimentos, preenchendo situações de dependência, fomentando dominação, controle e elevando índices de barbáries coletivas.

No que toca às relações de gênero, a cibercultura corrobora ao reforçar as desigualdades entre homens e mulheres. O patriarcado e seus agentes, valendo-se de todo o contexto do ciberespaço propagam valores, pensamentos, princípios e representações exaltando hierarquizações da suposta superioridade masculina. Os inúmeros recursos existentes no ciberespaço podem ser utilizados para a propagação de ideias e práticas contrárias à igualdade entre os gêneros.

Com relação aos impactos negativos da inteligência coletiva na cibercultura, Lévy (1999) descreve que:

Por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia. A ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem as técnicas são particularmente evidentes no caso do digital. O desenvolvimento das cibertecnologias é encorajado por Estados que perseguem a potência, em geral, e a supremacia militar em particular. É também uma das grandes questões da competição econômica mundial entre as firmas gigantes da eletrônica e do software, entre os grandes conjuntos geopolíticos. (p.24).

As relações de dominação e controle entre os gêneros circunscritos no ciberespaço, seguem fortalecendo, disseminando e perpetuando as relações de poder.

Salientamos que as tecnologias são meros instrumentos aplicados individual e coletivamente em diferentes situações. Entretanto, o uso das tecnologias, bem como da organização do ciberespaço depende exclusivamente dos humanos que as controlam. (Lévy,1999).

Por outro lado, em contraposição ao termo veneno, Lévy (1999) para descrever os aspectos e impactos positivos das tecnologias na sociedade destaca a inteligência coletiva — como o remédio. Alguns dos impactos positivos das tecnologias à inteligência coletiva e à sociedade são:

quando mais os processos de Inteligência coletiva se desenvolvem — o que se pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes — o melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos da exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. [...] Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro troca ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. (Lévy, 1999, p.29).

Em virtude de seu caráter participativo, socializante, desfragmentador e libertador, a inteligência coletiva proposta por Lévy (1999) caracteriza-se como um dos mais eficientes remédios para o ritmo desestabilizador, muitas vezes excludente e opressor, da mutação técnica e tecnológica.

O impacto positivo do ciberespaço para as relações de gênero se dá ao amplo e diversificado acesso à informação e à própria multiplicidade de informações presentes, as

quais facilitam a promoção da desconstrução de percepções machistas e misóginas de modo a contribuir para a construção da equidade.

A democratização de saberes, conhecimentos, subjetividade presentes no ciberespaço possibilita a difusão de representações do masculino e do feminino dentre as pluralidades existentes, se valendo do ativismo digital a fim de se buscar a redução das assimetrias entre os gêneros em direção ao respeito e, sobretudo à equivalência de direitos.

Pensando nas possibilidades que o ciberespaço oferece à problemática de estudo no tocante a democratização de conhecimentos e prevendo a inteligência coletiva que nele se circunscreve. A presente pesquisa despertou o desejo em contribuir com possíveis (re)construções sociais. Nesse sentido, desenvolvemos o e-book intitulado: “Blogs para a equidade de gênero: possibilidades em democratizar reflexões” (apêndice).

Considerando os blogs como ferramentas de transformação social, suas potencialidades podem contribuir à (re)construção da igualdade de direitos entre homens e mulheres cuja intencionalidade está pautada em desestruturar concepções e discursos naturalizados, nesse sentido, elencamos os principais pontos abordados:

- Potencialidades dos blogs para o debate e discussão de ideias, valores e pensamentos;
- Tipos de blogs e plataformas disponíveis;
- Funcionalidades das plataformas apresentadas;
- Exemplos de blogs que fomentam o propósito da temática abordada contendo breve descrição
- Possibilidades e contribuições: trilhando caminhos para a equidade de gênero.

Nesse e-book, propomos ampliar as reflexões imbuídas de criticidade conduzida por uma linguagem prática, objetiva e entusiasta dentre as extensas possibilidades oferecidas pelo

recurso. Cujo objetivo, é provocar iniciativas que estimulem frutíferos debates acerca da temática que tratamos neste estudo. O plano de divulgação consiste em disponibilizar o material em mídias sociais, livrarias e bibliotecas digitais. Entendemos que dessa forma, possamos almejar visibilidade e alcance.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, enveredado pelas representações sociais contemporâneas instituídas aos homens e às mulheres à luz das subjetividades acuradas, pôde-se vislumbrar intersecções de elementos, as quais apontam que as relações de gênero são compreendidas de forma a apoiar justificativas conduzidas tanto em direção as relações desiguais quanto às igualitárias.

Os padrões sociais implícitos numa perspectiva binária desvelaram sentimentos de insatisfação dado aos imperativos modelos socioculturais de feminilidade e masculinidade requeridos.

A percepção das diferenças entre homens e mulheres é exacerbada pela socialização, influenciando as relações, as quais findam em conflitos, provenientes de reforços constituídos pelos processos socioculturais, especialmente pela centralização dos referenciais masculinos sobre os/as demais.

Nota-se que as subjetividades carregam resquícios históricos acerca da percepção da figura masculina atrelada a dominação enquanto, a sujeição está para as mulheres.

Essas subjetividades são permeadas pela dicotomia do feminino oposta ao masculino por meio da relação de negação, distinguindo o que não caracteriza o masculino como feminino.

Sob o prisma do padrão heteronormativo, dentre as plurais categorias, quanto ao homem e à mulher subjacentes ao ciberespaço, desnudamos subjetividades hegemônicas, as quais clarificaram a exacerbção de valores motivados por ideologias que propagam compreensões definidas como verdades absolutas, na maioria das vezes, compreendidas a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres lançado argumentações naturalizadas, pelas quais se impõem a qualquer reflexão que se proponha.

Por outro lado, subjetividades transcendentais clamam respeito e, sobretudo, igualdade de direitos. A (re)construção de uma sociedade mais equânime entre gêneros clamada reconhecem as forças sociais fundadas pelo patriarcado.

Desse modo, pôde-se compreender que o direcionamento rumo à equidade, se encontra, principalmente, nas instituições escolares, concebida pelas subjetividades como agentes de transformação.

No sentido proposto por Louro (2013) a educação sexual nas escolas demanda que professores/as preparados/as e capacitados/as analisem a postura de suas escolas para a identificação do que possa impedir possíveis diálogos entre a comunidade escolar, bem como as formas de como propiciá-los, a fim de compreender os motivos pelos quais a sexualidade muitas vezes não integra o conteúdo escolar, devendo, portanto, aos professores/as tornar propício saberes acerca de sexualidade e gênero de forma emancipada e intencional, considerando que o direito a informação adequada vincula a sexualidade ao domínio imaginário e ao domínio público.

Tecendo algumas reflexões frente às esferas da cibercultura, a desigualdade é reafirmada a partir das diferenças entre homens e mulheres, numa perspectiva coletiva, generalizada, bicategorizadas, sem considerar as multiplicidades de sujeitos, esse fenômeno acaba por distanciar a desconstrução de discursos machistas arraigados, bem como do reconhecimento da importância de uma sociedade equânime. No recorte analisado, podemos observar construções legitimando definições sociais de gênero. Para tanto, dada às limitações, percebe-se frágil ao passo que por vezes, estão relacionadas aos discursos acerca das relações de gênero, atreladas a preconceitos, exclusões e violências veiculadas pelas tecnologias.

Quanto ao delineamento da construção subjetiva acerca das relações entre homens e mulheres na era da cibercultura, compreende-se o blog como valioso recurso a fim de propiciar a propagação de ideários e reflexões para desconstrução de hierarquizações e

distinções baseadas e sedimentadas no sexo biológico. Desse modo, não cabe, neste estudo, encerrar as densas discussões restritas ao recorte proposto, oriundas das relações de gênero a qual repousa a sociedade contemporânea, contudo amplia horizontes para novos estudos e aprofundamentos acerca da temática abordada.

**REFERÊNCIAS**

- Adichie, C. N. (2015). *Sejam todos feministas*. (C. Baum, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Alambert, Z. (2004). *A mulher na história – a história da mulher*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira/FAP; Abaré.
- Albano, R. A. M. (2016). *Os estudos sobre gênero ao longo da História*. Recuperado de [http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt16/gt16\\_2006\\_11.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt16/gt16_2006_11.pdf)
- Alves-Mazzotti, A. J. (1998) O método nas ciências sociais. In: Alves-Mazzotti, A. J., Gewandsznajder, F. *O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira.
- Apfelbaum, E. (2009). Dominação. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 76-80). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Vivian Aranha Saboia. São Paulo: Editora UNESP.
- Araújo, K. (2014). *Sexualidade na Internet: Análise de blogs sobre sexualidade e educação sexual*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 153f.
- Araujo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicol. Clín.* (17) 2, pp. 41-52. ISSN 1980-5438.
- Arend, S. M. F. (2015). Infância. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 378-383). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.
- Badinter, E. (1980). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do Livro.

Balthazar, G. S. (2011). *O Feminismo e a Igualdade de Gênero no Antigo Egito: Uma Utopia da Emancipação Feminina*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul.2011.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trads.) São Paulo: Edições 70.

Bassanezi, C. (1992). *Virando as páginas, revendo as mulheres; relações homem-mulher e revistas femininas, 1945-1964*. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo.

Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Vol. II, 2. ed., trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 500 p.

Bembem, A. H. C., & Santos, P. L. V. A. C. (2013). Inteligência coletiva: um olhar sobre Pierre Lévy. *Perspectivas em Ciência da Informação*, (18)4, p.139-151, out./dez. 2013.

Benjamin, W. (2009). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad.: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Ed. 34.

Blanc, C. (2013). *Uma breve história do sexo*. 1º edição. São Paulo: Editora Gaia.

Boris, G. D. J. B. (2012). As múltiplas facetas do poder nas relações conjugais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/26.pdf>.

Botton, A., Strey, M. N., Romani, P. F. & Palma, Y. A. (2015). Sexo/Sexismo. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 601-604). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Braga, E. R. M. (2008). *Palavrões ou palavras: um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo*. 240 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

Butler, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Caballero, C. (1995). A gênese da exclusão: o lugar da mulher na Grécia Antiga. In: Loraux, N. *Maneiras trágicas de matar uma mulher: a Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Carradore, V. M., & Ribeiro, P. R. M. (2004) Relações de Gênero, Sexualidade, e AIDS: Apontamentos para reflexão. *Revista Linhas*. Recuperado de <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1325/1134>.

Castro, F. V., Diaz, A. V. D. & Veja, J. L. V. (1999). *Construcción psicológica de la identidade regional: tópicos y estereótipos em el processo de socializacion el referente a Extremadura Badajoz* (Espanha). Gráfica Disputación Providencial de Badajoz.

Chizzotti, A. (2005). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 7. ed. São Paulo: Cortez.

Collin, F. & Laborie, F. (2009) Maternidade. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 133-143). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Vivian Aranha Saboia. São Paulo: Editora UNESP.

Cortazzo, I (2000). O trabalho da mulher: uma desigualdade encoberta? In: *Mulher e Trabalho*. Porto Alegre: FEE, vol. 1, p.55-60.

Costa, A. P., & Ribeiro, P. R. (2011). Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de aluna de pedagogia. *Estudos feministas*, 19(2), 475-489, maio-agosto.2011.

Coutinho, M. L. R. (2006). A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estud. psicol.* (Natal) (11)1, pp.65-69. ISSN 1678-4669. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100008>.

Devreux, A. M. (2009). Família. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 96-101). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Vivian Aranha Saboia. São Paulo: Editora UNESP.

Durães, J. S. (2009). *Mulher, sociedade e religião*. Anais do Congresso de Teologia da PUCPR. (9), 132-144.

Felipe, J. (2007). Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *Pro-Posições*, 18(2), 77-87, maio/agosto.2007

Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade*. Vol.2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1985). *História da Sexualidade*. Vol. 3: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade*. Vol.1: A vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1989). *Microfísica do poder*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1993). Verdade e subjectividade. *Revista de Comunicação e linguagem*. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, p. 203-223.

Foucault, M. (1995) O sujeito e o poder. In: Rabinow, P.; Dreyfuss, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2008). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 35. ed. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (2010). *Estratégia, poder-saber*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Friederichs, M. C. (2008). *Corpos escritos na internet: Representações do corpo em blogs*. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25-28 de agosto/2008.

Gil, A. C. (2008) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gomes, M. J. (2005). *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIIE05 Leiria, Portugal, 16-18 de novembro. 2005.

Gonçalves, H. A. (2005). Pesquisa científica: tipos e modalidades. In: *Manual de Metodologia da Pesquisa Científica*. São Paulo: Avercamp.

Hall, S. (2005). *Identidades culturais na pós-modernidade*. (T. S. Tomas & L. L. Guacira, Trad.). Rio de Janeiro: DP&A.

Karawejczyk, M. (2014). Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. *Revistas Eletrônicas PUC – RS*. 40(1).

Kelly, M. (2009). *The Political Philosophy of Michel Foucault*. New York: Routledge.

Kergoat, D. (2009). Divisão Sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 67-75). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Vivian Aranha Saboia. São Paulo: Editora UNESP.

Leão, A. M. C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. 343f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

Lesko, B. (1996). *The Remarkable Women of Ancient Egypt*. Providence: Scribe.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Lévy, P. (2003) *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola.

Lima, L.L.G. & Souza, S. A. (2015). Patriarcado. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 515-519). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Lopes, R. B. et al (2008). As diferentes faces da mulher europeia na Idade Moderna. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. História Moderna. Prof.Dr. Severino Vicente da Silva. Recuperado de <http://profbiuvicente.blogspot.com.br/2008/10/as-diferentes-faces-da-mulher-euroia-na.html>.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Louro, G. L. (2001). *Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação*. *Estudos Feministas*, (9)2, 2001, pp.541-553.

Louro, G. L. (2007). *Conhecer, pesquisar, escrever. Educação, Sociedade & Culturas*. Recuperado de <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>.

Louro, G. L. (2013). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (3ª ed.). (T. T. Silva, Trad.) Belo Horizonte: Autêntica.

Louro, G. L., Felipe, J., & Goellner, S. V. (2010). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (5ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Marzochi, S. F. (2016) *Subjetividade, política e ciberespaço: uma recategorização da relação espaço-tempo para a definição típica ideal do sujeito político contemporâneo*. 40º Encontro Anual da ANPOCS – 24 a 28 de Outubro, Caxambu/MG. 2016.

Mathieu, N. C. (2009). Sexo e gênero. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 222-231). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Naira Pinheiro. São Paulo: Editora UNESP.

Mennitti, D. (2015). *As mulheres não tão silenciosas de Roma: representações do feminino na Literatura Trajânica*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP). 2015.96f.

Milani, D. R. C. (2012). *Contemporaneidade e educação: Mídias digitais nas culturas juvenis* (Tese Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

Minayo, M. C. S. (2004). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes.

Molinier, P. & Welzer-Lang, D. (2009). In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 101-106). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Francisco Ribeiro Silva Junior. São Paulo: Editora UNESP.

Moreno, M.. (1999). Como se ensina a ser menina. *O sexismo na escola*. Tradução de Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna, Campinas – SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

Nascimento, A. C. (2015). Historiografia e gênero. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 347-351). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Nascimento, M. F. D. (1997). Ser mulher na Idade Média. Textos de História. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB*. Brasília, (5)1.

Negreiros, T. C. G. M. & Carneiro, T. F. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia* [online], vol.4, n.1. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004).

Nunes, M. J. F. R. (2009). Religiões. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 213-217). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Naira Pinheiro. São Paulo: Editora UNESP.

Parsons, T. (1964). Age and sex in social structure. In: Coser, R.L. (ed.). *The family, its Structure and Functions*. New York: St. Martin Press, 108-115.

Pedro, Joana Maria. (2011). *Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*. Topoi, Rio de Janeiro, 12(22), pp. 270-283.

Pereira, B. M. (2009). Cidadania. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 35-39). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Vivian Aranha Saboia. São Paulo: Editora UNESP.

Perez, L. (2001). Os desafios para o século XXI. In: *mulher e trabalho*. Porto Alegre: FEE, vol. 1, p.51-53.

Pinsky, C. B. (2009). Estudos de gênero e história social. *Rev. Estud. Fem.* 17(1) Florianópolis, janeiro/Abril. 2009.

Piscitelli, A. (2004). Reflexões em torno de gênero e do feminismo. In: Costa, Claudia de Lima & Schmidt, Simone Pereira. *Políticas e políticas femininas*. Florianópolis: Mulheres, p.43-66.

Possas, L. (2009). Viuvez, Viúvas. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 660-666). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Prenhaca, F. A. G. (2015). *A identidade, o costume e o direito da decisão: um estudo sobre o uso e o desuso do sobrenome do marido*. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

Rago, M. (2006). Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORI, Mary (org.); Bassanesi, Carla (Coord.de texto). *História das mulheres no brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, p. 578-606.

Riot-Sarcey. M. (2009). Poder(es). In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 101-106). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Francisco Ribeiro Silva Junior. São Paulo: Editora UNESP.

Robins, G. (1995). *Reflections of Women in the New Kingdom*. San Antonio: Siclen Books, 1995.

Robins, Gay. (1996). *Women in Ancient Egypt*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

Rossi, C. R. (2010). As Políticas Públicas de educação para a sexualidade no Brasil: A relevância dos grupos de pesquisa nas Universidades Públicas para a implementação de ações na comunidade escolar: A experiência da UNESP. In: *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas Educativas, Investigação e Práticas*, 1. Edição – e-book.

Rubin, G. (2003). Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88.

Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Santos, A. L. (2001). A construção de identidades e subjetividades no ciberespaço. *Revista Logos – Comunicação e Universidade*. 8(1). 2001. p.7-14.

Santos, F. (2014). *Corpo e sexualidade nas redes sociais: o advento do ciberespaço (re)significando e (re)construindo a noção de “si” do sujeito contemporâneo*. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Franca. Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestre em Linguística, 104 f.

Savenhago, I. J. & Souza, W. D. (2015). Estereótipos. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 219-224). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Schittine, D. (2004). *Blog: Comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Scott, J. (1990). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre.

Silva, S. G. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, (20)3, 8-15. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>.

Soares, A. C. E. C. (2015). Feminilidade/Feminino. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 242-244). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Spindola, T. & Santos, R. S. (2003). Mulher e trabalho – a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem. *Rev. Latino-am Enfermagem* 2003, set.- out.; 11(5):593-600.

Stearns, P. N. (2010). A Sociedade Ocidental, 1750-1950. In: Stearns, P. N. *História da sexualidade*. Ed. Contexto, PP. 137-180.

Strey, M. (2002). Aprendendo a ser inferior: As hierarquias de gênero. In Strey, M.; Lyra, A.; Ximenes, L. (org). *Gênero e Questões Culturais: A vida de Mulheres e Homens na Cultura*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

Teles, M. A. A., Melo, M. (2002). *O que é Violência contra a Mulher*. São Paulo: Brasiliense.

Trevisan, J. S. (1998). *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record.

Ussel, J.V. (1980). *Repressão sexual*. Rio de Janeiro, Campus.

Valadares, I. F., & Soalheiro, L. H. M. (2015) *Um olhar foucaultiano sobre o poder nas relações familiares*. Florianópolis. Recuperado de <http://www.conpedi.org.br/publicacoes/c178h0tg/x552ze4o/gV22V8ZY2QKd07vj.pdf>.

Varikas, E. (2009). Igualdade. In Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., & Senotier, D. (pp. 116-122). *Dicionário crítico do feminismo*. Trad. Vivian Aranha Saboia. São Paulo: Editora UNESP.

Vieira, V. (2002). *Gênero e Educação para intervenção na Mídia*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes (USP/ECA), SP.

Winck, G. E. & Strey, M. (2008). *A voz mais alta, mas na hora certa: A naturalização na violência de gênero enquanto recurso legitimado ao homem*. *Ártemis*, 9, pp. 113-133, dez. 2008.

Winck, G. E. (2015). Castração. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 92-96). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

Wolff, C. S. (2015). Resistência. In Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (pp. 582-586). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora UFGD.

**APÊNDICE**

**APÊNDICE A – (E-book) BLOGS PARA A EQUIDADE DE GÊNERO: possibilidades  
em democratizar reflexões**

## Blogs para a equidade de gênero: possibilidades em democratizar reflexões



**BLOGS PARA A EQUIDADE DE GÊNERO:**  
possibilidades em democratizar reflexões

**Juliana Cristina da Fonseca Baptistini**

Coautora

Débora Raquel da Costa Milani

Arte da Capa

Amanda Baptistini

2017

Este e-book é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero: um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço” apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara.

O conteúdo desenvolvido tem por objetivo ressaltar as potencialidades dos blogs como ferramenta de transformação social, as quais podem contribuir para reflexões no tocante à igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, para que possam, dessa forma, desestruturar subjetividades e concepções naturalizadas.

## **Introdução**

Os mais de dois milênios de história vividos pela humanidade, não foram suficientes para alcançarmos plenamente a igualdade de direitos entre as pessoas independentemente do gênero ao qual pertencem.

Se a velocidade de mudança nesses anos de história não foi satisfatória, encontramos no ciberespaço, momento propício para impulsionar reflexões acerca da equiparação de direitos e deveres entre homens e mulheres. A internet mudou a forma como as pessoas acessam as informações e como estas debatem ideias.

A era das tecnologias digitais é a era da transmutação, justamente pela sua capacidade de conceder voz às minorias sociais. Os blogs circunscritos nesse contexto podem ser compreendidos como espaços ideais para discussão e propagação de pensamentos.

O presente livro eletrônico tem o objetivo de apresentar aos/às leitores/as a irrestrita oportunidade aberta pela internet de se propor discussões livres de censura acerca das desigualdades de gênero, no que tange os direitos. Não é mais preciso reivindicar espaço na mídia tradicional. A mídia contemporânea é aberta a quem quiser se expressar. Mas, para profícuo entendimento é indispensável planejamento.

É o momento do empoderamento interacional em prol de construções e reconstruções das relações de gênero.

Nas próximas páginas, poderemos conhecer e/ou reconhecer as potencialidades que os blogs podem oferecer para se discutir a igualdade de gênero, os tipos de blogs existentes, as plataformas disponíveis, suas funcionalidades e exemplos de sucesso.

Está preparado/a para participar dessa possível transformação social?

**Boa leitura!**

## **Potencialidades dos blogs para discussão de ideias**

Uma das maiores revoluções da internet está na chamada “blogosfera”, o termo “blog” é uma simplificação da expressão “weblog”. Essa ferramenta revolucionou a forma de dialogar e compartilhar informações.

Grupos sociais que antes dependiam de concessões dos grandes veículos de comunicação para pleitear espaço de expressão, ou cujas vozes eram restritas a pequenos grupos, podem, conectados a redes de pessoas, provocar discussões sobre qualquer tema.

Os blogs possuem baixos custos de manutenção e são considerados fáceis de acesso e utilização. Nessas ferramentas pode se trabalhar com uma gama diversificada e transversal de conteúdos.

Referente às postagens, podem se valer, tanto de palavras quanto de imagens, vídeos, infográficos, ilustrações e outras formas de comunicação. Essa possibilidade amplia a capacidade de cada blogueiro/a em atrair popularidade e, dessa forma, aumentar o impacto da informação que se deseja transmitir.

O blog pode se tornar, por meio das trocas de comentários – às vezes exaltados – verdadeiras comunidades virtuais, cujos/as participantes poderão, posteriormente, replicar discussões refletidas no mundo físico.

Este recurso pode despertar discussões que ultrapassam as fronteiras de grupos os quais originalmente se destinava.

Nesse aspecto a blogosfera é uma oportunidade sem igual para a discussão das identidades de gênero.

Enquanto nas mídias tradicionais há uma divisão clara entre receptor e emissor, os blogs transformam todos em receptores/emissores. O que pode parecer caótico são, na realidade, caminhos para coletivizar reflexões rumo às mudanças socioculturais. Estes recursos, se utilizados nos contextos paradigmáticos das transformações sociais tornam-se importantes aliados para democratizar saberes que possam propiciar profundas reflexões.

### **Tipos de blogs**

Para aproveitar ao máximo as oportunidades dessa ferramenta, é preciso inicialmente, entender seu funcionamento e conhecer os tipos de blogs existentes. Assim é possível identificar qual estilo será mais apropriado para se atingir o objetivo que deseja e, sobretudo, para se refletir sobre a igualdade de gênero.

## **Conheça os tipos de blogs existentes**

### **1. Blog profissional**

O blog profissional é aquele produzido por especialista de determinada área. Seu sucesso depende muito da credibilidade e da reputação de quem escreve. As postagens, mesmo as informais, visam, sobretudo, criar oportunidades de carreiras ou fontes de renda para o/a autor/a que usa suas experiências para escrever os textos, ao mesmo tempo, recebe credibilidade à medida que o texto é compartilhado.

### **2. Blog pessoal**

Assim como o blog profissional, o blog pessoal é uma produção individual. A diferença é que, enquanto o primeiro se vale de uma perspectiva de “autoridade” para conquistar

audiência, o segundo apresenta vivências e opiniões sobre assuntos diversos, os quais podem ou não estar relacionada à sua profissão.

O blog pessoal não prevê, de modo geral, uma estratégia ou planejamento prévio, sendo apenas uma manifestação espontânea de seus/suas autores/as. Além do mais, é possível que os/as blogueiros/as obtenham rendimentos com suas publicações.

### **3. Blog grupal**

Os blogs grupais são àqueles mantidos por pelo menos duas pessoas em prol de objetivos comuns a todos/as integrantes do grupo. É o tipo mais indicado para movimentos sociais decorrente do caráter coletivo, mais adiante vamos nos aprofundar um pouco mais nesse tipo de blog.

Blogs coletivos permitem o cadastro de diferentes autores/as, oferecendo a oportunidade para que todos/as emitam suas opiniões, sem censura formal.

Nesse aspecto, é importante ressaltar que a existência de um blog grupal não implica em consenso sobre os temas tratados. Seus membros/autores/as podem discordar sobre determinados assuntos, ou seja, as postagens podem ser contraditórias.

Ainda assim, as discordâncias podem servir para que o grupo promova debates acerca dos discursos postados e possam, nesse sentido, definir estratégias de atuação, ao mesmo tempo, podem ocorrer desarmonias dentro do movimento.

O destaque dos blogs grupais está centrado na integração de autores/as para trocar e partilhar saberes, dúvidas e conflitos entre seus/suas leitores/as.

Os blogs grupais se dividem em:

- i. **Auto-reflexivos:** blog coletivo mantido por um grupo que deseja discutir as próprias ações.
- ii. **Informativo-interno:** utilizado como “diário” das práticas do grupo.
- iii. **Informativo:** serve para divulgar informações e notícias de interesse do grupo. Seu conteúdo pode ser próprio ou compartilhado das publicações de outros/as blogueiros/as ou veículos de imprensa.
- iv. **Reflexivo:** de grande interesse dos movimentos sociais, podendo ser lançado por um coletivo que manifeste suas opiniões sobre temas de interesses do grupo, bem como, de possibilitar interação com seu/sua leitor/a para recíprocas reflexões.

#### **4. Blog organizacional/institucional**

Pertencem a uma determinada organização. Eles são blogs grupais, mas direcionados por uma divisão de trabalho e hierarquia. Seus membros, muitas vezes, não são livres para expressar suas próprias opiniões, todavia, a linguagem do blog, nesse contexto, reflete exclusivamente a linguagem da organização. Nesse caso há regras a serem seguidas.

O pesquisador Alex Primo (2008), em seu artigo “Blogs e seus gêneros”, traz uma clara diferenciação entre o blog grupal e o organizacional: “diferentemente de blogs grupais, no qual, o prazer de blogar pode ser a própria justificativa, para tanto, em blogs organizacionais o alcance de objetivos é o que direciona todos os esforços, sendo as atividades necessárias prazerosas ou não.” (p.11).

### **Onde publicar um blog**

Uma das dúvidas no momento de se criar um blog é qual plataforma optar. Atualmente, a internet conta com uma grande variedade de plataformas para hospedagens de blogs. Destacamos plataformas muito utilizadas: Blogger e Wordpress.

**Vamos analisá-las?**

• **Blogger** (<http://www.blogger.com>)

A plataforma Blogger criada pela empresa Google é totalmente gratuita. Esta plataforma permite a criação de um endereço próprio, como por exemplo, seu nome.blogspot.com. Além disso, a plataforma disponibiliza alguns “temas” que você poderá utilizar como design de seu blog, sem custos.

• **Wordpress** ([www.wordpress.org](http://www.wordpress.org))

Esta outra plataforma disponibiliza serviços gratuitos e pagos. Como se pode imaginar, as plataformas pagas são mais completas e indicadas para quem procura mais controle sobre o que é exibido.

A plataforma é ideal para quem busca dinheiro com blogs ou de se destacar no mundo virtual.

O Wordpress disponibiliza uma grande variedade de ferramentas, como análises de SEO (para visualizar entre as primeiras pesquisas do Google) e demasiadas possibilidades de design, para tanto, esta plataforma, possui diversas opções de configuração.

### Quadro comparativo

 Blogger™	X	 WORDPRESS
Grátis	<b>Preço</b>	Até 25 dólares por mês
Pode ser gratuito (www.seusite.blogspot.com) ou personalizado	<b>Domínio</b>	Personalizado
Pode armazenar 1 GB de fotos e vídeos	<b>Espaço para arquivos</b>	Espaço ilimitado
Customização limitada, com temas gratuitos	<b>Customização e Design</b>	Liberdade total para criar seu próprio layout ou usar um dos modelos disponíveis

### **Exemplos de blogs**

Há grupos que lutam pela igualdade de gênero na internet. São blogs que cresceram e se tornaram conhecidos não apenas entre integrantes do movimento, mas até mesmo fora deles. É equívoco pensar que somente mulheres reivindicam igualdade de gêneros. Há muitos homens lutando por um mundo mais justo.

**Confira:**

- **Ensaio de gênero**

**(<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/>)**

O blog hospedado na plataforma Wordpress denominado “Ensaio de Gênero” foi criado em 2011 por Adriano Senkevics. Neste, são discutidos política, educação e feminismo com base nos estudos de gênero de produções acadêmicas. As publicações contam com a colaboração de outros autores/as e convidados/as.

- **Think Olga**

**(<http://thinkolga.com/>)**

Olga é uma ONG feminista criada em abril de 2013. O grupo optou por utilizar uma plataforma paga e de domínio personalizado. O blog possui um design elegante, explora fotos e vídeos para destacar o conteúdo. A missão do blog é empoderar mulheres de seus direitos a partir do processo informacional.

- **Homens pela igualdade de gênero**

**(<http://homenspelaigualdadedegenero.blogspot.com.br/>)**

Este blog optou pela plataforma Blogger para sua militância. De design simples o blog discute as masculinidades dentre suas pluralidades.

- **Blog da Malalai**

**<http://malalai.com.br/blog/>**

Malalai é um aplicativo de celular pensado para oferecer proteção às mulheres. A empresa criou um blog integrado a sua página corporativa para abordar assuntos ligados ao feminismo. Podemos considerar, este, um bom exemplo de blog organizacional.

- **Blogueiras Negras**

<http://blogueirasnegras.org/>

Este blog grupal aborda ao mesmo tempo a identidade de gênero e o combate ao racismo. Possui várias colaboradoras que produzem conteúdo profissional.

- **Escreva, Lola, escreva**

<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>

Exemplo de blog pessoal usado para estimular reflexões acerca da política e dos movimentos feministas. O blog foi desenvolvido de forma gratuita, com o Blogger.

- **Papo de homem**

<https://papodehomem.com.br/>

O blog Papo de Homem foi criado em 2006 para cultivar visões de mundo que possam desafiar preconceitos e propiciar aprendizados a partir do pensamento crítico acerca das masculinidades. Os autores desenvolveram o manual de “boas práticas” destinado aos comentários a fim de conduzir produtivos registros, colaborando, dessa forma, aos objetivos almejados.

**Possíveis sugestões de reflexões:  
algumas interfaces**

- Identificar e discutir as representações sociais sobre ser homem e ser mulher na sociedade contemporânea, buscando desnaturalizar estereótipos que dão origem às desigualdades de gênero;
- Discutir o conceito de violência enfatizando a violência de gênero em suas diversas modalidades;
- Propiciar reflexões que possam desenvolver senso crítico acerca das influências da mídia e de outros veículos no processo de reprodução de valores e estigmas que incentivam as relações de poder entre homens e mulheres;

- Incentivar reflexões acerca das relações igualitárias entre homens e mulheres;
- Inferir discussões relativas aos direitos sexuais, reprodutivos, trabalhistas, dentre outros;
- Discutir os marcos legais como mecanismo de garantia de direitos igualitários;
- Promover debates sobre respeito, valorização da diversidade;
- Fomentar o combate de qualquer forma de discriminação, distinção e exclusão, compreendendo que estas formas são construções socioculturais e históricas;
- Promover a equidade: direitos equivalentes dentre as diferenças.

## **Blogs:**

### **democratizando reflexões rumo à equidade**

A complexidade da relação entre homens e mulheres sempre precisará ser discutida. Além das diferenças biológicas, que são inquestionáveis, é importante considerar outras particularidades, como o comportamento, a sexualidade e a influência cultural e social que age distinguindo os sexos. (Boff & Ribeiro, 2007).

A sociedade segue em constante mudança e evolução. Assim como as mulheres do passado protestaram queimando sutiãs e promovendo greves para reivindicar direitos sociais. A geração atual pode se valer das novas tecnologias para amplificar suas vozes.

A apropriação de ferramentas de massa, é um caminho possível no processo de empoderamento feminino e das lutas pela equidade de gênero.

“É imprescindível alimentar discussões e, sobretudo encorajar reflexões acerca das relações feminino/masculino promovendo espaços em que os leitores e as leitoras possam registrar suas subjetividades a falarem também em primeira pessoa com sinceridade e elegância. Assim reforçamos a busca buscando cooperação entre homens e mulheres, para superar as desigualdades”. (Boff & Ribeiro, 2007).

Na blogosfera, todo mundo tem vez e voz. O uso do blog como ferramenta de construção e reconstrução social pode oferecer novos horizontes, pode possibilitar reflexões, as quais configurem novos saberes e novas percepções, até então, não pensadas, pois

Raros são aqueles que decidem após madura reflexão; os outros andam ao sabor das ondas e longe de se conduzirem deixam-se levar pelos primeiros. (Sêneca)

Caro/a leitor/a, esperamos que este e-book tenha contribuído de alguma forma, para que jamais deixemos de refletir acerca dos inefáveis saberes que surgem a cada instante, moldam as questões de gênero, que por sua vez, geram tantos impactos em nossa sociedade.

**Agradecemos a leitura.**

### **Referências:**

Boff, L., & Ribeiro, L. (2007). Masculino, feminino: experiências vividas . Rio de Janeiro: Record.

Primo, A. (2008). Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Natal. Anais, 2008.

Superar as desigualdades de gênero estabelecidas socioculturalmente é um desafio a ser abraçado por todos/as, uma vez que os fatores que as perpetuam encontram-se presentes tanto no espaço público quanto no privado.

**ANEXOS**

**ANEXO A – Comentários: blog da Regina Navarro**

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS UOL RESOLVE

UOL

Q BUSCA E-MAIL CONTA UOL SAC

Assine Bate-papo Notícias Carros Economia Folha Esporte Entretenimento TV e famosos Jogos Estilo Educação Vídeos



Regina Navarro Lins

Seguir   

Categorias  Histórico  



bonequinha sweet  29/09/2015 19h08

Concordo 100% com o texto Regina,mas as mulheres tb sofrem muito,pq não podem apresentar nenhum comportamento considerado "masculino",meninas que gostam de jogar futebol ou gostam de praticar artes marciais,não são bem vistas pela sociedade, e já sofrem preconceito desde da infância,sendo apelidadas de "maria macho" "machona" pq é esperado até hj do comportamento feminino:doçura,delicadeza... então o padrão social é muito castrador tanto para as mulheres,quanto para os homens,as mulheres negam a sua força,sua "agressividade" e os homens a sua sensibilidade...

 0 |  Responder | 



Inferno 2.0  03/06/2015 17h09

Esse tema é um dos preferidos da praga politicamente correta. Para eles, nem temos sexo, mas gênero. O que é gênero, nesse caso? A teoria do gênero afirma que nossa sexualidade é socialmente construída. Nada há nela de biológica. Assim sendo, as sociedades constroem os gêneros (leia-se, os sexos) na dependência do poder das classes sociais ou dos grupos malvados da vez. Claro, ao final, quem paga o pato é sempre o homem heterossexual. Essa discussão incide diretamente sobre questões caras ao politicamente correto, desde as mais gerais até as mais específicas, como o patriarcalismo, para algumas feministas o culpado pela poluição e pelos erros desde o Big Bang cósmico. Claro que a sociedade impacta a sexualidade e seus modos de ação mas dizer que não há nada no homem e na mulher que tenha a ver com sua herança biológica é como negar a lei da gravidade dizendo que os corpos caem apenas porque a ideologia opressora persegue os corpos de menor massa

 1 |  Responder | Respostas (1)  | 



CKkj 🕒 03/06/2015 22h57

Qdo se preocupa em tornar o filho um motivo de inveja os pais esquecem seus sentimentos, suas necessidades... Vista-se desse jeito, comporte-se dessa maneira, coma esses alimentos... A criança ã têm autonomia, ã entende seu corpo, suas necessidades, sua criatividade, suas vocações são ignoradas... Ela é um bem, ã uma pessoa. Exatamente como o cachorrinho que a dona insiste em carregar dentro da bolsa chique que balança dentro do shopping, existem pais que têm um filho para brincar de casinha, a família, a sociedade exige que um casal precisa ter um "elo" forte, uma forma de provar aos outros casais que eles são mais do que sexo, do que amor... São o futuro...

👍 0 | [← Responder](#) | [🚩](#)



CDMMG 🕒 26/11/2014 08h59

Homem e mulher são diferentes e não se trata apenas de questões culturais. Temos que entender que apesar de ser racionais somos animais. E como animais que somos, homens e mulheres tem reações diferentes, instintos diferentes, reações químicas diferentes, vontades diferentes e várias outras coisas em termo de corpo e as reações que ele produz. O mundo moderno quer que as mulheres sejam iguais ao homens, não vejo problema disto, porém para tudo tem se um preço, e hoje em dia as estatísticas mostram que o numero de infarto em mulheres aumento muito, além de problemas com a depressão e ansiedade. O homem e a mulher são muito mas muito diferentes, quem é casado sabe muito bem disto, o resto é balela.

👍 9 | [← Responder](#) | [🚩](#)



Rapha 🕒 26/11/2014 23h32

A galera parece que não tã entendendo, mas vamos lá ser didático. A Regina tá falando que existem diferenças anatômicas e fisiológicas entre as pessoas, mas que isso não JUSTIFICA a explicação de comportamentos X ou Y. A cultura influência diretamente na construção dos sujeitos e das suas subjetividades. E os conceitos de FEMININO e MASCULINO são construídos SOCIALMENTE. Se entendemos que o CORPO-SUJEITO é masculino ou feminino significa que ainda temos conceitos arraigados das subjetividades das pessoas. E que isso atrapalha diretamente nas relações amorosas, pois ama-se a idealização de uma pessoa, quando isto pode ser uma mera ilusão. Homens e mulheres podem ser femininos e masculinos, em maior ou em menor grau, dependendo das diferentes situações. E até os corpos podem ser desviantes desse conceito engessado. Há homens com corpos femininos e mulheres com corpos masculinos. O estudo da sociedade não é uma fórmula de física. A coisa é + complexa

👍 0 | [← Responder](#) | [Respostas \(5\) ▾](#) | [🚩](#)



Inferno 2.0 🕒 26/11/2014 17h53

O feminismo parece ser anticientífico. Mas, mais do que isso, ele faz mal para homens e mulheres porque atrapalha milhares de anos de seleção natural de comportamentos nos quais homens e mulheres se reconhecem. A "crítica ao macho" contamina as relações porque, apesar de se falar muito hoje em dia sobre homens serem mais sensíveis, as mulheres (que não suportam os fracos) só aguentam a sensibilidade masculina até a página três. A teoria de gênero tenta embaralhar, falsamente, os "papéis" masculinos e femininos é péssimo para ambos. Isso nada tem a ver com "negar" a vida profissional das mulheres, mas com lembrarmos de mulheres são mulheres, e homens são homens. Claro que a o impacto social nos seus comportamentos, mas dizer que não há nada no homem e na mulher que tenha a ver com sua herança biológica é como negar a lei da gravidade dizendo que os corpos caem apenas porque a ideologia opressora persegue os corpos de menor massa.

👍 2 | 🗨️ Responder | Respostas (2) ▾ | 🚩



Batbronha 🕒 26/11/2014 09h52

Homens e mulheres são diferentes sim, e uma mulher não precisa ser submissa para ser feminina, isso é uma babaquice!!!!

👍 1 | 🗨️ Responder | 🚩



Evander Eloi Krone 🕒 14/09/2014 12h55

Obviamente que homens e mulheres são diferentes biologicamente, mas não é a natureza que determina se uma pessoa vai ser delicada ou rude, fraca ou forte do ponto do vista emocional. Mulheres são adestradas para demonstrar seus sentimentos e os homens para reprimir os seus, mulheres são ensinadas para serem sensíveis e homens para serem fortes e corajosos. Estes papéis são construídos e inventados, não existe nada de natural em uma mulher ser "chorona" e sensível e um homem rude e corajoso.

👍 1 | 🗨️ Responder | Respostas (2) ▾ | 🚩



Amanda Soares 09/10/2013 18h06

Nós nos posicionamos em nossas relações amorosas de acordo com nossas vivências, concepções de vida e conteúdos inconscientes. Essa coisa de ser submisso ou dominante independe do sexo, sendo uma questão exclusivamente subjetiva. No entanto, por causa da cultura machista judaico-cristã, é natural grande parte da sociedade achar normal que a mulher seja submissa e o homem dominante, coisa que não tem NADA a ver com natureza ou predestinação.

0 | Responder



luiz.f.p.1988551882366 26/11/2014 14h33

Dane-se a cultura e esses estudos bestas. Eu sempre busquei uma mulher que se comporte do jeito que eu gostaria, chorar quando ficar triste ou brava, e não falar palavão como os homens (grande parte) fazem, mulher que gosta de cozinhar (eu não gosto), que trabalhe, que estude, mas que, quando tiver precisando de algo, me procure para eu conseguir ajuda-la. Esse feminismo todo está mudando muito, hoje conheço vários amigos que querem se casar, mas dizem quem as mulheres estão parecendo homens, querendo ficar "bombadas", ir pra balada e ficar com 20 homens, beber todas e pagar mico. Da nisso, muitas mulheres solteiras, além de ser maioria, os homens estão preferindo ficar sozinhos ou estão mais seletivos. Só gostaria de dizer uma coisa: "MULHERES, CONTINUEM SENDO FEMININAS, POIS ASSIM VOCÊS SÃO LINDAS, CONCORDO QUE TRABALHEM, QUE ESTUDEM, QUE TENHAM INDEPENDENCIA FINANCEIRAS, POREM SEJAM FEMININAS".

3 | Responder



Junae Guimarães 14/05/2014 18h41

O que mais tem por aí é mulher que adora mandar e ser servida. Um lado da relação que elas não querem abrir mão jamais (inclusive muitas que se dizem feministas). Recomendo a leitura do livro "O bem, o mal e mais além", onde o autor coloca que o bonzinho e submisso da relação nem sempre é tão bonzinho assim....No fundo, ele sabe que, se não se curvar aos desejos do outro, será abandonado e/ou substituído, tamanha a dependência econômica e/ou afetiva a que ele se submete. Normalmente pessoas com baixa estima se curvam à beleza física e ao poder econômico do outro, além da dependência psicológica. Fazem de tudo para segurar o parceiro e a relação e se sentem humilhados ao término, por terem se doado tanto. Quem aí nunca viveu ou já presenciou uma relação assim? Quem nunca ouviu: Ai amiga, homem merece se lascar mesmo, a gente faz de tudo e não dão valor!!! Clichê de quem não percebe que fez uma má escolha. Posa de vítima e não vê que a culpa é sua.

0 | Responder



Nelson Araujo 26/01/2013 19h55

Mesmo com tantas filosofias sobre o assunto, eu percebo que a maioria dos homens "submissos" são na realidade um baita dos vivos, que ajem assim para se livrarem de responsabilidades e deixam tudo para as "coitadas" das esposas resolverem. Isso é com ela meu negócio é cerveja e futebol.

👍 0 | Responder | 🚩



LIZABRASIL 26/11/2014 13h54

Adoraria que os homens fossem como meu Pai era... que adoravam cuidar e proteger a amada... fortes, que passassem segurança, quando meu Pai estava em casa me sentia segura e protegida, adorava o cheiro dele.. ele era sempre prestativo e ajudava a minha mae nos afazeres mais pesados... rrs ... não conheci nenhum assim ate hje no meu tempo.. eu seria submissa e adoraria ter um homem assim rrs acho que os homens de hje querem que assumamos o seu papel pra eles ficarem de boa...

👍 0 | Responder | Respostas (2) v | 🚩



Roger Jaime Rooty 23/08/2016 15h05

Não sei porque tem tantos carinhas aqui com tanta insegurança querendo ditar seus pré-conceitos do que são mulheres, do que elas pensam ou sentem. E dizer que "mulher é emocional, homem é racional" é de uma bobagem enorme e mostrar que não sabe nada sobre mulheres. E a maioria aqui é bem passional e exagerados porwue ficaram ofendidos sem bem entender o texto da Regina. Els é mulher, então ela pode dizer sua opinião sobre o que é ser mulher. Se alegarem questões "biológicas" pra velhos conceitos, então a "eugenia racial" estaria valendo pra que negros e outras etnias continuassem sendo tratadas como "interiores" à raça branca. Tem muito cara que comentou aqui se achando os "donos da razão". Coitados! Tem muito o que aprender invés de desejarem conceitos velhos.

👍 0 | Responder | 🚩



fishingman 04/09/2016 11h28

o que significa esse machoes? caras musculosos, depilados, que usam mais óleo corporal e creme do que uma mulher? se preocupam mais com o cabelo do que elas? isso é ser machao? me poupe. mulher gosta de homem de verdade.

👍 0 | 🗨️ Responder | 🚩

---



jessicamg 26/11/2014 15h46

Um monte de gente aqui dizendo que somos puramente biológicos e que a cultura não afeta em nada. Não afeta nada? Deve ser por isso que brasileiro é como suíço, norueguês, finlandês, australiano né? deve ser por isso que não conseguimos melhorar esse país. Brasileiro precisa sair do país e conhecer outras culturas, principalmente países desenvolvidos, aí sim vai realmente ver se a cultura é não determinante no comportamento de homens e mulheres. Gente que dá opinião sem ter visão de mundo é assim mesmo, dá palpite naquilo que não entende. Quando fizer uma viagem para Nueruega talvez mude de ideia.

👍 0 | 🗨️ Responder | Respostas (3) ▾ | 🚩

---



CKkj 25/08/2016 02h46

Não é uma questão de atrair machões... É o que a sociedade e a imprensa enfia goela abaixo... Mulher é carne e homem é músculo... A ordem dos fatores não altera o produto... As marombas ainda procuram por carne e os predadores pegam geral...60tonas ainda pagam de gatinha, meninas se transformam em "louquinhas sensação"... É Cultura... Não tem graça...

👍 0 | 🗨️ Responder | 🚩

---



Lindy. 14/09/2014 13h17

Os papéis sociais foram impostos pela sociedade e realmente são muito prejudiciais, outra prova para esta afirmação é o caso da Malala, que atiraram nela só porque para o Talebã meninas não podem ir a escola, porque para eles homens devem ir a escola e mulheres não devem ter acesso a educação por causa da biologia delas (só pq nasceram mulher). A maioria das diferenças entre os comportamentos masculinos e femininos são sim por causa da nossa cultura e da nossa sociedade, mas muita gente não percebe isso, pq estão acostumados a serem manipulados pela sociedade e patriarcado.

👍 1 | 🗨️ Responder | Respostas (4) ▾ | 🚩



CKkj    10/08/2016 20h41

Claro que a diferença é resultado da cultura de um povo... Não é uma questão de usar rosa e azul, comprimento de cabelos ou outros conceitos superficiais... Não é questão de tempo... Independente de qualquer evolução, novos nomes surgirão e se classificarão... Pegue um grupo de crianças e analise suas habilidades manuais... Independente da anatomia e conceitos... O grupo se subdivirá em subgrupos onde as atividades serão mais rudes ou delicadas, independente da anatomia, é a predisposição genética, esportes, violência, trabalhos manuais, atividades intelectuais... Os grupos se dividirão e os indivíduos se aproximam por suas semelhanças... Enfim, o que o futuro reserva não será diferente... O importante é aceitar os outros grupos e aprender conviver pacificamente independente de qualquer conceito pessoal.

👍 0 | [← Responder](#) | [🚩](#)



A.R Strombeck    10/04/2013 20h44

Tem algumas mulheres que nasceram pra dominar, e tem alguns homens que nasceram pra ser submissos, é óbvio! Não é um órgão sexual que vai determinar uma "personalidade submissa, ou dominante." As pessoas tem que entender que não é porque você tem uma VAGINA OU UM PÊNIS é que você vai gostar de rosa ou verde, de ter um poder de liderança ou não, de ter um talento ou não, de ser melhor em uma profissão ou não. Tem mulheres que são melhores em serviços mecânicos e tem homens que são melhores cozinheiros, etc.

👍 0 | [← Responder](#) | [🚩](#)



Rapha 🕒 26/11/2014 23h32

A galera parece que não tá entendendo, mas vamos lá ser didático. A Regina tá falando que existem diferenças anatômicas e fisiológicas entre as pessoas, mas que isso não JUSTIFICA a explicação de comportamentos X ou Y. A cultura influencia diretamente na construção dos sujeitos e das suas subjetividades. E os conceitos de FEMININO e MASCULINO são construídos SOCIALMENTE. Se entendemos que o CORPO-SUJEITO é masculino ou feminino significa que ainda temos conceitos arraigados das subjetividades das pessoas. E que isso atrapalha diretamente nas relações amorosas, pois ama-se a idealização de uma pessoa, quando isto pode ser uma mera ilusão. Homens e mulheres podem ser femininos e masculinos, em maior ou em menor grau, dependendo das diferentes situações. E até os corpos podem ser desviantes desse conceito engessado. Há homens com corpos femininos e mulheres com corpos masculinos. O estudo da sociedade não é uma fórmula de física. A coisa é + complexa

👍 0 | [← Responder](#) | Respostas (5) ▾ | 🚩



Danilo Vizibeli 🕒 10/08/2016 09h24

Discordo do colega que disse que o texto é superficial. Achei o texto muito embasado inclusive. Gostei muito. Muito reflexivo. Algumas ponderações que faço. Uma vez a Regina Navarro até me respondeu via twitter pois eu questioneei que masculino e feminino nunca deixarão de existir. Acho que as questões são terminologias. Masculino e Feminino como papéis sociais podem sim deixar de existir e já estão. Convivo com adolescentes na escola onde trabalho e hoje os meninos são às vezes até mais vaidosos que as meninas. Fazem cortes de cabelos modernos, passam pomada no cabelo, tratam da pele etc. Até bem pouco tempo isso considerado coisa de menina e de mariquinha. Graças a Deus já mudou. Então Masculino e Feminino são constructos históricos e sociais. Agora para mim Homem e Mulher sempre existirão, porque para usar um discurso religioso é a criação de Deus. Mas que pode mudar! Quem sabe! Pois não existem os hermafroditas? então. Tudo muda!

👍 1 | [← Responder](#) | Respostas (1) ▾ | 🚩



xbn9dvo722ot 🕒 29/01/2017 12h07

eu acho que sou bastante eu. quando me casei não adotei o nome de meu marido. no meu trabalho, batalhei muito mas recebia tanto ou mais que colegas homens. hoje aposentada, viuva, vivo independente. Nada a reclamar dos homens.

👍 0 | [← Responder](#) | [🚩](#)



NO TUBO! 🕒 25/01/2017 09h39

Hj em dia mulheres são muito mais independentes, trabalham tanto quanto homens em diversas funções e em muitos cargos ganham igual, e com as Leis Internacionais esta situação só melhora para a emancipação das mulheres. É um mundo novo pras mulheres de algumas décadas pra cá, então vejam o lado bom e evolução.

👍 0 | [← Responder](#) | [🚩](#)



Leninha Arruda 🕒 25/01/2017 09h07

Ganha-se e perde dos dois lados. As mulheres ganharam a liberdade de não ficar só em casa parindo, lavando e cozinhando, mais são cada vez mais responsáveis por sustentar a família e raramente encontra um parceiro que queira está ao seu lado. Os homens não são mais obrigados a ir trabalhar pra sustentar a família, e perde a mulher que se vendo independente, não aceita mais qualquer condição que lhe empurrem.

👍 2 | [← Responder](#) | [Respostas \(1\) ▾](#) | [🚩](#)

---



jessicamg 15/09/2014 17h40

Msincera opinião sobre o assunto: matéria criada para desviar a atenção de assuntos mais importantes. A coisa mais imbecil para ser feita é discutir papel social de homem e mulher a essa altura do campeonato. Criminalizar ou não a homofobia, casamento gay, são assuntos que visam distrair o leitor da matérias mais importantes e que vão melhorar a sociedade de fato. Esse papo de criar a filha pra ser princesa e o filho pra ser machão e pegador, esbarra numa questão simples: a sexualidade hoje é livre para homens e mulheres, o casamento não é mais obrigação, a mulher não é mais obrigada a fazer sexo com o marido, ninguém é mais obrigado a permanecer casado e etc. Sexo é via de mão dupla, de forma que o homem só transa se encontrar uma parceira sexual, não é algo que possa ser medido pois envolve n fatores. Vamos nos preocupar com a educação e segurança pública que é o que realmente importa.

👍 1 | 🗨 Responder | Respostas (1) ▾ | 🚩



seth sp 25/01/2017 00h35

Penso que as mulheres não apenas querem os mesmos direitos dos homens (o que acho justissimo)...O que parece é que elas querem o PRÓPRIO HOMEM....Querem se impor usando o "politicamente correto", para desconstruir e desqualificar o genero masculino...Os homens estão cada vez mais cientes disso e estão tb cada vez mais arisco....Isso acaba por ser um tiro no pé que as próprias feministas estão dando em si mesmas, pois faz recrudescer ainda mais o machismo criando ainda mais antagonismo entre os generos!

👍 3 | 🗨 Responder | Respostas (1) ▾ | 🚩



bonequinha sweet    ⌚ 24/01/2017 10h07

Eu acredito que ainda exista, a guerra entre os sexos, por haver uma desigualdade de poder e liberdade entre os homens e mulheres, exatamente o que o movimento feminista deseja igualar, mas os homens enxergam as feministas, como uma ameaça, o que vai acontecer é que cada vez mais, as mulheres vão se livrar das regras e valores do sistema patriarcal, e os homens vão continuar "aprisionados" pelas ideias do patriarcado ...

👍 0 | ↩ Responder | Respostas (2) ▾ | 🚩



ercampo    ⌚ 25/01/2017 08h59

Trata-se de uma "composição humana", milenar. Difícil mudar. A própria biologia de homem e de mulher apontam caminhos diversos. Entre os animais, não é diferente. A supremacia masculina persiste. Além de que a sociedade masculina, na região de campanha, do RGSul, possui um ditado popular cita que o gênero feminino pode tomar duas opções de vida: - para criar (Filhos + Família) ou para carreira (liberdade- independência). Parece que isso permanece, em TODA Sociedade, ou não ? a conferir...

👍 1 | ↩ Responder | 🚩



CDMMG    ⌚ 26/11/2014 08h59

Homem e mulher são diferentes e não se trata apenas de questões culturais. Temos que entender que apesar de ser racionais somos animais. E como animais que somos, homens e mulheres tem reações diferentes, instintos diferentes, reações químicas diferentes, vontades diferentes e várias outras coisas em termo de corpo e as reações que ele produz. O mundo moderno quer que as mulheres sejam iguais ao homens, não vejo problema disto, porém para tudo tem se um preço, e hoje em dia as estatísticas mostram que o numero de infarto em mulheres aumento muito, além de problemas com a depressão e ansiedade. O homem e a mulher são muito mas muito diferentes, quem é casado sabe muito bem disto, o resto é balela.

👍 9 | ↩ Responder | 🚩



Felipe Martinelli 23/08/2016 13h54

Como todo bom texto feminista, a culpa é sempre da sociedade machista patriarcal. A autora do texto ignora duas questões fundamentais: A sociedade mudou bastante hoje em dia, e nós ainda somos guiados por instintos. Em sociedades primitivas era mais vantajoso para a mulher ficar sob a proteção de um "macho alpha", mesmo que ele tivesse muitas outras mulheres. Ela garantiria descendentes melhores e teria a proteção do "macho", já ele em troca de proteger todas essas mulheres, teria varias opções de procriação. Essas decisões não eram tomadas de forma racional, mas sim totalmente instintivas, instinto esse que foi moldado ao longo de milhões de anos de evolução. Hoje em dia esses comportamentos ainda aparecem, e muitas mulheres simplesmente não sabem explicar porque elas gostam dos "canalhas", mesmo sabendo que eles tem várias outras mulheres. A explicação é simples: os "canalhas" de hoje são os "machos alphas" de ontem.

2 | Responder



guima27 14/09/2014 18h50

Diferenças biológicas (incluindo as hormonais) geram, naturalmente, diferenças comportamentais. Vê-se, hoje, uma tentativa, sem sentido, de eliminar essas diferenças. O que se deve eliminar é, na verdade, a desigualdade de "direitos" sociais. Obviamente, não me refiro aos direitos enquanto cidadãos, pois esses já estão equiparados pelas leis do estado, mas à aceitação social, eliminando o moralismo machista. Acho (mas apenas acho) que era nesse ponto que a colunista quis, sem sucesso, tocar



Emerson Luis 14/09/2014 10h49

As diferenças entre homens e mulheres não são totalmente arbitrárias. O fator biológico influi na percepção e no comportamento do individuo e é determinado pela Natureza e não pela sociedade. A biologia supera a ideologia relativista.

6 | Responder



Verite 26/11/2014 13h11

Somos seres biologicos, não culturais!

1 | Responder



J\_MAUROTR 🕒 26/11/2014 15h39

A diferença só é anatômica? E qual o órgão que "forma" a nossa anatomia? É o cérebro! Ou seja, os homens e mulheres são diferentes porque são biologicamente diferentes. A cultura exerce influência no comportamento, mas não explica tudo. Por exemplo, na Noruega, que é o país com maior igualdade entre os sexos, há profissões preferidas pelas mulheres e outras preferidas pelos homens. Forçar uma igualdade que não existe é que não pode. Nem melhor, nem pior. Homens e mulheres são diferentes e sempre serão. Surpreende um blogueira dessa envergadura ignorar por completo a biologia.

👍 0 | 🗨️ Responder | Respostas (1) ▾ | 🚩



Juquinha Zandro 🕒 23/08/2016 11h30

Simplesmente um ridículo texto. Não se pode mudar a natureza, não se pode alterar os papéis nem dizer de que o gênero não deve influenciar na vida do indivíduo. Homem é homem, mulher é mulher, que fora agraciada por Deus com a dádiva de gerar a vida. Logo sempre será frágil precisando sim de uma figura mais forte para proteger a todos.

👍 1 | 🗨️ Responder | 🚩



bbb\_010 🕒 26/11/2014 11h50

Eu já acho (na verdade não acho eu sei) que não é assim. A cultura tem um papel mínimo no comportamento humano. Nós somos apenas animais, sim somos racionais, falamos, vamos para a escola etc porém quando se trata de comer, sexo, sobrevivência somos animais como outro qualquer e nosso comportamento é ditado pelos genes.

👍 1 | 🗨️ Responder | 🚩



CDMMG 🕒 26/11/2014 08h59

Homem e mulher são diferentes e não se trata apenas de questões culturais. Temos que entender que apesar de ser racionais somos animais. E como animais que somos, homens e mulheres tem reações diferentes, instintos diferentes, reações químicas diferentes, vontades diferentes e várias outras coisas em termo de corpo e as reações que ele produz. O mundo moderno quer que as mulheres sejam iguais ao homens, não vejo problema disto, porém para tudo tem se um preço, e hoje em dia as estatísticas mostram que o numero de infarto em mulheres aumento muito, além de problemas com a depressão e ansiedade. O homem e a mulher são muito mas muito diferentes, quem é casado sabe muito bem disto, o resto é balela.

👍 9 | 🗨️ Responder | 🚩



Ravenlord 25/11/2014 10h21

Nunca se vendeu tantos "tarjas-pretas" como hoje. E a grande consumidor é o sexo feminino. Muitas descobrem tardiamente que ir contra sua natureza faz mal ao corpo e à mente.

👍 3 | 🗨️ Responder | 🚩



VERDUGO 25/01/2017 10h37

São mentalidades como a sua que incitam as diferenças. Atualmente existe uma necessidade alucinada de quererem se impor com o famigerado "empoderamento". Hoje tudo que vai contra essa obsessão neurótica é visto como machismo. Agora, pior que feministas são os "feministas" empunhando bandeiras para ficarem bem na fita.

👍 0 | 🗨️ Responder | 🚩



John Cobain 27/01/2013 06h57

É uma pena também vemos muitas mulheres imitando este modelo tão doentio do "homem forte"...E não nos esqueçamos do misógino, psicopata, que pode apresentar-se submisso por um tempo e depois passa a agredir a sua parceira, podendo até mesmo a matá-la, por conta do chamado "feminismo de mídia", que, embora bem intencionado pois visa promover (embora de maneira irresponsável e burra) a igualdade entre os sexos, desconsidera o fato de que o patriarcado já conta quase sete mil anos e não acabará da noite pro dia. As mulheres correm risco de morte nestes dias de transição de hábitos e tradições. As feministas deveriam deixar suas vaidades de lado e rever as suas estratégias de promoção de igualdade dos sexos...

👍 0 | 🗨️ Responder | 🚩



guima27 🕒 14/09/2014 18h50

Diferenças biológicas (incluindo as hormonais) geram, naturalmente, diferenças comportamentais. Vê-se, hoje, uma tentativa, sem sentido, de eliminar essas diferenças. O que se deve eliminar é, na verdade, a desigualdade de "direitos" sociais. Obviamente, não me refiro aos direitos enquanto cidadãos, pois esses já estão equiparados pelas leis do estado, mas à aceitação social, eliminando o moralismo machista. Acho (mas apenas acho) que era nesse ponto que a colunista quis, sem sucesso, tocar

👍 2 | [↩ Responder](#) | [Respostas \(1\) ▾](#) | [🚩](#)



Marcelo Henrique Souza 🕒 26/01/2013 15h44

Regina eu considero importante aprendermos a reconhecer e compreender que se estamos onde estamos foi porque escolhemos estar e se permanecemos no mesmo lugar também é escolha nossa. Mas fico aqui pensando que eu entender a situação não me ajuda muito a resolver o problema em questão, pois o sucesso ou o fracasso não depende do que me acontece, mas do que eu faço com o que me acontece ou seja como esse cara irá lançar mão de seus recursos internos na tentativa de desenvolver novas estratégias de enfrentamento?

👍 0 | [↩ Responder](#) | [Respostas \(2\) ▾](#) | [🚩](#)



caorefice 🕒 26/11/2014 11h55

Homem diferente de Mulher? Não somos todos diferentes? Ufa ainda bem. Querer graduar essa diferença é complicado. Fiquei maravilhado quando cheguei ao Nepal. No formulário da migração em sexo tinham as seguintes opções: masculino, feminino e outros. Adorei, se qualifique como preferir ou se sentir.

👍 0 | [↩ Responder](#) | [🚩](#)

**ANEXO B – Comentários: blog da Jarrid Arraes**



### Simone Menatti

Interesses distintos, bom, minha filha estuda em uma sala com mais meninos, ela quer ser menino na cabeça dela, só que o que eu percebo é que ela quer mesmo ter um super herói favorito com poderes como força, rapidez e inteligência, ela quer brincar de bola, torcer pro Corinthians, andar de skate, montar quebra-cabeça, enfim, brincar, mas, desde criança aprende que o mundo é rosa, aí, ela busc o azul, todos brincam de bola, e se ela ganha bonecas, não gosta... enfim, ela é uma menininha tentando entender pq o mundo dela tem q ser rosa com bonecas? Explicar que não é assim requer parceria entre pais e educadores e ...

[Like](#) · [Reply](#) · 22 · Jun 19, 2015 10:41pm



### Sol Nascimento ·

Rio de Janeiro, [Brazil](#)

Acho que cabe às próprias mulheres a tarefa de se libertar destes rótulos... Quando a mãe, desde o início, não se deixa enquadrar, dificilmente não será respeitada em seu estilo de vida. O problema é que em grande parte dos casos, a mulher se deixa levar por esse padrão de comportamento ditado pela cultura machista, compactuando com ele, e acaba então parecendo ser vítima dessa cultura, quando na verdade ela aceitou essa imposição desde o início... Sou de uma família com um histórico bastante machista e moralista, mas nunca aceitei cumprir o papel que eles esperavam de mim... hoje meu filho tem 16 anos, é um ser humano muito bacana e saudável, e minha família toda nos respeita verdadeiramente. A mulher não pode ser passiva e submissa, ela precisa ser ativa na derrubada desta cultura e não se importar tanto com as expectativas que as pessoas têm dela. Apropriar-se da sua vida é um direito que não se pode querer tirar de ninguém.

[Like](#) · [Reply](#) · May 10, 2015 10:04am



**Fabiana Coelho** ·

Federal University of Pernambuco

Não é tão simples assim Wellington. Em nossa família, jamais fiz distinção entre brinquedos de menina e de menino, cores de menina e de menino, atividades de menina e de menino. No entanto, um dia meu filho, de 8 anos, deixou de lanchar porque eu mandara o lanche em um pote cor de rosa (os outros iam zombar dele...) Um dia, ele ficou bravo porque não queria limpar a sujeira que tinha feito e disse que queria ter 18 anos pra ir embora de casa. Então eu expliquei que, quando ele morasse sozinho, precisaria limpar e arrumar sua casa. Sabe o que ele respondeu? - Pra que servem as mulheres??? E eu fiquei chocada, porque não educamos nosso filho assim. Existe uma cultura que precisa ser quebrada e a escola pode ajudar nesse processo.

[Like](#) · [Reply](#) · 12 · [Jun 22, 2015 6:52am](#)



**Kati Oliveira** ·

Works at EEI Noemia B. Raduan

Concordo com tudo menos com o "gênero neutro". Tenho um filho, um menino lindo e uma sobrinha que vive em casa. Menina tão delicada que chega a ser manhosa, e o menino tão agitado que chega a ser "grosso", enfim dividem brinquedos, sim carrinhos e bonecas, pique esconde, tudo na maior naturalidade. Na hora de limpar a casa, cada um contribui com algo.

Na sala de aula também vejo as coisas seguindo seu curso natural. Acredito que a criança ira aos poucos com conhecimento de mundo construindo sua identidade, não concordo com genero neutro, eles devem aprender juntos, por isso se interagem juntos em salas basicamente lotadas, como Meninos e Meninas!!! E se for para ser diferente com a mudança do mundo não será tão diferente.

Ha não quero discussão, é apenas uma opinião. Mesmo porque o preconceito começa quando não aceitamos a opinião dos putros. 😊

[Like](#) · [Reply](#) · 1 · [Jul 10, 2015 3:24am](#)



**Altair Sapelli** ·

Colégio Estadual Professor Julio Mesquita (Julião)

Até ai eu concordo, nós homem temos que ajudar as mulheres nós fazeres domésticos , e com as crianças.

[Like](#) · [Reply](#) · [Jun 19, 2015 10:28am](#)



**Vivian Pimentel Vianna** ·  
Works at Suno Engenharia  
Altair, não é ajudar. É dividir.

Ajudar seria se a responsabilidade fosse só dela, mas você fosse bacana é desse uma mãozinha.

Se o lar é dos dois, o trabalho é dos dois.

[Like](#) · [Reply](#) · 14 · Jun. 19, 2015 12:34pm

**Erika Emrich** ·

Rio de Janeiro State University

Excelente texto! Essa é uma questão seríssima, pois afeta a formação dos indivíduos e consequentemente de toda a sociedade! Quem determinou que rosa é para menina e azul para menino? E se a menina preferir azul e não gostar de rosa, é "menos feminina, por isso?" E se a cor preferida for verde, roxo, amarelo? E porque os homens continuam sendo servidos(em todos os aspectos) pelas mulheres? É justo as meninas e mulheres fazerem todo o enfadonho trabalho doméstico, enquanto os meninos só ficam com a parte boa do desfrute da casa limpa e arrumada, refeições nas quais sequer lavam a louça que també...[See More](#)



**Ma Theus**

Como pai e marido, que conheço minha mulher e a vejo em seus esforços, só tenho a dizer para as leitoras deste texto, na esperança vã de que se libertem deste engodo chamado "feminismo":

maternidade é sagrado. ponto. toda mulher deveria sentir o máximo de orgulho do mundo por isso.

a mulher deveria ter um auxílio-salário-maternidade de no mínimo 1 ano e meio e não deveria, jamais, trabalhar nesse período. a casa de todas os bebês e crianças deveria ser a mais limpa e higienizada possível.

nada há de maior nesta vida para uma mulher do que o sorriso de seu filho.

Se isso é "exploração machista e cultural" para algumas mulheres, só tenho a te dizer: - bullshit! Estão todas caindo num baita engodo de infelicidade. acredite! A mulher que dá à luz e fica com seu filho é EXTREMAMENTE feliz!

Por fim: quem não sabe o que é divisão justa de tarefas, jamais entenderá a diferença entre pagar as contas e alimentar um bebê.

[Like](#) · [Reply](#) · 1 · May 9, 2015 10:46am



### Luzinete Lima

Isso ocorre, mas acho que ainda vai demorar para mudar totalmente, viemos de uma sociedade machista, queremos mudar mas as vezes fico estupefata com as minhas próprias falas, tenho meninos e uma menina, mas não gosto que ela faça tudo o que eles fazem, acho que a educação que recebemos foi machista e infelizmente as próprias mulheres mesmo inconscientes, acabam colaborando para a não mudança.

Like · Reply · 6 · Jun 19, 2015 4:41pm



### Tati Mourao

Mogi das Cruzes

Eu penso que não é uma imposição da sociedade de que a menina seja mais protegida, dedicada ao afazeres domésticos e o menino não... Acho que já vem da natureza da mulher ser assim e do homem de ser o protetor, o provedor. O gênero existe ainda que não queremos vê-los, tá ali embaixo da calcinha, da cueca... Não existe como distorcer isso. Tb sou da opinião que certas questões devem ser trabalhadas na escola já que se nota em que muitas famílias esses valores são distorcidos, a criança vem de casa com prejuízos, preconceituosos e alguns manifestam até violência. Lembro de um fato muito interessante que me passou quando ainda era uma criança e minha vizinha me disse que eu poderia frequentar a casa dela, mas minha irmã não porque era muito pretinha e a família dela não gostava. Acho que isso ainda acontece muito por aí e que a escola deveria sim corrigir isso para que tenhamos uma sociedade mais tolerante, respeitosa com o próximo, menos preconceituosa.

Like · Reply · 4 · Jun 19, 2015 3:38pm



### Larissa Brum

Works at Federal University of Paraná

Olha Tati, o que os estudos de gênero apontam é que não existe essa suposta "natureza" que você acredita, que seria inato essas qualidades de homens e mulheres que você citou. Elas são construções sociais e históricas e passam por um longo processo, assim com o passar do tempo elas tendem a serem percebidas como algo "natural", mas, que não é. Gênero é diferente de sexo, que por sua vez é diferente de sexualidade. Talvez você não tenha percebido, mesmo você vivenciando uma violência, como o caso do preconceito contra sua irmã, você está sendo machista. O machismo mata cada dia milhares de mulheres pelo mundo. Não podemos limitar as mulheres, os homens, trans... à uma única coisa. Sugiro que você leia alguns artigos sobre a categoria gênero. Segue o link de um; [https://repositorio.ufsc.br/.../1210/scott\\_gender2.pdf...](https://repositorio.ufsc.br/.../1210/scott_gender2.pdf...)

Like · Reply · 9 · Jun 20, 2015 5:39pm



**Camila Bandeira**

Corretíssimo!

Imprescindível debate nas escolas, ajuda a desconstruir mt bobagem que aprendemos e que so gera intolerância, desrespeito e violência.

O debate de gênero é importante, é preciso, é urgente!

So msm o senso comum e o preconceito não vê a grandeza desse debate!

[Like](#) · [Reply](#) · 4 · Jul 11, 2015 10:17am · Edited



**Anete Perrone**

Secretária Especial de Políticas Publicas para Mulheres, Juventude e de Promoção dos Direitos Humanos at Coordenadora de Políticas Públicas para Mulheres

Fundamental discutir gênero na escola.... Sem esse debate estaremos fomentando o machismo, e sexismo e a homofobia, mesmo que inconscientemente....

[Like](#) · [Reply](#) · 5 · Jul 25, 2015 3:13pm



**Lukács Rocha**

Professor at [Colegio Pelicano](#)

Excelente matéria! Como professor, concordo plenamente que este é um tema que deve ser discutido na escola de forma séria e responsável, sem ideologização barata. Ademais, um aviso aos neandertais de plantão: os tempos mudam e vão suplantando a ignorância de outrora...

[Like](#) · [Reply](#) · 1 · [Feb](#) 19, 2016 2:05pm



**regina ferreira** 2 years ago [Responder](#)

**Vai demorar um pouco mas a gente chega la.Igualdade na s diferenças**



**Robelania Gemaque**

Works at Seduc PA

Feliz todo dia a todas às mães, que sejam dias construídos no respeito à dignidade e direitos de todas nós.

[Like](#) · [Reply](#) · 7 · May 9, 2015 9:42am

Por Jarid Arraes  
maio 9, 2015 11:29

Redes Sociais  
Compartilhe



TAGS: [Dia das mães](#) [Feminismo](#) [machismo](#) [Maternidade](#)